



Departamento de História

Hotel Palácio Estoril - Turismo e lazer em tempos de mudança (1930-1945)

Gracinda Maria Gil Marques Borrero Vicente

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em História Moderna e Contemporânea  
Especialidade em Cidades e Património

Orientadora:

Doutora Maria João Vaz, Professora Auxiliar  
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Maio, 2019



Departamento de História

Hotel Palácio Estoril - Turismo e lazer em tempos de mudança (1930-1945)

Gracinda Maria Gil Marques Borrero Vicente

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em História Moderna e Contemporânea  
Especialidade em Cidades e Património

Orientadora:

Doutora Maria João Vaz, Professora Auxiliar

ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Maio, 2019

## Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero agradecer à professora Maria João Vaz, orientadora desta dissertação por todo o apoio, disponibilidade e dedicação que demonstrou ao longo deste período, tendo sempre mantido uma postura orientadora e motivadora. Não posso deixar de mencionar que em relação ao meu percurso académico esta dissertação de mestrado é o corolário de uma vontade muito antiga de “saber” História.

A todos os meus professores do mestrado, venho expressar toda a minha gratidão e apreço pelo saber que me transmitiram e que se reflectiu na feitura desta dissertação.

Esta investigação foi fruto de vários trabalhos académicos para diferentes unidades curriculares, onde foram encontradas bases para o início deste projecto que evoluiu para uma dissertação de Mestrado.

Em segundo lugar quero agradecer à minha família, em especial aos meus filhos e marido, por acreditarem em mim e nas minhas capacidades e estarem sempre disponíveis para me ajudarem e motivarem.

Aos meus amigos, que de forma indirecta me deram apoio e fizeram acreditar, um agradecimento.

Por fim, e não menos importante, um muito obrigada a todos os membros dos arquivos, bibliotecas e outros centros afins visitados, cujo apoio e ajuda contribuiu para a realização deste projecto.

## Resumo

Pretendo estudar, nesta dissertação, o papel pioneiro do Hotel Palácio Estoril, como agente de mudança, tendo em vista a promoção e o desenvolvimento económico e social da zona e da região. A escolha do período de 1930 a 1945 é justificada pela importância que o hotel representou a nível social, político, económico e cultural em Portugal, desde o ano da sua inauguração até ao fim de Segunda Guerra Mundial.

A história do Palácio Hotel é indissociável do projecto de criação do Estoril, enquanto estância de turismo de renome internacional. Desde finais do século XIX que se acalentava este projecto, só concretizado nos anos 30 do século seguinte, num contexto político diferente daquele que existia quando o projeto começou a ser referido.

Fausto de Figueiredo foi o empreendedor determinante na realização deste projecto. Envolveu a sociedade civil e a política, recorreu aos seus contatos internacionais, utilizou a propaganda nacional e pessoal e, contra “tudo e todos”, conseguiu que, em 30 de agosto 1930, fosse inaugurado o grandioso Hotel Palácio.

Nesta dissertação procura-se demonstrar que a existência desta infraestrutura de turismo originou uma alteração nos comportamentos, formando grupos de influência, ao mesmo tempo que promoveu o desenvolvimento económico da região. Para melhor compreender este fenómeno, além da consulta e análise de bibliografia, recorreu-se a fontes primárias. Nesse sentido, foi feita uma pesquisa nos jornais e revistas da região do Estoril para o período de 1930 a 1945; consultaram-se as Actas do Fundo de Turismo da Costa do Sol, conservadas no Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Cascais, para o período que vai de 1930 a 1945; foram consultados os Albúns de Fotografias produzidas na época no Palácio Hotel, para o período de 1930 a 1945, e que estão atualmente à guarda do Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Cascais, foram consultadas e analisados dados estatísticos existentes no Instituto Nacional de Estatística; consultou-se e analisou-se os Boletins de Alojamento de Estrangeiros no Palácio Hotel, para o período de 1939-1945; entrevistou-se uma funcionária do Hotel Palácio. Por fim, recorreu-se ainda ao levantamento e interpretação de documentação variada existentes no Centro de Documentação do Turismo de Portugal.

Palavras-chaves: Palácio Hotel, Turismo, Estoril, Fausto de Figueiredo, Segunda Guerra Mundial.

## Abstrat

I intend to study, in this dissertation, the pioneering role of the Hotel Palácio Estoril, as agent of change, in view of the promotion and economic and social development of the area and the region. The choice of the period from 1930 to 1945 is justified by the importance that the hotel represented at the social, political, economic and cultural level in Portugal, from the year of its inauguration until the end of World War II.

The history of Palácio Hotel is indissociable from the Estoril creation project as an internationally renowned tourist resort. Since the end of the nineteenth century, this project was celebrated only in the 30s of the following century, in a different political context from the one that existed when the project began to be referred to.

Fausto de Figueiredo was the decisive entrepreneur in the realization of this project. It involved civil society and politics, resorted to its international contacts, used national and personal propaganda and, against "everything and everyone", succeeded in opening the grandiose Hotel Palace on August 30, 1930.

This dissertation tries to demonstrate that the existence of this tourism infrastructure originated a change in the behaviors, forming groups of influence, at the same time that it promoted the economic development of the region. In order to better understand this phenomenon, in addition to consulting and analyzing bibliography, primary sources were used. In this sense, a survey was made in the newspapers and magazines of the region of Estoril for the period from 1930 to 1945; the records of the Costa do Sol Tourism Fund were consulted, preserved in the Historical Archive of the Cascais City Hall, for the period from 1930 to 1945; the Albuns of Photographs produced at that time in the Palácio Hotel, from 1930 to 1945, which are currently under the custody of the Historical Archives of the Cascais City Hall, were consulted and analyzed by the National Statistical Institute; it was consulted and analyzed the Bulletins of Accommodation of Foreigners in the Palace Hotel, for the period of 1939-1945; an employee of the Hotel Palacio was interviewed. Finally, it was also used the survey and interpretation of varied documentation existing in the Documentation Center of Tourism of Portugal.

Keywords: Hotel Palace, Tourism, Estoril, Fausto de Figueiredo, World War II.

## Índice

1. Parte I – Introdução.....	1
1.1. Apresentação do tema.....	1
1.2. Problemática .....	2
1.3. Fontes e Metodologia .....	3
1.4. Estado da Arte e objetivos .....	4
2. Parte II - Desenvolvimento do Estoril.....	6
2.1. A inauguração do Hotel Palácio e as repercussões.....	6
2.2. Como começa este desenvolvimento .....	13
2.3. Nova forma de estar – O lazer .....	15
2.4. O elemento diferenciador- O clima.....	18
2.5. O empreendedor - Fausto de Figueiredo.....	20
2.6. Conclusão.....	21
Parte III - O Hotel .....	23
3.1. O projecto inicial .....	23
3.2. O Hotel finalmente. Contexto nacional e zona envolvente.....	27
3.3. O Hotel e as infraestruturas de apoio.....	35
3.3.1. A linha de comboio.....	36
3.3.2. Ligação rodoviária.....	41
3.3.3. Telecomunicações.....	42
3.3.4. Outras infraestruturas de Apoio.....	43
3.4. Necessidade de Formação... e o problema da remuneração.....	43
3.5. A promoção do Estoril.....	46
3.6. O grande financiador do Hotel Palácio e do projecto .....	51
3.7. Conclusão.....	52
Parte IV - Os Hóspedes .....	53
4.1. Os ingleses na década de 30.....	54
4.2. O turismo científico na década de 30 .....	57
4.3. O “glamour” na década de 30.....	58
4.4. Os espanhóis na década de 30 .....	61
4.5. A “nuvem negra” que paira sobre fluxo de turismo estrangeiro.....	64
4.6. Os hóspedes refugiados .....	66
4.7. Os hóspedes estrangeiros, novos comportamentos as novas vivências.....	75

4.8. As duas realidades: Hóspedes cosmopolitas e a população local humilde...	79
4.9. Conclusão.....	81
Parte V -Conclusão .....	82
Fontes e Bibliografia.....	85

## Índice de Tabelas

Tabela 1 – Movimento de hóspedes no Hotel Palácio (agosto 1930 - março 1933) .....	8
Tabela 2 – Hotéis em Portugal (publicados na <i>Revista Turismo</i> ) entre 1936 a 1944.....	28
Tabela 3 – Palácio Hotel - Hotel de luxo - modalidades de estadia em 1937.....	31
Tabela 4 – Hotel Parque –Hotel de 1ªclasse- modalidades de estadia em 1937.....	31
Tabela 5 – Novos Vencimentos dos Oficiais, Guardas-Marinhas e Cadetes 1939.....	32
Tabela 6 – Diárias estrangeiros nos Hotéis do Estoril e do Monte Estoril (1940-1945).	33
Tabela 7 – Hóspedes estrangeiros por nacionalidades no Estoril em 1939.....	69
Tabela 8 – Estrangeiros por nacionalidades em Portugal.....	70

## Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Hóteis de luxo em Portugal -1936 .....	29
Gráfico 2 - Evolução de passageiros e Imposto Ferroviário do Caminho de Ferro do Estoril.....	41
Gráfico 3 -Telecomunicações no Estoril .....	42
Gráfico 4 -Telecomunicações de Lisboa e Porto .....	42
Gráfico 5 -Hóspedes inscritos nos Boletins de Alojamento do Hotel Palácio.....	68
Gráfico 6- Hóspedes estrangeiros nos Hóteis e nas Pensões no País.....	71
Gráfico 7 - Hóspedes estrangeiros nos Hóteis do Estoril e no País.....	71

## Índice de Figuras

Figura 1- Anúncio de Cabeleireiro de senhoras.....	9
Figura 2 - Anúncio de Cabeleireiro de senhoras em inglês.....	9
Figura 3 - Anúncio de Cabeleireiro de Senhoras, Perfumaria e Barbearia .....	9
Figura 4 - Anúncio da actividade de construção civil .....	10
Figura 5 - Anúncio da Joalharia, Ourivesaria, Relojoaria e Pratas .....	10
Figura 6 - Anúncio de Pastelaria “Rendez Vous do Parque”.....	11
Figura 7 - Estação Telégrafo-Postal Arcadas Estoril.À esquerda, pacote do HP .....	12
Figura 8 - Fausto de Figueiredo.....	20
Figura 9 - Estoril -Estação Marítima, Climatérica, Thermal e Sportiva.....	23
Figura 10 - O Futuro Estoril- Aspecto entrada Parque, Estabelecimento Thermal e do Casino, vistos do terraço do Palace Hotel em 1914.....	25
Figura 11 - Panorâmica do Estoril. Ao centro; fundações do Casino Estoril; à direita Hotel Palácio, Termas e Arcadas do Estoril em 1930.....	25
Figura 12 - O Hotel Palácio em 1914 .....	26
Figura 13 - O Palácio Hotel em 1930.....	27
Figura 14 - Anúncio do Hotel Palácio e os meios ferroviários em 1933.....	36
Figura 15 - Anúncio do Hotel Palácio e os comboios electricos em 1934.....	36
Figura 16 - Estação do Estoril antes das obras de electrificação de 1926.....	37
Figura 17 - Estação do Estoril depois das obras de electrificação de 1926.....	38
Figura 18 - Fotografia da «Chegada ao Estoril, no Sud, dos primeiros delegados ao Congresso Internacional do Turismo.....	39
Figuras 19 e 20 - 1930 -Prospectos turisticos Sociedade Propaganda Costa Sol.....	47
Figuras 21 e 22 1930 - Takamatsu, irmão de Hirohito, imperador do Japão, em recepção no Hotel Palácio (na figura da direita ao centro está o marechal Carmona.....	53
Figura 23 - Partida no Campo de Ténis do Estoril .....	55
Figuras 24 e 25 - 1930 Golfistas e caddie no Campo de Golfe e Golfistas no Campo de Golfe do Estoril .....	55
Figuras 26 e 27 - Prova automobilística, junto Casino Estoril. Ao fundo o Hotel.....	57
Figura 28 - Refeição no Hotel Palácio.....	59
Figura 29 - Baile no Hotel Palácio.....	60
Figura 30 - Baile de gala no Hotel Palácio.....	60

Figura 31 - Refeição no Hotel Palácio- Almoço temático.....	60
Figuras 32 e 33 - Autocarro da carreira Lisboa-Madrid, nas traseiras e na frente do Hotel Palácio.....	62
Figura 34 - Boletim Individual e de Alojamento de Estrangeiros de Ian Fleming no Hotel Palácio 1941.....	73
Figura 35 - Boletim Alojamento de Estrangeiros: Antoine de Saint Exupery no Hotel Palácio 1940.....	74
Figuras 36 e 37 - Aula de ginástica e banhistas na Praia doTamariz.....	76
Figuras 38 e 39 - Aula de ginástica e banhistas na Praia do Tamariz.....	76
Figura 40 e 41 - Banhistas e os barcos na Praia do Tamariz,.....	76

## Parte I - Introdução

### 1.1- Apresentação do tema

O objecto de estudo desta dissertação é o Hotel Palácio Estoril, aqui interpretado e analisado enquanto agente de mudança, no contexto de implementação do primeiro projecto de internacionalização do turismo em Portugal.

Indo ao encontro do espírito da época, em que se salienta o despontar da moda de veraneio, sobressaindo como exemplos a Riviera italiana e a Côte d'Azur francesa, num contexto de mudança de regime, com a queda da monarquia em Portugal e a implantação da República, em 1910, e com a valorização das zonas litorais portuguesas, é lançado, em 1914, por Fausto de Figueiredo, o projeto Estoril com a publicação da brochura *Estoril-Estação Marítima, Climaterica, Thermal e Sportiva*. Nesta dissertação percorre-se a criação de um empreendimento no Estoril, num contexto em que o Turismo é percebido como uma actividade económica cheia de potencialidade<sup>1</sup>.

O projecto pensado para o Estoril, zona de veraneio junto a Lisboa, contemplava a construção de várias infraestruturas hoteleiras e de lazer, a edificação de um hotel denominado Hotel Palácio, um campo de golfe, um Casino, entre vários outros equipamentos referenciados na publicação de 1914. Mas, com o eclodir da Primeira Guerra Mundial, o projeto vê adiada a sua concretização e será na década de vinte, com o projecto já reformulado, que surgirão as várias infraestruturas, bem como a electrificação da linha férrea que liga Lisboa a Cascais, bem como a obtenção da concessão de jogo, em 1927.

Em 31 de Agosto de 1930 é inaugurado o Hotel Palácio, sendo então considerado um dos maiores, um dos mais modernos e um dos mais luxuosos hotéis de Portugal. Assim, o nosso estudo terá como baliza temporal inferior o ano de 1930 e procurará acompanhar as dinâmicas que o hotel protagonizou e acompanhou até ao ano de 1945, quando termina a Segunda Guerra Mundial e a frequência do hotel deixa de refletir as consequências dos tempos de guerra até então vividos.

O período de estudo começa com a inauguração deste Hotel, descrito como grandioso e em sintonia com a chegada de uma clientela cosmopolita, vinda de várias partes do mundo, com costumes, maneiras e formas de estar que surpreendem a sociedade local. Uma afluência que foi conseguida graças à promoção feita, em conjunto, por Fausto de Figueiredo e pelos organismos públicos e privados vocacionados para tal.

Neste período de quinze anos, a vivência e a reputação mundial do hotel consagrou-se, com festas e eventos elegantes e com recomendações muito favoráveis de vários organismos internacionais ligados ao turismo. No final da década de 1930, com o eclodir da Segunda Guerra Mundial, chegam ao hotel forasteiros impelidos por estranhos interesses, alguns deles antagónicos, primeiro os refugiados, depois os espíões de diferentes quadrantes, referindo-se que «sendo de notar que o pessoal do hotel esteve

---

<sup>1</sup> PACHECO, Cristina (2004), *Boletins de Alojamento de Estrangeiros do Hotel Palácio 1939-1945*, Cascais, CMC, p. 20.

sempre à altura desta fervelescência de acontecimentos, mantendo sempre uma postura de grande dignidade e profissionalismo»<sup>2</sup>.

O Palácio Hotel, virado para o conceito de luxo, introduziu também novas oportunidades laborais e económicas, um maior número de passageiros nos comboios, o incremento das receitas de jogo e, a nível social, desencadeou alterações de comportamento e de diferentes experiências de viver.

O período em estudo termina com o fim de Segunda Guerra Mundial, o que se justifica pela alteração do contexto internacional que suscitou novas dinâmicas na sociedade mundial e, em particular, na tipologia dos utilizadores que afluíam ao Palácio Hotel.

## 1.2- Problemática

Para melhor compreender o papel do Hotel no desenvolvimento económico e social sobretudo numa perspetiva local, define-se uma problemática para tal dirigida e determina-se uma metodologia que permita responder às questões colocadas e cumprir os objectivos inicialmente definidos para este estudo.

Desta forma, a pesquisa realizada desenvolve-se à volta das seguintes questões:

- Qual a importância do Hotel no contexto local?
- Qual a importância do Hotel na dinâmica económica e social na zona e na região?
- O turismo de luxo que o Hotel veio proporcionar influenciou uma alteração dos costumes na zona do Estoril?
- Como é que acontecimentos externos, como a Guerra Civil Espanhola e a Segunda Guerra Mundial, influenciaram o percurso e a actividade do Hotel?

Contudo, as questões de partida suscitaram novas perguntas, que foram direccionadas diretamente para o tratamento de aspetos concretos e mais circunscritos relativos ao objeto de estudo.

Quais os impactos do Hotel na zona do Estoril? Esta questão remeteu-nos para a análise da sua arquitectura, moderna e arrojada, acompanhando as tendências do que se impunha pela Europa. Neste sentido, o Hotel foi um dos elementos diferenciadores na paisagem do Estoril, pois de zona de pinhal com termas surgiu uma urbanização turística de luxo, em que o Hotel Palácio catalisou um novo tipo de experiência. Para responder a este tema recorri sobretudo a bibliografia específica.

Que novas actividades económicas surgiram na zona e na região? Em relação à dinâmica que o Hotel desencadeou no mercado de trabalho, questionei que tipo de empregos gerou (?); que tipo de formação foi implementada para formar os seus funcionários, teórica ou prática (?). Para tal, procedi à consulta da literatura da época.

Em relação ao impacto das novas vias de acesso que surgiram para completar as acessibilidades à estância de Turismo, que tinha como epicentro o Hotel Palácio, salientou-se a ligação ferroviária eletrificada a Lisboa e a Paris através do Sud Express, que permitiu que se registasse um crescente número de passageiros e de receitas ferroviárias. Desta forma questionei quantos bilhetes de comboio teriam sido vendidos e

---

<sup>2</sup> GUIMARÃES Manuel e VALDEMAR, António (2001), *Grandes Hoteis de Portugal*, Lisboa, Edições Inapa, p.136.

que receitas teriam sido realizadas na linha do Estoril? E que influência teve em termos nacionais? Com recurso à consulta das estatísticas do Instituto Nacional de Estatística (INE), fiz uma análise comparativa para o período de 15 anos definido para o estudo, que permitiu elucidar sobre o impacto positivo que teve na zona e na região mais alargada.

As respostas a estas duas últimas questões ilustram como o Hotel interagiu e influenciou a actividade económica e social no Estoril e na região.

Outro aspeto questionado foi a influência do Hotel em relação à alteração dos costumes. Que novas práticas sociais emergiram com a chegada dos turistas que vinham para este hotel? Que actividades eram oferecidas pelo Hotel para o bem-estar dos hóspedes? Como é que o modo de vida dos hóspedes estrangeiros influenciou a “vizinhança”, os que habitavam no local?

Por fim, procurou-se conhecer o impacto e a forma como foram vividos neste hotel de luxo alguns dos conflitos armados que eclodiram na época e cujas consequências chegaram a Portugal, como é o caso da Guerra Civil de Espanha e da Segunda Guerra Mundial. Todas estas questões serão percorridas e analisadas de forma contextualizada ao longo das três grandes partes em que a dissertação se divide: O Desenvolvimento do Estoril; O Hotel; Os Hóspedes.

### 1.3- Fontes e Metodologia

Após a definição da problemática em estudo, importa refletir sobre a forma como se procurou desenvolver a pesquisa.

As fontes primárias com informação relevante para as questões em estudo, no período definido, não são muito abundantes ou, pelo menos, não são de fácil localização e acesso. A consulta de fontes fotográficas revestiu-se de alguma dificuldade, considerando o período em causa. O próprio hotel terá entregado à guarda do Arquivo Histórico Municipal de Cascais o acervo que possuía: um conjunto de álbuns de fotografias de atividades lúdicas realizadas no Estoril e no Hotel, onde predomina o ano de 1930, salpicado com fotos de anos posteriores, nomeadamente de 1940. Nesta investigação procurei centrar-me no estudo e interpretação das fotografias, tendo em vista a mensagem que se procura transmitir através destas representações.

Ainda no âmbito das fontes primárias consultei as Actas do Fundo de Junta de Turismo da Costa do Sol, um conjunto documental constituído por duas Caixas, tendo sido encontrado para as datas pretendidas 5 livros e 1 caixa. Contudo, a informação que retive não foi relevante para a história do Hotel Palácio.

Em contraste, o acesso à informação dos «Boletins de Alojamento de Estrangeiros do Hotel Palacio», organizado por Cristina Pacheco, da Câmara Municipal de Cascais, foi bastante rico, mas apenas contempla o período de 1939 a 1944, contribuindo para a compreensão da tipologia dos hóspedes do Hotel Palácio durante esse período.

Numa tentativa de intensificar a utilização de fontes primárias para contextualizar os vários temas que me propôs analisar sobre o Hotel Palácio, pesquisei o jornal *O Estoril*, consultando todos os números que se encontram à guarda da Hemeroteca de Lisboa, com datas compreendidas entre 13 de maio de 1933 até 28 novembro de 1944.

A informação recolhida neste periódico permitiu situar-me no contexto do temporal e espacial, pois apresentava reportagens sobre variados assuntos que faziam

parte das vivências no Estoril, com repercussões na esfera social e económica, com publicidade sobre as variadas actividades que foram surgindo e com notícias sobre o Hotel.

Pesquisei ainda informação na *Revista do Turismo*, de âmbito nacional, com periodicidade bimensal/mensal, sobre hotéis em Portugal. Na Hemeroteca de Lisboa consultei a revista desde o nº1, de maio de 1936, até ao último número, do ano de 1945.

De referir que o primeiro contato que tive sobre o passado do Hotel foi através da secretária de direcção do Hotel, que me referiu que, para o período de 1930 a 1945 não havia nenhum arquivo. Contudo, contextualizou-me na época em termos históricos, considerando aquilo de que tinha conhecimento.

Do mesmo modo, contatei uma técnica do Centro de Documentação do Turismo de Portugal, que fez referência a obras que, de alguma forma, teriam algo com interesse para o estudo do Hotel Palácio.

Os hotéis referenciados na *Revista do Turismo* são os «recomendados», podendo não constar a totalidade dos hotéis existentes em Portugal. Contudo, esta insuficiência não foi relevante para a análise da tendência do setor hoteleiro neste período em Portugal. Com a particularidade de que, em 1936, o Hotel Palácio do Estoril surge como «uma pedrada no charco»: tem 200 camas, contra as 120 camas do Bussaco Palace e as 34 camas do Aviz Hotel, uma situação que se mantém durante o período em estudo.

Para além da importância e atenção dada às fontes primárias, impôs-se a pesquisa bibliográfica que foi bastante complexa e diversa, sendo necessária a consulta de obras produzidas por áreas diversas do conhecimento. As obras consultadas para o estudo do objeto proposto dividiram-se em três conjuntos essenciais. Pesquisou-se e consultou-se bibliografia sobre a História do Turismo, tanto portuguesa como estrangeira, de modo a estabelecer ligações e poder contextualizar num âmbito mais alargado as questões que seriam tratadas. Consultou-se, igualmente, a bibliografia sobre a época, nomeadamente sobre o Estado Novo, a Guerra Civil Espanhola e a Segunda Guerra Mundial, para um melhor conhecimento geral do contexto e possibilidade de interpretações mais informadas relativamente às questões pesquisadas. Foi ainda consultada bibliografia sobre o Turismo, nomeadamente o turismo no Estoril, com evidência para o Hotel Palácio, que se demonstrou de grande utilidade e apoio para a análise das fontes primárias e interpretação da informação aí recolhida.

#### 1.4- Estado da Arte e objetivos

Esta dissertação procura apreender o papel pioneiro desenvolvido pelo Hotel Palácio enquanto agente de mudança, com impacto sobretudo local. Para a realização deste trabalho considerámos a história do turismo português, no eixo Estoril-Cascais, desde os primórdios do século XX até ao fim da Segunda Guerra Mundial. Com o protagonismo do Hotel Palácio em evidência, pretendi compreender como o lazer, as novas formas de usufruir o tempo livre, os diferentes comportamentos dos hóspedes estrangeiros foram percebidos pela população portuguesa e, em paralelo, como é que o crescimento económico desta indústria de luxo teve impacto no desenvolvimento local e nacional. Não esquecendo o ponto de vista político, procurei também captar como é que o poder utilizou o protagonismo e o ambiente de *glamour* internacional, na construção do qual

o Hotel Palácio tem um peso muito importante, para a transmissão da imagem de um País moderno e desenvolvido, tanto para o exterior como para dentro do próprio país.

Esta análise, em parte, irá ser realizada através do recurso a documentos da época, com interpretação em termos históricos, onde se possa perceber os vários impactos, sociais, económicos e financeiros.

O Hotel Palácio como protagonista do *glamour* retrata os novos tipos de usufruir o tempo livre, nomeadamente as várias actividades desportivas e as festas temáticas. Neste caso, foi de grande importância a utilização de fotografias da época, enquanto fonte de informação, devido à existência de um espólio considerável que nos possibilita o conhecimento das novas vivências. Pretende-se igualmente, deste modo, valorizar a fotografia enquanto fonte histórica.

Interligando e seguindo a história do turismo nas suas várias etapas, desde o seu surgimento até aos dias de hoje e, no caso específico, o emergir do eixo Sintra-Cascais-Estoril, de local de descanso da realeza portuguesa no século XIX, em Sintra e Cascais, dos capitalistas de Lisboa no Monte Estoril, na segunda metade do século XIX, à posterior descoberta e consagração do Estoril, especialmente por estrangeiros e por uma parte da elite portuguesa, na primeira metade do século XX, que nos remete para um período controverso, mas também aureo por que passou o espaço contemplado na nossa análise.

Estes aspetos já foram objecto de análise nas teses de Maria da Graça Briz<sup>3</sup>, Maria Cristina de Carvalho dos Anjos,<sup>4</sup> Maria Luísa Afonso Martins<sup>5</sup>, João Miguel Rodrigues Henriques<sup>6</sup>, Carlos Manuel de Oliveira Severo<sup>7</sup>, bem como nos trabalhos de Raquel Henriques da Silva.

Nestes estudos, o século XIX e as primeiras décadas do século XX são os períodos privilegiados nas análises, uma tendência que, de resto, se observa na maioria dos trabalhos dedicados à história da *vilegiatura* balnear em Portugal. Contudo, há duas teses, já aqui referenciadas, que, interligadas, foram centrais para a minha pesquisa. A tese de doutoramento de Maria Cristina Anjos, *O Turismo no Eixo Costeiro Estoril-Cascais (1929-1939); Equipamento, Lazer e Promoção de Destino*, com enfoque em três perspetivas, a territorial (actividade turística alterou a paisagem física local), a social (reação das populações locais a mudanças implementadas), e a do cliente (impressões dos estrangeiros na definição de marca do Estoril), entre 1929 e 1939. Também foi de grande utilidade a tese de doutoramento de João Miguel Henriques, *Da Riviera Portuguesa à Costa do Sol (Cascais 1850-1930)*, que trata dos primórdios do Turismo em Cascais, salientando as alterações urbanas, sociais e económicas verificadas em todo o concelho durante a criação da «Riviera Portuguesa», entre 1850 e 1930.

---

<sup>3</sup> BRIZ, Maria da Graça (1989), *A arquitectura de veraneio. Os Estoris;1990:1930*, dissertação de mestrado em História de Arte, Lisboa, UNL-FCSH.

<sup>4</sup> ANJOS, Maria Cristina de Carvalho (2012), *O Turismo no Eixo Costeiro Estoril-Cascais (1929-1939); Equipamento, Lazer e Promoção de Destino*, dissertação de doutoramento em História, especialidade em História Regional e Local, Lisboa, UL-FL.

<sup>5</sup> MARTINS, Maria Luísa Afonso, (1996), *A vilegiatura marítima no século XIX de Belém a Cascais*, dissertação de mestrado em História Social e Contemporânea, Lisboa, ISCTE.

<sup>6</sup> HENRIQUES, João Miguel (2008), *Da Riviera Portuguesa à Costa do Sol (Cascais 1950-1930)*, dissertação de doutoramento em História Contemporânea, Lisboa, UL-Faculdade de Belas Artes

<sup>7</sup> Severo, Carlos Manuel de Oliveira (2011), *A cultura balnear na Costa do Sol: para um museu da praia*, dissertação de mestrado em Museologia e Museografia Contemporânea, Lisboa, ISCTE.

Ao fazer referência a estas teses quero destacar que, de certo modo, elas se complementam, contribuindo para um melhor conhecimento do Eixo Cascais-Estoril e do turismo de *glamour*, no período de 1850 a 1939. De acordo com os meus objetivos, pretende-se dar enfoque ao Hotel Palácio do Estoril e sua influência. Para isso recolhi, analisei e interpretei a informação história acerca do Hotel Palácio do Estoril e do meio envolvente, de 1930 a 1945, com vista a contribuir para o conhecimento do turismo em Portugal.

## Parte II - Desenvolvimento do Estoril

Ao escolher o Hotel Palácio como um dos elementos diferenciadores para o desenvolvimento económico e social da zona, considerei igualmente o facto de ele representar a modernidade e o cosmopolitismo, que não era habitual no País. Neste processo de análise do desenvolvimento do Estoril, começo pela inauguração do Hotel Palácio e as suas implicações, como elemento culminante deste processo, para de seguida voltar ao início do século XX escalpulizando as várias etapas até ao surgimento deste Hotel e debruçando-me sobre os fatores que contribuíram para este desenvolvimento: o lazer, o clima ameno e o empreendedor Fausto de Figueiredo.

### 2.1 - A inauguração do Hotel Palácio e as repercussões

No Estoril, o Verão de 1930 foi um período importante pela inauguração do Hotel Palácio e de mais dois acontecimentos de peso, um no âmbito dos transportes, com a chegada pela primeira vez ao Estoril do comboio Sud Express vindo de Paris; o outro no capítulo dos desportos marítimos, com o início da prática dos desportos náuticos na zona, com as elites a começarem a olhar para os barcos de recreio e a prática da vela como forma de ostentação social.

A 30 de agosto de 1930 é inaugurado o Hotel Palácio Estoril. Entre as classes sociais dominantes do País vivia-se um clima de optimismo, que é reforçado pela inauguração deste tipo de equipamento. Para ilustrar como a inauguração do Hotel foi um acontecimento a nível nacional, recorremos à notícia do *Diário de Lisboa*<sup>8</sup>, que dias antes da sua inauguração divulgava uma lista de esclarecimentos com seis alíneas, emitida pela Sociedade Estoril Plage, sobre o banquete inaugural, da qual destacamos: (1) a entrada seria feita pela porta principal – então virada para o Parque; (2) a *toilette* obrigatória era a casaca ou a farda – pela presença do Chefe de Estado; (3) haveria visita ao hotel antes ou depois do banquete, consoante se ultimasse o programa.

Na continuação da importância atribuída a esta inauguração, o próprio Fausto Figueiredo, no dia 29 de agosto, guiou uma visita dos representantes dos periódicos convidados, os quais ficaram maravilhados com a estrutura, os serviços e os electrodomésticos. A 30 de agosto decorreu a cerimónia oficial com a presença do general Carmona, o chefe do Estado, o qual agraciou Figueiredo com a Grã-Cruz da Ordem de Mérito Agrícola e Industrial.

Com notoriedade na sociedade da época, a partir dos finais de 1930 tornou-se comum o anúncio de “ceia de Natal, *réveillon*, festas de Carnaval e outros eventos elegantes regulares, no Palácio”. Igualmente, as agências ligadas ao sector automóvel faziam propaganda ao Hotel, referindo-se que “era recomendado por associações automobilísticas através de placas afixadas com o timbre da Automobile Association, de Inglaterra, do Automovel Club, de Espanha, e do Automobile Club, de França, aos sócios.”<sup>9</sup> Testemunha da notoriedade do hotel é também o facto de este ser frequentado por elementos da elite social internacional. De facto, passados dois meses da sua

---

<sup>8</sup> *Diário de Lisboa*, 16 de Agosto de 1930, p.4, citado por Anjps, Maria Cristina de Carvalho (2012), *O Turismo no Eixo Costeiro Estoril-Cascais*, p.7.

<sup>9</sup> ANJOS, Maria Cristina de Carvalho (2012), *O Turismo no Eixo Costeiro Estoril-Cascais*, p.76

inauguração, o irmão do imperador do Japão e sua mulher, que estavam em lua-de-mel, chegaram ao Estoril a 8 de novembro, tomando o Sud-Express em Madrid. Aí permaneceram três dias, pois partiram no dia 11 desse mesmo mês. É um episódio que ilustra a promoção do Hotel a nível mundial, mais à frente retomaremos este episódio.

Para demonstrar o sucesso dos primeiros anos de vida do Hotel Palácio, recorreremos à informação produzida em 1933 pela Sociedade Arredatária Internacional que, na altura, geria o Hotel Palácio, enviada ao Ministério das Finanças. O movimento do Hotel era assim descrito:

Tabela 1 – Movimento de hóspedes no Hotel Palácio (agosto 1930 - março 1933).

	1930	1931	1932	1933
Hóspedes	6 222	15 576	31 317	13 776
Crianças	315	609	2137	223

(Fonte: ANTT/AOS/CO/FI-5, pt.18 [folhas 517-520])

O movimento de hóspedes evidencia o crescimento da clientela. Em 1930, o hotel inicia atividade no último quadrimestre do ano. A novidade e aparato do equipamento, bem como o aproximar da época fria, ainda permitiu a presença de 6222 turistas, número que mais do que duplicaria em 1931, repetindo-se a subida no ano de 1932. Apesar de em 1933 estar só contabilizado o primeiro trimestre desse ano, os 13.776 registos de entrada representam quase metade do total de clientes alojados ao longo de todo o ano anterior (31.317 hóspedes). A nível etário salienta-se que o Hotel Palácio tinha como principal grupo de utilizadores os adultos, mas também que algumas das famílias que aí se alojavam se faziam acompanhar, certamente, dos seus filhos, considerando o número de crianças que surge como hóspedes do hotel.

Para evidenciarmos as repercussões, debruçando-nos sobre o projecto inicial. De acordo com a informação constante na brochura *Estoril- Estação Marítima, Climatérica, Thermal e Sportiva*, de 1914, Fausto Figueiredo previa a existência, à entrada do Parque, de “dois corpos de edifício em meia laranja destinados a estabelecimentos comerciais de artigos elegantes.”<sup>10</sup>

Demonstrando a concretização do que tinha sido planeado inicialmente, a atividade comercial nos anos trinta já era uma realidade em pleno crescimento, com o Hotel Palácio a participar nela. Para termos uma ideia da atividade comercial aqui praticada recorreremos ao jornal *O Estoril*, listando os anúncios publicados sobre as atividades que foram surgindo nas arcadas do Parque e também no próprio Hotel.

- 1- Instala-se uma Perfumaria do Parque e um Cabeleireiro de Senhoras. Este serviço começa no Hotel Palacio<sup>11</sup>, abrindo depois uma dependência na ala esquerda do Parque Estoril<sup>12</sup>. O anúncio umas vezes é publicado em português, outras vezes é publicado em inglês. Assim, estes serviços destinam-se a uma clientela portuguesa, mas muito em especial a clientes estrangeiras.

<sup>10</sup> Citado por Anjos, Maria Cristina de Carvalho (2012), *O Turismo no Eixo Costeiro Estoril-Cascais*, p.78.

<sup>11</sup> *O Estoril*, 14 maio 1933, nº78, p.5.

<sup>12</sup> *O Estoril*, 8 novembro 1934, nº128, p.6.

Figura 1-Anúncio de Cabeleireiro de senhoras



Fonte-*O Estoril*, 14 maio 1933, nº 78, p.5

Figura 2- Anúncio de Cabeleireiro de senhoras em inglês



Fonte-*O Estoril*, 8 novembro 1934, nº 128, p.6.

Figura 3- Anúncio de Cabeleireiro de Senhoras, Perfumaria e Barbearia

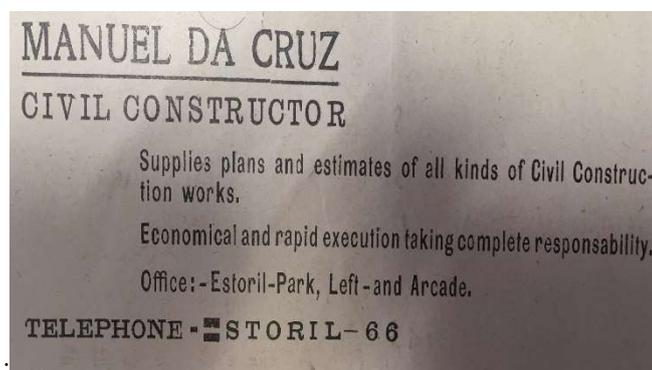


Fonte- *O Estoril*, 8 novembro 1934, nº 128, p. 6.

- 2- Encontram-se ainda actividade de construção civil. O anúncio é publicado em inglês ou em português, sendo que a empresa tem escritório nas Arcadas do Estoril<sup>13</sup>.

<sup>13</sup> *O Estoril*, 19 novembro 1933, nº 99, p.5; *O Estoril*, 29 abril 1934, nº 120, p.2.

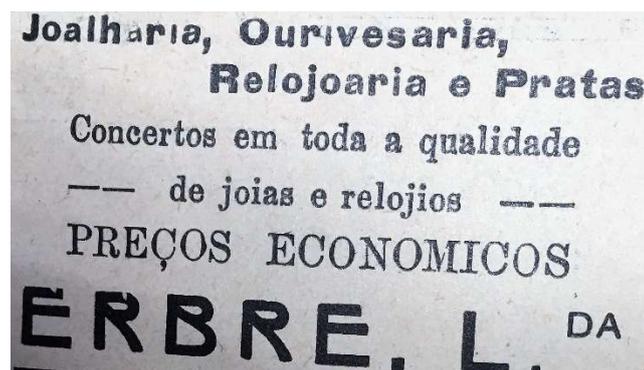
Figura 4- Anúncio da actividade de construção civil



Fonte - *O Estoril*, 29 abril 1934, nº 120, p. 2.

- Publicitam-se também a Joalharia, Ourivesaria, Relojoaria e Pratas, da empresa Erbre, Lda, com loja aberta na Galerias do Parque do Estoril<sup>14</sup>.

Figura 5- Anúncio da Joalharia, Ourivesaria, Relojoaria e Pratas



Fonte- *O Estoril*, 25 dezembro 1933, nº 104, p.3.

- Surge ainda a Empreza Electrica, com serviços de electricidade e “encanamento”, com morada nas Galerias do Parque, 8, Estoril<sup>15</sup>.
- Noticia-se também a Alfaiataria Estoril. O periódico *O Estoril* escreve “quer na maneira como procuram resolver e enfrentar a crise económica do seu ramo de comércio [...] os cuidados em bem servir os seus inúmeros freguezes com boas fazendas nacionais e estrangeiras, e de preços muito acessíveis, como no corte impecável de um muito hábil contramestre, não receando confronto com as casas da especialidade. [...] Não hesitamos em recomendar a Alfaiataria Estoril”<sup>16</sup>.
- É anunciada a abertura de Pastelaria “Rendez Vous do Parque”, na Casa de Chá do Parque do Estoril<sup>17</sup>.

<sup>14</sup> *O Estoril*, 25 dezembro 1933, nº 104, p.3 ; *O Estoril*, 25 dezembro 1934. nº 133, p.6.

<sup>15</sup> *O Estoril*, 25 dezembro 1933, nº 104, p.3.

<sup>16</sup> *O Estoril*, 25 dezembro 1934, nº 133, p.6 .

<sup>17</sup> *O Estoril*, 16 fevereiro 1935, nº 134, p.2 .

Figura 6 – Anúncio de Pastelaria “Rendez Vous do Parque”



Fonte - *O Estoril*, 16 fevereiro 1935, nº 134, p. 2.

- 7- Notícia-se a abertura do Bar Marisqueira: “Inaugurou-se há dias na ala esquerda do Parque do Estoril, um novo Bar, a que assistiram muitos convidados, tendo comparecido o Sr Guilherme Cardim, ilustre administrador delegado da Sociedade Estoril Plage”<sup>18</sup>.
- 8- Notícia-se a abertura da florista Jardim Selecto: “Inaugurou no sábado passado na ala esquerda do Parque do Estoril, ao lado do Desk bar, o Jardim Selecto, com grande quantidade de flores que os dois afamados viveiristas – roseiras da Quinta de Marinha e cravos de Carcavelos...”<sup>19</sup>. Depois passa anunciar a sua actividade, evidenciando “as mais belas e lindas flores para casamentos”, com a morada nas Arcadas do Parque do Estoril<sup>20</sup>.
- 9- Anúncia-se a Perfumaria do Parques – Estoril – Arcadas e Palácio Estoril de J.Malheiros<sup>21</sup>.
- 10- Publica-se o anúncio de abertura de dependência bancária na ala esquerda do Parque do Estoril do Banco Lisboa e Açores <sup>22</sup> que já existia em 1935. No ano seguinte abriria uma filial do Banco Espírito Santo.
- 11- Por último, o anúncio ao aluguer de táxis de luxo, da empresa STEL – Sociedade de Taxis Estoril, Ltd. - Taxis de luxo - Estoril<sup>23</sup>.

Os anúncios dão testemunho da intensa atividade comercial instalada principalmente na Arcadas do Parque do Estoril. Os anúncios revelam ainda as comunicações telefónicas, pouco comum na época, que visam certamente facilitar a satisfação dos clientes nacionais e estrangeiros. Regista-se um incremento da atividade económica que contempla tanto os nacionais como os estrangeiros, com o Hotel Palácio a ter também protagonismo no surgimento de atividades ligadas aos serviços de bem-estar, aos artigos de luxo e aos

<sup>18</sup> *O Estoril*, 3 maio 1936, nº 157, p.4.

<sup>19</sup> *O Estoril*, 9 maio 1936, nº 158, p.4.

<sup>20</sup> *O Estoril*, 24 novembro 1943, nº 268, p.2.

<sup>21</sup> *O Estoril*, 18 abril 1937, nº 203, p. 4.

<sup>22</sup> *O Estoril*, 24 novembro 1943, nº267, p. 4.

<sup>23</sup> *O Estoril*, 28 maio 1944, nº269, p. 2.

serviços financeiros. Conforme se pode observar na figura 7, nas Arcadas também há uma estação de Telegrafo-Postal, uma infraestrutura muito importante para Hotel Palácio para satisfazer as necessidades dos seus hóspedes.

Figura 7 -Estação Telégrafo-Postal nas Arcadas do Estoril. À esquerda, pacote do Hotel Palácio



Fonte -PT/CMCSC-AHMCSC/AEMP/HPL/A/001/001 LV 001/0473

Anos mais tarde, em 1941, na ala esquerda do Parque, numa loja pertencente à Sociedade Estoril Plage, é inaugurado a Sala de Turismo Estoril. Aí são expostos artigos regionais de todo o País, servindo de montra dos produtos nacionais para os turistas em Portugal, aproveitando a clientela estrangeira que frequenta o Estoril<sup>24</sup>.

Arminda Cavaco, na sua análise económica sobre o Estoril, menciona que "O Estoril concentra as suas actividades terciárias nas Arcadas que ladeiam o jardim do Casino e no sector oriental"<sup>25</sup>. Mais uma vez se ilustra que o previsto no projecto inicial se foi tornando uma realidade.

Também Gonta Colaço e Maria Archer, em 1943, referem "os bars, as pastelarias, a Garret do Estoril, o Tamariz, o Desk Bar, Wonder Bar [...]. Aparecem lojas de todos os géneros, os cabeleireiros, os dentistas, os medicos, as escolas..."<sup>26</sup>, confirmando o que foi noticiado na imprensa local e atrás descrito.

Ainda no Verão de 1930, para além da inauguração do Hotel Palácio, um outro acontecimento foi marcante, este no âmbito dos transportes. Tratou-se da chegada, pela primeira vez ao Estoril, do comboio Sud Express vindo de Paris.

Em setembro de 1930, o apeadeiro do Estoril foi transformado em terminal do Sud Express, que ligava o Estoril a Lisboa e a Paris.<sup>27</sup>. No dia 1 chega ao Estoril a

<sup>24</sup> *O Estoril*, 5 janeiro 1941, nº254, p. 2.

<sup>25</sup> Cavaco, Arminda (1983), *A Costa do Estoril- Esboço Geográfico*, Lisboa, Editorial Progresso Social e Democracia, SARL, p.238.

<sup>26</sup> Colaço, Branca Gonta e Maria Archer (1943), *Memórias da Linha de Cascais*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, p.304.

<sup>27</sup> Henriques, João Miguel (2014), "Breve História do (Vilegia) Turismo no Eixo de Cascais-Estoril (1867-1931)", in: *Os 100 anos do projeto Estoril 1914-2014* ", Atas do Seminário, Cascais, CMC/ESHTE, p. 21

composição oriunda da Gare d'Orsay e, no dia seguinte, 2 de setembro, faz a viagem em sentido inverso, a ligação Estoril a Paris.<sup>28</sup> Esta infraestrutura, que ligava Lisboa a Paris, remete-nos para um ambiente de luxo e fantasia que era propício para cativar e incentivar potenciais hóspedes para o Hotel Palácio e, em simultâneo, para a viabilidade de todo o projecto turístico do Estoril. A notícia de *O Estoril* refere: “Quando na gare do Quai d'Orsay vemos partir o Sud Express e numa das suas carruagens “pullman” a designação Paris- Lisbonne-Estoril, a certeza imediata do que isso representa para a diplomacia turística de Portugal perante o estrangeiro, sobressai amplamente aos nossos olhos”<sup>29</sup>, evidenciando a grande importância da ligação do Estoril à Europa rica e cosmopolita. Mais à frente iremos retomar a referência a esta importante infraestrutura, pois sem ela o Hotel e o Parque não seriam viáveis.

A outra faceta empolgante deste verão de 1930 foram os desportos marítimos. Após a inauguração do Palácio Hotel, a Sociedade de Propaganda da Costa do Sol patrocinou durante duas semanas as regatas de Cascais.<sup>30</sup>

O ano de 1930 foi considerado um momento de charneira para a implementação dos desportos náuticos na zona. Confirmando-se pela adesão ao lazer náutico que foi rápida e socialmente firmada, entre 1931 e 1938 haveria 561 barcos de recreio inscritos na Delegação Marítima de Cascais. Dos particulares listados destacamos os nomes de Fausto Figueiredo, Manuel Espírito Santo Silva, Cassiano Branco, Eduardo Pinto Basto e Joaquim Nunes Ereira, empresários e promotores do Turismo local.<sup>31</sup>

Evidenciada a importância do Hotel Palácio na transformação do Estoril em várias vertentes, vamos agora analisar como se inicia este desenvolvimento

## 2.2 - Como começa este desenvolvimento

Voltando ao início deste processo, para o desenvolvimento inicial do Estoril foi significativa a existência das termas, do clima, da proximidade da capital, do prestígio associado a alguns dos visitantes deste lugar e da vontade do empreendedor Fausto de Figueiredo. Desta forma, as dinâmicas sociais e financeiras aliaram-se e assistiu-se a uma sucessão de etapas que passamos a mencionar.

A Quinta do Viana desde há muito tempo tinha um balneário com aspecto primitivo, mas é em 1880<sup>32</sup> que sofre obras de vulto. O proprietário, José Viana, restaurou e modernizou os antigos balneários, dando-lhes conforto. Em 1892, o movimento de doentes foi “tamanho”, tanto que de 15 quartos passou para 30. Foi neste balneário que, em 1915, se fizeram as luxuosas termas do Estoril<sup>33</sup>.

No ano de 1913, Fausto de Figueiredo fundou com o seu cunhado, Augusto Carreira de Sousa, a Sociedade Figueiredo & Sousa Lda. Neste mesmo ano adquiriu

---

<sup>28</sup> Carvalho, Cristina (2014), “*O Mercado Britânico os Deleites Turísticos no Estoril dos anos 30*”, in: *Os 100 anos do projeto Estoril 1914-2014*“, Atas do Seminário, Cascais, CMC/ESHTE, p. 77.

<sup>29</sup> *O Estoril*, 23 outubro 1933, nº 97, p.1.

<sup>30</sup> Matos, Helena (2000), *Costa do Estoril, Um Século de Turismo*, Cascais, Junta de Turismo da Costa do Sol, p.XXX.

<sup>31</sup> Anjos, Maria Cristina de Carvalho (2012), *O Turismo no Eixo Costeiro Estoril-Cascais*, p.109.

<sup>32</sup> Colaço, Branca Gonta e Maria Archer (1943), *Memórias da Linha de Cascais*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, p.291.

<sup>33</sup> Colaço, Branca Gonta e Maria Archer (1943), *Memórias da Linha de Cascais*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, p.292.

diversas propriedades, entre elas a Quinta do Viana, a Quinta do Machado e a Quinta do Caldas, com intenção de transformar o Estoril numa estância turística de nível internacional.

A 26 de março de 1914, é apresentado à Câmara dos Deputados, por Fausto de Figueiredo e pelo seu cunhado, Augusto Carreira de Sousa, um documento de 54 páginas com o título “Estoril: Estação marítima, climatérica, thermal e sportiva”. O Estado apoiaria esta iniciativa, com a lei 1 121 de 2 de dezembro de 1914, com os primeiros incentivos à indústria hoteleira. Com estas facilidades estabelecidas, a obra arranca<sup>34</sup>.

Em 1915, a Sociedade Estoril sucedeu à Figueiredo & Sousa Lda, composta pelos mesmos associados e outras pessoas, com escritura realizada a 29 de março de 1915<sup>35</sup>, definindo-se como objetivo a “fundação e exploração de uma estação de vilegiatura”. Em 1915, já a Sociedade Estoril iniciara as obras no Parque. Os operários removeram a terra, de maneira que a terraplanagem necessária para o ajardinamento alterava completamente a configuração do solo.

Em 1918, a Sociedade Estoril arrenda à Companhia de Caminhos de Ferro Portugueses (CP), a linha férrea de Lisboa a Cascais, assumindo a responsabilidade pela sua electrificação<sup>36</sup>.

Em 1923, os mentores do projecto fundam a Estoril-Plage, para que a Sociedade do Estoril se pudesse dedicar à electrificação do ramal ferroviário<sup>37</sup>.

Em 15 de Agosto de 1926 efectivou-se a electrificação do caminho-de-ferro de Cascais, quando esta se tornou na primeira linha portuguesa com tração elétrica.

Com a publicação do decreto de 3 de dezembro de 1927, a legalização e a concessão de jogo torna-se uma realidade. Cria-se no Estoril uma zona de jogo permanente a explorar em exclusivo pela empresa escolhida para o efeito. O Casino foi inaugurado em 1931, mas a primeira pedra do Casino foi lançada em 1916.

A 30 de agosto de 1930 inaugurar-se-ia o Hotel Palácio, composto por duzentos quartos, com cem casas de banho e *suites* no corpo central.

Em setembro do mesmo ano, como já referido, o apeadeiro do Estoril seria transformado em terminus do Sud Express, que ligava Estoril-Lisboa-Paris.

A partir de 1930, a denominação Costa do Sol, zona da orla marítima entre Oeiras e Cascais, começa a ser explorada comercialmente pela Estoril-Plage, empresa proprietária do Hotel Palácio, substituindo a antiga Riviera Portuguesa pela Costa do Sol, que foi oficializada pelo decreto 22 de maio de 1935.

Nesse mesmo ano, o ministro Duarte Pacheco determinou a elaboração do Plano de Urbanização da Costa do Sol, território marginal à foz do rio Tejo, situada nos

---

<sup>34</sup> Pina, Paulo (1988), *Portugal o Turismo no Século XX*, Lisboa, Lucidus, p.45.

<sup>35</sup> Encarnação, José (1986), “Para uma História do Turismo no Estoril”, in *III Congresso Nacional do Turismo*, Porto, p. 69.

<sup>36</sup> Carvalho, Cristina (2014), “O Mercado Britânico os Deleites Turísticos no Estoril dos anos 30”, in: *Os 100 anos do projeto Estoril 1914-2014* “, Atas do Seminário, Cascais, CMC/ESHTE, p. 77.

<sup>37</sup> Henriques, João Miguel (2014), “Breve História do (Vilegia) Turismo no Eixo de Cascais-Estoril (1867-1931) “, in: *Os 100 anos do projeto Estoril 1914-2014* “, Atas do Seminário, Cascais, CMC/ESHTE, p. 20.

municípios de Oeiras e Cascais, da responsabilidade do arquiteto urbanista Alfred Agache (Lei nº 1909, de 22 de maio de 1935).

Este foi o percurso a que se assistiu durante as primeiras décadas do século XX representado por datas estruturantes que contribuiu para o aparecimento desta estância de turismo, mais à frente iremos analisar com maior pormenor estes acontecimentos tão importantes.

### 2.3 - Nova forma de estar – o Lazer

A maneira de usufruir o tempo livre, começando por tempo para cura dos males para de seguida surgir o prazer do tempo da descontração, está em sintonia com a evolução da sociedade moderna. O surgimento das várias formas de viver o tempo livre espelha a evolução dos mecanismos de diferenciação que caracterizam os vários estratos sociais.

Quando o projeto do Estoril surge era usual os banhos de mar, tal como as termas, serem de natureza terapêutica: usava-se roupas e não se expunha ao sol qualquer parte dos corpos. Depois, ao longo da década de 30, começa-se a vulgarizar a tendência de exposição ao sol, não só por motivos terapêuticos, mas também estéticos, acompanhada pelo aumento de actividade desportiva ao ar livre, com destaque para a natação.

Desta forma, durante o verão, a moda da pele bronzeada e com ar saudável, adquirida em elegantes estâncias de veraneio, substitui a palidez dos anos anteriores. Desde finais dos anos 20, o bronzeado tornara-se a nova tendência estética divulgada pelas estrelas de Hollywood. O bronzeado, tom corporal das classes afortunadas, tornar-se-ia agora motivo de orgulho, enquanto indício visual da disponibilidade para atividades ao ar livre. A moda do usufruto solar desenvolvida nos anos 30 será explorada, para a «Era do Termalismo» ceder então lugar à «Era do Bronzeado».

Mas para entendermos melhor o conceito do lazer, iniciamos com a afirmação da sua necessidade da natureza terapêutica para chegarmos às diferentes maneiras do “bem-estar”.

No século XVIII, os ingleses descobrem a estância termal, definida como cura para os males, mas rapidamente o sacrifício médico se transforma no prazer da vilegiatura. A existência dos dois usos de então, a cura e o da descontração, permite a criação de um ambiente que altera o sentido e os costumes da estadia. Este movimento percorre outros países da Europa, e surgem no fim do século XVIII as famosas estâncias termais de Vichy e Aix-les-Bains, em França. Em relação à vilegiatura marítima, surge precocemente na Alemanha no século XIX<sup>38</sup>, onde as estâncias marítimas têm um estabelecimento de banhos e geralmente um clube que inclui o bilhar, o salão de música e a sala de concertos e os banhistas alojam-se em casas particulares.

Desta forma começa a moda da praia, com as estâncias francesas a desenvolverem-se, como é o caso de Biarritz. A vilegiatura marítima relaciona-se com o gozar o mar, o adquirir saúde com as qualidades do ar e do mar. Começa-se a dar mais atenção ao cuidar do corpo, o que depende tanto da prescrição médica, como de um ambiente propício à distração. Numa primeira fase os objetivos terapêuticos da estadia à

---

<sup>38</sup> Rauch, André (2001) “As Férias e a Natureza revisitada (1830-1939)”, in *História dos Tempos Livres*, coord. de Alain Corbin, Lisboa, Editorial Teorema, p. 95.

beira-mar são, aparentemente, secundarizados em relação a entretenimentos mais mundanos. Para responder às elites criam-se estâncias onde há estabelecimentos de banhos sofisticados, avenidas bem arranjadas, restauração e hotelaria em sintonia com o nível de exigência, que promove o efeito de reunir uma clientela nos locais de cura, mas também sobre o modo como ocupam os momentos livres ao longo do seu dia<sup>39</sup>. Neste caso a prática do banho de mar, de acordo com o discurso médico da época, integra esses rituais simbólicos de distinção, obedecendo a determinadas formas de estar que se traduzem em técnicas corporais próprias e na utilização de vestuário e de acessórios adequados.

Neste contexto, assiste-se à introdução de nova dinâmica nos mecanismos de diferenciação que caracterizam a sociedade moderna. Se analisarmos o caso português, no final do século XIX, o motivo da deslocação sazonal da corte para junto da costa, além dos benefícios médicos da interação física e emocional com o meio marítimo, a frequência da praia era pontual e de curta duração e o contacto com o mar era mediado pela presença do banheiro. Nesta época, a vida balnear construía-se nas esplanadas perto da praia ou nos salões das assembleias e dos casinos que animavam a vivência destes lugares. A aristocracia que queria estar perto da corte mantinha à beira-mar os hábitos do seu quotidiano urbano. Passeavam as suas *toilettes* pela esplanada, reuniam-se no clube para falar de negócios e entretinham-se nas soirées organizadas pela alta sociedade. Mas era a possibilidade de estar sem fazer nada, em lazer ocioso junto ao mar, que era a marca distintiva do seu estatuto social.

Em relação à burguesia, em que corpo e mente são moldados por valores de trabalho e de família, são estes valores que vão caracterizar a sua adesão à moda do banho de mar, numa reinterpretação crítica dos gestos e gostos da elite.

Também se assiste à difusão da praia junto das camadas populares, com o surgimento do descanso semanal ao domingo, regulamentado em 1911, e pela vulgarização das excursões de um dia, origina a construção de infra-estruturas específicas vocacionadas para receber esta população flutuante.

Mas é só no século XX, com a divulgação de certas práticas desportivas, como a natação, e a valorização dos efeitos do sol no bem-estar dos corpos e sua apresentação, que a praia ganha características verdadeiramente positivas para ocupação do tempo livre.

Antes da divulgação das práticas desportivas, o litoral marítimo era para tratar a debilidade. Com a imersão já se mistura prazer e sanidade do corpo, através da acção da água fria do mar, com o sentido de revigorar em praias de seixos e água fria. A descoberta da natação revela uma nova maneira de banho no mar. Valoriza-se o interesse lúdico que o domínio técnico do corpo oferece, que desencadeia os prazeres de aprendizagem da natação em que o banho e a natação trazem consigo divertimentos que fazem a atração da estadia na praia.

Depois com a descoberta de praias de areia fina, com água do mar tépida, inventa-se o banho quente. A areia dourada e o calor da água oferecem uma nova maneira de estar. O bem-estar na época estival marca várias ruturas: à imersão por recomendação médica sucede o relaxo dos corpos imersos e banhados pelo sol.

---

<sup>39</sup>Rauch, André (2001) “As Férias e a Natureza revisitada (1830-1939)”, in *História dos Tempos Livres*, coord. de Alain Corbin, Lisboa, Editorial Teorema, p.96.

A pele morena em corpos desnudados começa a causar escândalo, depois vulgariza-se. Começa por mostrar o joelho ou descobrir os braços e os ombros, o que deixa de ser considerado como indecente. Há uma revolução, o corpo não está apenas curado e reabilitado como é oferecido aos olhares, mas fortificado pela prática da natação e de outros desportos.

Inicialmente as barreiras físicas das barracas colocadas na praia impediam os olhares. Agora os *maillots* vulgarizam a elegância e reproduzem comportamentos. Devido a esta estética, com a interiorização da norma moral que contém os impulsos, o corpo torna-se o lugar visível de uma identidade<sup>40</sup>.

Desta forma, no início do século XX, os banhos de mar, tal como as termas, eram de natureza terapêutica, os homens e mulheres que frequentavam as praias usavam vestuário próprio, mas completamente vestidos, sem exporem ao sol qualquer parte dos seus corpos, enquanto as estadias nas praias eram vigiadas e não ultrapassavam o tempo prescrito pelo médico<sup>41</sup>.

Esta forma de ocupação de tempos livres e a pele bronzeada representam um sinal de riqueza, indicativo de abundância de tempo e de recursos financeiros. Deve-se ter presente que até às duas primeiras décadas do século XX, a tonalidade bronzeada estava associada a uma condição social de trabalhos penosos do campo e de outras actividades ao ar livre, que era sinónimo de classes mais desfavorecidas.

As costas mediterrânicas, francesa e italiana, consolidam-se com estâncias de lazer, só acessíveis a uma elite, com a descoberta da areia quente que acompanha o sol como complemento a água<sup>42</sup>. As praias enchiam-se e as pessoas revelam-se através de novos fatos de banho, qua expunham braços, pernas, peito e costas. O *maillot* era a estrela revolucionária nas praias e valoriza o corpo com elegância e codifica novos comportamentos.

Esta nova maneira de estar escandaliza a “restante sociedade”. Considerando Portugal, podemos observar uma notícia de *O Estoril*, que transcreve uma notícia do *Século*, comparando os novos costumes da praia de Tamariz com o que se passou na praia de Brighton, em Inglaterra, o que prova o desconforto na sociedade portuguesa e que procura reprimir a nova vestimenta de praia. A notícia é a seguinte:

“Foi a sua objectiva sempre oportuna que há dias apanhou em flagrante uma turista inglesa a tomar banho na praia do Tamariz, ostentando um maillot igual áqueles que deram origem a uma verdadeira caçada em Brighton, a selecta e rica praia inglesa [...] onde apareceu uma rapariga a passear na esplanada, vestindo apenas um maillot colado ao corpo e um rudimentar soutient-gorge [...]. A multidão surpreendida por uma tal aparição quasi paradisíaca, irritou-se. E cercando a audiciosa banhista, injuriou-a sem piedade e crivou-a de impropérios e de encontrões [...]. Houve furiosas cenas de pugilato [...]. Salvou-a um táxi, no qual teve a sorte de poder refugiar-se antes de ter de deixar no campo de batalha os restos da atrevida vestimenta, com que se atrevera a aparecer em público.”<sup>43</sup>

---

<sup>40</sup> Rauch, André (2001) “As Férias e a Natureza revisitada (1830-1939)”, in *História dos Tempos Livres*, coord. de Alain Corbin, Lisboa, Editorial Teorema, p.102.

<sup>41</sup> Pacheco, Cristina (2007), *Memórias de Verão-A Costa do Sol e o Estoril nos Anos 30*, Cascais, CMC, p.5.

<sup>42</sup> Pacheco, Cristina (2007), *Memórias de Verão-A Costa do Sol e o Estoril nos Anos 30*, Cascais, CMC, p.7.

<sup>43</sup> *O Estoril*, 27 Agosto 1933, nº 89, p.4.

Estamos em 1933 e podemos verificar como os novos vestuários, provocam reacções violentas na sociedade da altura e compara-se os novos costumes do Estoril com o que se passou em Brighton. A sociedade não gosta das novas formas de exposição do corpo.

Outra notícia de *O Estoril* evidencia a reacção das autoridades à nova forma de estar na praia, o que torna *sui generis* modo operando das autoridades policiais, com leis que querem fazer cumprir, mas os estrangeiros não entendem e ocorrem situações recambolascas:

“Somos, como já afirmámos, contra o excesso de nudismo .....mande, o Capitão do Porto, urgentemente imprimir em inglês e francês a parte do regulamento que trata do assunto, para ilucidação dos estrangeiros, a quem será entregue antes de qualquer procedimento ou atitude fora das normas de tolerância para com aqueles que desconhecem a nossa língua e os costumes.....São estas pequenas coisas que às vezes acusam tremendos e irremediáveis danos.”<sup>44</sup>

Podemos verificar que a nova maneira de estar provoca alterações na sociedade, o lazer introduz uma nova dinâmica. Com a chegada aos anos 30, a prática da natação e a moda do usufruir o sol representa uma nova forma de estar - o Lazer, em que o Termalismo deu lugar ao Bronzeado.

Constatamos que o Estoril, enquanto estância de turismo de renome internacional e que pretende estar em voga, estava em perfeita adequação com a moda vinda de estâncias de luxo internacionais que passam a fazer parte do paradigma do Hotel Palácio. Desta forma o conceito do lazer dos anos 30 e o Estoril, teve impacto nas elites portuguesas que quiseram captar esta corrente que emanava da clientela estrangeira que chegava ao Estoril e, no caso particular, se hospedava no hotel cosmopolita Hotel Palácio.

#### 2.4 -O elemento diferenciador- o Clima

Desde princípios do século XX que o clima do Estoril surge como elemento diferenciador em relação às estâncias de luxo congéneres. Além da excelência das qualidades termais da estância, então em plena moda, o clima ameno foi decisivo para a construção da identidade do Estoril.

O clima ameno do Estoril começou a ser conhecido no estrangeiro devido à sua divulgação em congressos e publicações internacionais. A publicação, de carácter científico, dos vários aspectos que influenciam o clima, nomeadamente os fatores que medem a qualidade do ar, vieram no seu seguimento.

O carácter de regularidade de controlo da qualidade do ar, através do Posto Climatológico, e também as boas condições de higiene e de salubridade foram medidas sempre defendidas para que o Estoril mantivesse a confiança dos seus utentes.

Segundo Branca Gonta Colaço e Maria Archer, no 15.º Congresso Internacional de Higiene, reunido em Lisboa em 1907, o médico congressista Dr. Dalgado chamou à atenção o clima do Estoril <sup>45</sup>. No Congresso mencionou os múltiplos aspectos do clima, a proximidade do oceano, a exposição ao sul, na serra de Sintra e as suas influências como protetora contra os ventos norte, quer de condensador dos nevoeiros, na corrente da

<sup>44</sup> *O Estoril*, 19 novembro 1933, nº 98, pp.1.

<sup>45</sup> Colaço Gonta, Branca e Maria Archer (1943), *Memórias da Linha de Cascais*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, p.305

Corrente do Golfo que percorre a costa de Portugal muito perto do Estoril, a pureza do ar, a temperatura constante e na ausência humidade. Este médico indo-português, Dr. Daniel Gelásio Dalgado, nascido em Assagão, Goa, em 1850, maravilhado com o clima de Estoril, coloca todo o seu prestígio e competência na divulgação das condições ambientais do Estoril que irá contribuir para ser conhecido na Europa e no Mundo.

Para exemplificar a excelência do clima do Estoril o Dr. Dalgado, encontrou imagens para demonstrá-lo, mencionando, “que ali nunca os sapatos criam bolor, que ao amanhecer as ruas estão secas, que os telhados não ervedeiam de musgo, que o ferro não se desfaz em ferrugem!”<sup>46</sup>

Três anos mais tarde, editou em Londres uma publicação *The Thermal Springs and the Climate of Estoril in chronic Rheumatism and During Winter*<sup>47</sup>, que se revelou de extrema importância para internacionalização do Estoril, devido à divulgação das potencialidades termais e terapêuticas do Estoril, assim como o espírito de patriotismo que então se defendia que deveria caracterizar a sociedade portuguesa.

Não restam dúvidas de que o Dr. Dalgado contribuiu para divulgação no estrangeiro das potencialidades do Estoril de forma diferenciadora.

Por outro lado, no Monte de Estoril, funcionava um Posto Climatológico, que media todos os factores relativos à qualidade do ar. Como resultado desse trabalho, os mapas demonstrativos indicam de que o Estoril é mais quente no Inverno e mais fresco no Verão do que outras estâncias de grande luxo, como Nice ou Arcachon<sup>48</sup>.

Deste modo, em 1936, é notícia a confirmação da qualidade do ar mantendo-se a divulgação dos dados recolhidos pelo Observatório Central Meteorológico sobre os vários elementos que caracterizam o clima do Estoril. Em dezembro de 1936 completava 5 anos de observações contínuas o posto climatológico instalado, em novembro de 1930, no Monte Estoril, com um equipamento dos melhores, um abrigo padrão e uma torre metálica.<sup>49</sup> Para que a confiança neste local se mantenha, este é um dos factores a preservar.

Apesar da qualidade do ar estar sempre a ser monitorizada, as condições de higiene e salubridade são também importantes para o bom nome desta estância.

Em 1937, devido ao receio de paralisia infantil, pondo em causa as condições de salubridade, novamente um médico, o Dr. Salazar Sousa, nas Jornadas do Auto-Club Médico Português, veio defender que o Estoril possuía as melhores condições de salubridade. Durante as Jornadas, os médicos visitaram os filtros que a Câmara tinha junto aos depósitos da água, que eram os mais aperfeiçoados do país, confirmando as boas condições de higiene e de salubridade<sup>50</sup>. Todos os organismos continuavam empenhados para que o Estoril reunisse todas as condições de higiene para se impor como estância de primeira ordem a nível mundial.

---

<sup>46</sup> Colaço Gonta, Branca e Maria Archer (1943), *Memórias da Linha de Cascais*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, p.304

<sup>47</sup> Cadavez, Cândida (2017), *A Bem da Nação, As representações turísticas no Estado Novo entre 1933 e 1940*, Lisboa, edições 70, p. 219

<sup>48</sup> Colaço Gonta, Branca e Maria Archer (1943), *Memórias da Linha de Cascais*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, p.306.

<sup>49</sup> *O Estoril*, 28 fevereiro 1937, nº 197, p.2.

<sup>50</sup> *O Estoril*, 18 julho 1937, nº 212, p.4.

De acordo com o que já foi mencionado, a divulgação desde o início do século e a nível internacional da existência de um clima ameno e o cuidado com as boas condições de higiene e salubridade contribuíram para a construção da identidade do Estoril.

Por fim o grande empreendedor deste projecto que trouxe o novo modelo de turismo para Portugal: Fausto de Figueiredo.

## 2.5 - O empreendedor - Fausto de Figueiredo



Figura 8-Fausto de Figueiredo

Fausto de Figueiredo foi o grande impulsionador de todo o projecto do Estoril, grande visionário das potencialidades que a zona oferecia e da transformação que iria acontecer, com o Hotel Palácio a ser um dos expoentes da sua visão estratégica.

Nasceu a 17 de setembro de 1880, em Celorico da Beira, distrito da Guarda. Veio para Lisboa para trabalhar na Farmácia Veiga, na Rua dos Retroseiros, terminando em 1900 o curso correspondente na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa. Num dos andares superiores do estabelecimento onde trabalhava ficavam os escritórios de José Ferreira do Amaral, roceiro de cacau que, em 1910, se tornaria seu sogro e o introduziria na vida social na qual acederia a contactos de monta<sup>51</sup>.

Em maio de 1910, Fausto de Figueiredo, com 30 anos, casou com Clotilde Ferreira Amaral, indo residir para o Monte de Estoril.

Desde cedo mostrou apetência para os negócios, mostrando-se sensível aos inúmeros problemas financeiros e económicos que iam assolando o país no período final do regime monárquico e no decorrer da I República. É neste contexto difícil que projecta e constrói o conjunto urbanístico do Estoril.

Mas para explicar como Fausto Figueiredo se interessou pelo Estoril, teremos que ter em conta a frágil saúde da sua esposa. Clotilde Ferreira do Amaral tinha só um pulmão

---

<sup>51</sup> Anjos, Maria Cristina (2012),” *O TURISMO NO EIXO COSTEIRO ESTORIL-CASCAIS (1929-1939): Equipamentos, Eventos e Promoção do Destino*” tese de doutoramento, Lisboa, UL-FL, p. 38.

e um médico suíço recomendara os ares do Estoril. Desta forma, após o casamento, o casal fixou residência na encosta virada ao Vale de Santo António.

Foi o que Marques Mata, em 1960, defendeu, nas Jornadas Luso-Espanholas de Hidrologia Médica: se não fosse a regularidade do clima da região, que determinou fixação da residência nesse local com vista à desejada cura da mulher da Fausto de Figueiredo, nunca o Estoril teria atingido o grau de progresso e de desenvolvimento que regista<sup>52</sup>.

Sabe-se que Fausto de Figueiredo passava longas temporadas em Biarritz com a mulher, usufruindo das alegadas virtudes terapêuticas locais. Terão sido estas estadas que o alertaram para o potencial existente no Estoril.

Fausto de Figueiredo começa a representar o sogro em reuniões de negócios. Por outro lado, como estava habituado a estadas regulares em estâncias de saúde pela Europa, Figueiredo depressa se deu conta que as potencialidades naturais do vale do Estoril, o microclima, as nascentes termais, a situação costeira e a tela paisagística, podiam converter-se em recursos turísticos de abrangência internacional.

Desta forma, visando a criação do *resort* de luxo adquirirá terrenos, com destaque para a Quinta do Viana. Desloca-se a Paris para contactar Henri Martinet, a quem incumbirá de elaborar o projecto e, em 1914, submete à apreciação governamental a brochura “Estoril – Estação Marítima, Climaterica, Thermal e Sportiva”, conforme já foi referido. A brochura, entre várias referências sobre o impacto económico, menciona que o Turismo fora a mola de desenvolvimento de um pequeno Estado: a Suíça.

Como político, Fausto de Figueirido exerceu diversos cargos. Foi Presidente da Câmara de Cascais, entre 1911 e 1913, e de 1919 a 1922, para fazer avançar as obras projectadas, escapando ao golpe da «Noite Sangrenta», de 19 de outubro de 1921 ao esconder-se em casa de um amigo. Foi Provedor da Assistência entre 1923 a 1928; foi presidente do Conselho Fiscal da Cruzada Nacional D. Nuno Álvares Pereira, de 1929 a 1933. Em 1935 era Membro da Câmara Corporativa na secção de Turismo. Foi ainda relator do parecer desta Camara sobre a proposta de lei nº15, sobre a Urbanização da Costa do Sol.

Faleceu, na sua residência no Estoril, a 5 de dezembro de 1950.

## 2.6- Conclusão

Para concluirmos este capítulo sobre o desenvolvimento do Estoril, consideramos que a inauguração do Hotel Palácio foi um factor preponderante, porque representa a abertura do país à modernidade. Este hotel de luxo, o mais importante do País, inserido na primeira estância de turismo, segue os trâmites do que se passa nos países desenvolvidos. Os hóspedes que recebe trazem novos hábitos que se traduzem em novas dinâmicas sociais. O desenvolvimento económico foi notório, como foi atestado pela descrição das atividades económicas e de serviço que se instalaram à volta do Hotel.

Mas para que este desenvolvimento acontecesse, temos de recuar até aos inícios do século XX, com a existência das termas de grande qualidade, as referências ao clima exceptional, a proximidade da capital, o prestígio dos visitantes deste lugar e a vontade do empreendedor Fausto de Figueiredo O processo de desenvolvimento aconteceu porque

---

<sup>52</sup> Carvalho, Cristina (2014), “O Mercado Britânico os Deleites Turísticos no Estoril dos anos 30” nos “Os 100 anos do projeto Estoril 1914-2014”, Cascais, p. 71.

a dinâmica social e financeira se aliaram, onde o peso do vontade política sempre emergiu: a I Republica no início do projeto e o Estado Novo na feitura de projeto.

O projecto do Estoril foi-se adaptando às novas formas do lazer. Da era do termalismo passou-se para a era bronzada e, sem dúvida, que a sua localização junto à praia acompanhou o fenómeno do lazer, sempre com o Hotel como o epicentro desta nova vivência.

De seguida iremos analisar a importância deste Hotel, escalpulizando o processo do projeto, o impacto do hotel na zona e no País, as infraestruturas que foram efetuadas, a necessidade de formação para o ramo de hotelaria, a promoção nas suas várias formas, a nível internacional e no mercado interno, o financiador do Hotel Palácio e do restante projeto. Como já foi referido, será privilegiado o período entre 1930 a 1945, desde o ano da inauguração do Hotel até ao ano do fim da Segunda Guerra Mundial, com as alterações no contexto internacional que acabam por influenciar as novas dinâmicas, como mote de desenvolvimento do local.

### Parte III - O Hotel

O Hotel Palácio, conforme já foi referido, foi inaugurado em 30 de agosto de 1930, sendo apresentado como uma grande obra nacional. Inserido numa zona de infraestruturas hoteleiras, com ligações ferroviárias a Lisboa e próximo da capital, o Hotel Palácio foi muito procurado por quem tinha recursos económicos. Este Hotel Palácio tem a particularidade de ver as duas Guerras Mundiais e a Guerra Civil Espanhola projectarem as suas sombras sobre ele e sobre o Estoril.

De 1914 a 1918, o projecto esteve condicionado, pois problemas financeiros fizeram com que o Hotel Palacio só fosse inaugurado em 1930, antes da Guerra Civil Espanhola, de 1936 a 1939. Esta trouxe muitos espanhóis ao Estoril, em particular os defensores de Franco, mas condicionou a vida e a procura por parte de outros turistas. O Hotel Palácio ressentiu-se com estagnação.

Durante a Segunda Guerra Mundial, ao contrário do que aconteceu com a Guerra Civil de Espanhola, o governo português não tomou qualquer partido, declarando-se país neutral. Tal trouxe muitos estrangeiros ao Estoril. Esta é uma época em que o Hotel Palácio tem uma grande procura por parte de pessoas muito conhecidas, escritores, políticos e famílias reais que se instalaram no Hotel para fugir à Guerra, facto que é facilitado pela posição neutral assumida por Portugal.

#### 3.1 O projecto inicial

Figura 9- Estoril -Estação Marítima, Climatérica, Thermal e Sportiva



Fonte: (imagem Estoril: Estação Marítima, Climaterica, Thermal e Sportiva, Lisboa, Typographia A Editora Limitada, 1914)

Conforme já foi mencionado, em 1914 é apresentado o projeto "Estoril, Estação Marítima, Climática, Termal e Sportiva", com vista à internacionalização do turismo do local. A Câmara de Cascais torna-se sócia da Sociedade de Propaganda de Portugal, ambicionando a internacionalização da zona enquanto destino turístico<sup>53</sup>.

<sup>53</sup> Henriques, João Miguel (2014), "Breve História do (Vilegia) Turismo no Eixo de Cascais-Estoril (1867-1931)", in *Os 100 anos do projeto Estoril 1914-2014*, Atas do Seminário, Cascais, CMC/ESHTE, p. 18.

Segundo Cadavez, em 1911, no IV Congresso Internacional de Turismo, o arquitecto paisagista francês Henry Martinet, projectista de grande parte dos hotéis de Biarritz, foi convidado a preparar um plano para a nova estância de turismo portuguesa<sup>54</sup>.

Com a aquisição das diversas propriedades destinadas à implantação da estância de turismo de luxo, a urbanização foi entregue ao conhecido arquitecto francês Henri Martinet. No ano seguinte, em 1914, Fausto de Figueiredo apresenta no Parlamento o respectivo projeto, com uma brochura memorando da iniciativa e pela primeira vez, fala-se na localização de um Hotel Palácio complementado por um campo de golfe e por um casino, a construir nas redondezas da unidade hoteleira, como mais tarde se viria a verificar<sup>55</sup>.

O projecto aprovado previa que a entrada no complexo turístico, localizado junto à estação do caminho-de-ferro, se fizesse através de uma ampla praça limitada por dois edificios em forma de “meia laranja”, para ali funcionar uma área comercial. Perpendicular à linha da praia construíam-se duas avenidas de 500 metros, ladeadas por palmeiras e entre as duas avenidas ficaria instalada uma “*pelouse*” relvada. No topo da praça construir-se-ia um grandioso Casino e em cota superior, à esquerda, o Hotel Palácio, voltado para o mar. Mais abaixo, junto às Termas, haveria outra unidade hoteleira, que comunicaria com esta estrutura por meio de uma galeria envidraçada. Do lado direito, próximo da entrada principal, projectava-se o Hotel do Parque, um hotel mais modesto do que o Hotel Palácio ao qual se seguiria um pequeno pavilhão destinado a tratamentos terapêuticos e um parque com dezenas de hectares de pinhal e com pequenos regatos. Haveria também um campo de golf de cinco quilómetros e dezoito buracos. Perto do Casino deveria construir-se um Palácio de Desportos para a prática de ténis, patinagem, croquet, cricket, futebol e hispismo. Todo este projecto estava contemplado na brochura “Estoril, estação marítima climática, termal e sportiva”.

Em 1915, assistiu-se à constituição da Sociedade do Estoril com a finalidade de poder executar este projecto ambicioso<sup>56</sup>, que deveria dar origem a uma urbanização de luxo com o Hotel Palácio a catalizar um novo tipo de vivência, de modo a transformar o Estoril num centro turístico de nível internacional, que fosse atrativo e confortável e que pudesse competir com estâncias europeias semelhantes<sup>57</sup>.

---

<sup>54</sup> Cadavez, Cândida (2017), *A Bem da Nação, As representações turísticas no Estado Novo entre 1933 e 1940*, Lisboa, edições 70, p. 221.

<sup>55</sup> Guimarães, Manuel e Valdemar, António (2001), *Grandes Hoteis de Portugal*, Lisboa, Edições Inapa, p.133.

<sup>56</sup> Encarnação, Jose (1986), “Para uma história do Turismo no Estoril”, in *III Congresso do Turismo Nacional 75 anos. 1911-1986*”, Porto, p. 69.

Figura 10- O Futuro Estoril- Aspecto da entrada do Parque, Estabelecimento Thermal e do Casino, vistos do terraço do Palace Hotel em 1914



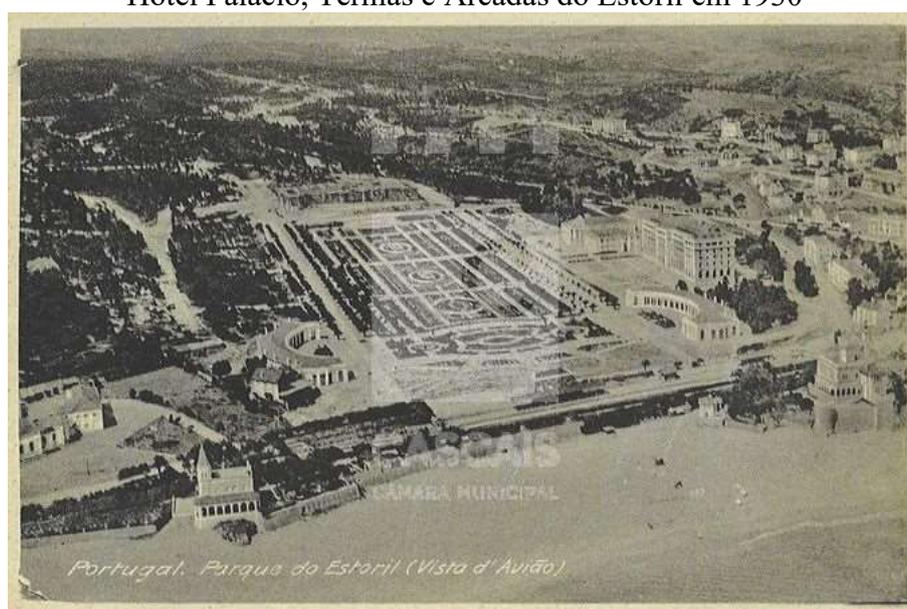
Projeção do novo Estoril, 1914

Fonte; imagem Estoril: Estação Marítima, Climaterica, Thermal e Sportiva, Lisboa, Typographia A Editora Limitada, 1914

Martinet defendeu pública e internacionalmente as potencialidades turísticas do Estoril e de Portugal, e apresentou um projecto inovador, com hotéis, edifícios de termas, um grandioso parque e ligação ferroviária a Sintra.

Mas devido à falta de investidores e ao início da Primeira Guerra Mundial o projecto foi interrompido e só se concretizou mais tarde. O Plano de Martinet, que incluía entre outros a primeira versão do Hotel Palácio do Estoril, foi posteriormente trabalhado pelo arquitecto Silva Junior.

Figura 11- Panorâmica do Estoril. Ao centro, fundações do Casino Estoril; à direita, Hotel Palácio, Termas e Arcadas do Estoril em 1930



Fonte – 1930 PT/CMCSC-AHMCSC/AESP/CJSF/H/EST 061

Relativamente à gravura da figura 10, que integrava o projecto apresentado em 1914, e à fotografia da figura 11, que é datada de 1930, verifica-se que têm em comum a estrutura do Parque do Estoril, assim como a localização dos hotéis, nomeadamente o Hotel Palácio, segundo se refere na brochura: “que junto à estação de caminho-de-ferro se fizesse através de uma ampla praça limitada”<sup>58</sup>. A obra final não registou alterações estruturantes, apesar de durante este período terem havido intervenções feitas por vários arquitectos.

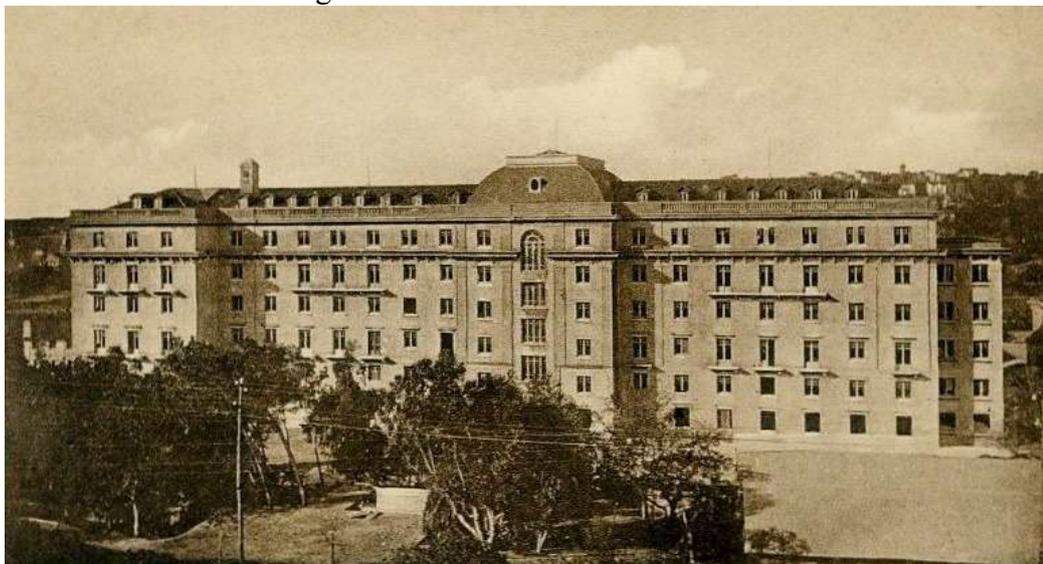
O Hotel Palácio, nos anos 30, com a comum designação de Palace Hotel, indicava um local cosmopolita e sofisticado, frequentado pelas ricas elites sociais, devendo ser digno de constar entre as estâncias de luxo e teria de estar perto de um importante terminal ferroviário. Anos mais tarde a designação Palace Hotel passa a substituir a de Palácio Hotel, e é a designação mais recente que utilizo no meu trabalho.

De acordo com Colaço e Archer, “O Palácio Hotel entrou em construção pela mesma época (1916), e só se falava dos seus 200 quartos, dos seus salões, com um certo assombro comovido. Seguiram-se outros hotéis.”<sup>59</sup>

A imagem da figura 12, refere-se ao Palace Hotel tal como é representado na brochura *Estoril: Estação marítima, climatérica, thermal e sportiva*. Em 1916, o Hotel começou a construção, segundo a versão incluída no Plano Martinet, mas esta foi interrompida para seguidamente, em agosto de 1930, ser inaugurado segundo o projecto final de Raoul Jourde e Léonce Reynés.

De notar que apesar de se afirmar que a obra de Jourde respeitava o projecto de Martinet, a confrontação do resultado final com o projecto do Hotel, inserido na brochura de 1914, permite verificar que o Hotel Palácio de 1930 (figura 13), aquele que de facto se construiu, respeitava quase na íntegra o plano do Hotel original, representado na figura 12.

Figura 12 - O Hotel Palácio em 1914



Fonte (imagem de *Estoril: Estação Marítima, Climaterica, Thermal e Sportiva*, Lisboa, Typographia A Editora Limitada, 1914).

<sup>58</sup> *Estoril – Estação Marítima*, s/p.

<sup>59</sup> Colaço, Branca Gonta e Maria Archer (1943), *Memórias da Linha de Cascais*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, p. 304.

Figura 13-O Palácio Hotel em 1930



Fonte: Bilhetes-postais, 1930 (imagens www.delcampe.net)

Com a aprovação do projeto, em 1916 decorre o lançamento solene da primeira pedra do Casino, na presença do Presidente da República, o Dr. Bernardino Machado, e de Fausto de Figueiredo, na altura Presidente da Câmara de Cascais. A revista *Ilustração Portuguesa* do referido ano de 1916, incluía o texto sobre memória antecipada do Hotel Palácio:

“lá no alto entre os pinheiros que salpicam a encosta, demarcou-se a área do Palace Hotel, um monumento de bom gosto e de comodidades, sobranceiro ao Parque, aos Hóteis das Termas, às Avenidas e à Pelouse, acima do qual ficará o Casino imponente e esplendoroso, para cuja construção colocou a primeira pedra o Presidente da República Dr Bernardino Machado”<sup>60</sup>.

Esta notícia serve para ilustrar como era tão importante a construção do Hotel Palácio, mas que será preciso catorze anos para a sua concretização.

### 3.2- O Hotel finalmente... no contexto nacional e na zona envolvente

Com o Hotel inaugurado, torna-se necessário que a sua rentabilidade não seja posta em causa, daí que a animação moderna, a par com as restantes iniciativas, tenha também condições para avançar. Um Casino em pleno funcionamento e um Hotel ao qual se associa o golfe, o ténis, o tiro aos pombos e uma série de iniciativas desportivas e turísticas de âmbito internacional, assim como a linha férrea electrificada do Estoril e o início da actividade imobiliária contribuíram para a realização do projecto inicial.

Apesar do cuidado da conclusão do todo o projecto do Estoril, para que o Hotel Palácio pudesse responder para o que fora projectado, podemos verificar através dos

---

<sup>60</sup> Guimarães, Manuel e Valdemar, António (2001), *Grandes Hotéis de Portugal*, Lisboa, Edições Inapa, p.134.

registos da época que os hotéis de luxo em Portugal quase não existiam, o que torna este Hotel Palácio um ícone fascinante, que servia para mostrar ao exterior que Portugal também acompanhava a tendência de modernidade como acontecia nos países desenvolvidos.

Para ilustrarmos como a hotelaria evoluiu neste período de 15 anos, socorremos, da *Revista de Turismo*, que começou a ser editada em maio de 1936, de periodicidade mensal. Esta fonte de análise revelou-se de interesse para o âmbito deste trabalho, mas estando apenas disponíveis para consulta os números referentes aos anos de 1936 a 1944. No entanto, há a considerar que esta revista vivia da publicidade, e os hotéis que são aqui referenciados têm a classificação de “recomendados”, podendo não constar a totalidade dos hotéis então existentes em Portugal. Contudo, este pormenor não foi relevante para minimizar a análise da tendência do setor hoteleiro neste período, com a particularidade de que em 1936 o Hotel Palácio do Estoril continua a representar “uma pedra no charco na hotelaria de luxo”, apesar ter sido inaugurado em 1930.

Desta forma efectuamos o estudo seguindo a metodologia da tipificação /classificação dos hotéis entre 1936 e 1946. O primeiro passo foi a elaboração da informação com a data do anúncio, a localidade do hotel, a designação do hotel, a categoria, o número de quartos (disponível entre 1936 e 1939), precário diário mínimo e máximo em duas modalidades, de alojamento e de alojamento com refeições. De seguida, analisei a evolução dos hotéis por classificação e o total destes, entre 1936 e 1944. Por fim, escolhi o ano de 1936 para analisar os 3 hotéis de luxo existentes em Portugal, comparando o número de camas e os preços praticados, evidenciando-se o Hotel Palácio do Estoril como o que tem maior número de camas e de 200 quartos, no total 352 quartos, 120 quartos no Hotel Bussaco e 32 quartos no Hotel Aviz. O preço diário do Hotel Palácio em ambas as modalidades situa-se na média dos outros dois hotéis.

Tabela 2 - Hotéis em Portugal (publicados na *Revista Turismo*) entre 1936 a 1944

Classificação de Hotéis Ano	Hotéis de 1ª Classe	Hotéis de 2ª Classe	Hotéis de 3ª Classe	Hotéis de Luxo	Hotéis S/Classificação	Total
1936	8	29	75	3	0	115
1937	8	33	85	3	11	140
1938	8	21	60	3	7	99
1939	7	22	57	3	7	96
1940	10	34	46	3	36	129
1941	11	33	46	3	38	131
1942	10	31	42	3	29	115
1943	11	30	42	3	33	119
1944	11	31	41	3	36	122
Média (1936 a 1944)	9	29	55	3	22	118

Fonte: *Revista de Turismo*, notícias publicadas sob o nome " Hotéis Recomendados" entre 1936 e 1944.

Em relação à evolução do total de hotéis entre 1936 e 1944, o pico situa-se em 1937, com os hotéis de 3.ª classe a justificar o número. Temos de realçar que surge a partir de 1940 um número significativo de hotéis sem classificação, em contrapartida com um decréscimo dos hotéis de 3ª classe. Contudo, o somatório de ambas as categorias

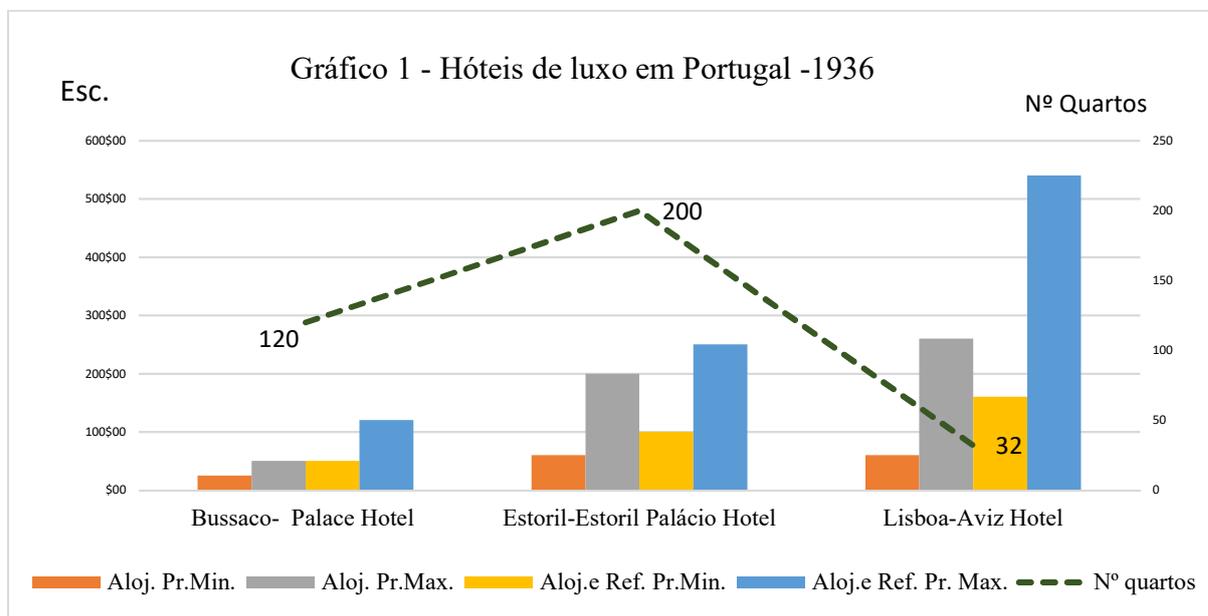
representa um número quase constante ao longo do período analisado. Constatamos que são estes dois tipos de classificação hoteleira os que predominam, representando 65% em relação à média de hotéis em Portugal.

Se considerarmos os hotéis de luxo e os de 1.<sup>a</sup> classe estes representam em média 10% do total, e os hotéis de luxo representam apenas 2,5% da média do universo total que é de 118 hotéis.

Excluindo os hotéis de luxo, analisando os hotéis de classificação máxima seguinte, os hotéis de 1.<sup>a</sup> classe, nos primeiros 4 anos só havia 8 hotéis; nos 5 anos seguintes (1940 a 1944), passa haver 11 hotéis, face à média do total de hotéis deste período (118 hotéis). A sua proporção passa de 7% para 9%, quase não havendo mudança de paradigma na estrutura hoteleira neste período. Esta evolução demonstra que o País não conseguiu induzir um aumento de clientela suficiente para alterar este modelo, tanto a nível de mercado interno, pois o aumento da riqueza foi diminuto, como a nível do mercado externo, com um reduzido incremento da procura por parte dos hóspedes endinheirados estrangeiros. O Hotel Palácio é a infraestrutura do País que mais atrai a clientela estrangeira endinheirada.

A maioria da população que procura os hotéis tem poucas exigências de modernidade, de conforto e tem baixos recursos financeiros quando comparada com o cliente tipo do Hotel de luxo e de 1.<sup>a</sup> classe.

De seguida iremos analisar o desempenho do Hotel Palácio do Estoril face aos outros dois hotéis de luxo existentes em Portugal.



Fonte: *Revista de Turismo*- noticia publicada sob o nome “Hotéis Recomendados” em 1936

Podemos ver no gráfico 1 o comportamento do Hotel Palácio face aos outros 2 hotéis de luxo, o Hotel Bussaco e o Hotel Avis. Os preços diários mínimos e máximos do Hotel Palácio, em duas modalidades, de alojamento e de alojamento com refeições, são superiores aos do Hotel Bussaco, mas bastante inferiores ao do Hotel Avis. Como já

referimos o número de cama do Hotel Palácio é superior ao total de camas nos outros dois hotéis, 200 quartos contra 152 quartos.

Vejamos agora a importância do Hotel de luxo na zona e no País, evidenciando o tipo de clientela que se alojava, pois apesar de ter só duzentas camas, este número era superior ao somatório dos outros dois hotéis de luxo portugueses, o que torna evidente que o Hotel Palácio servia de catalisador para a vinda de gente endinheirada, contribuindo desta forma para as receitas de moeda estrangeira.

Em 1934, de acordo com o decreto-lei nº23:516, de 27 de janeiro de 1934, listava os estabelecimentos autorizados a utilizarem a designação de «Hotel». Em relação ao Estoril, abarcava o Estoril Palácio Hotel (classe de luxo), o Paris (2.ª classe) e o do Parque (1.ª classe).

Para analisar a relação entre os preços praticados pelo Hotel Palácio e os potenciais clientes a que se destinava, recorreremos ao anúncio publicado sobre os preços praticados pelo Hotel Palácio no *Jornal de Estoril*, durante 1937, e à tabela de Novos Vencimentos dos Oficiais, Guardas-Marinhas e Cadetes, de 1939, escolhendo as categorias máximas nos oficiais superiores e os seus respectivos vencimentos.

Os anúncios de 1937 do Hotel Palácio estão inseridos no âmbito da aposta no fomento do turismo interno, que foi feita de forma integrada, pedindo-se entre outras medidas, para que os preços de transporte fossem mais reduzidos, pois o alojamento na Costa do Sol descera para diárias também mais acessíveis. Devido à crise do mercado externo, como mais à frente iremos analisar, foi feita uma intensa campanha de divulgação pela Sociedade Estoril Plage sobre as maravilhas do Estoril para famílias, defendendo-o como “uma estância de portugueses e para portugueses”.<sup>61</sup> Outra estratégia de angariação de clientela foi a divulgação de *packs*, conforme tabelas 3 e 4, aliando os serviços da Sociedade do Estoril e da Sociedade Estoril Plage para a promoção do Hotel Palácio. A Sociedade de Propaganda da Costa do Sol lançou anúncios com certa visibilidade em periódicos nacionais e brochuras diversas, onde o Hotel Palácio aparecia evidenciado. Esta necessidade de aumentar o número de clientes nacionais fazia parte da estratégia para colmatar a perda da procura externa.

Em 1937, a Sociedade Estoril Plage, conforme já foi referido, lançou uma campanha com *O Estoril* a publicitar: “O verão no Estoril - Rivalizando vantajosamente com as praias e termas do estrangeiro, com optimo clima, banhos de mar e estabelecimentos termal, piscinas de natação, hotéis de primeira ordem, viagens de ida e volta a Lisboa em comboio electrico<sup>62</sup>” e, por fim, o preço da estadia com várias modalidades nos dois hotéis: o Palácio Hotel e o Hotel Parque<sup>63</sup>.

---

<sup>61</sup> *O Estoril*, 27 junho 1937, nº 211, p.5

<sup>62</sup> *O Estoril*, 19 dezembro 1937, nº 231, p.2.

<sup>63</sup> *O Estoril*, 27 junho 1937, nº 211, p.5.

Tabela 3 - Palácio Hotel - Hotel de luxo - modalidades de estadia em 1937

	Quarto e pensão			
	Sem banho		Com banho	
	1 Pessoa	2 Pessoas	1 Pessoa	2 Pessoas
8 dias, c/ viagem 1ª classe	720\$00	1 365\$00	860\$00	1 580\$00
8 dias, c/ viagem 2ª classe	710\$00	1 285\$00	850\$00	1 560\$00
15 dias, c/ viagem 1ª classe	1 275\$00	2 310\$00	1 520\$00	2 790\$00
15 dias, c/ viagem 2ª classe	1 255\$00	2 235\$00	1 500\$00	2 750\$00
30 dias, c/ viagem 1ª classe	2 400\$00	4 350\$00	2 850\$00	5 250\$00
30 dias, c/ viagem 2ª classe	2 355\$00	4 260\$00	2 805\$00	5 160\$00

Fonte: *O Estoril*, 27 Junho 1937, nº 211, p.5.

Tabela 4 - Hotel Parque –Hotel de 1.ª classe- modalidades de estadia em 1937

	Quarto e pensão			
	Sem banho		Com banho	
	1 Pessoa	2 Pessoas	1 Pessoa	2 Pessoas
8 dias, c/ viagem 1ª classe	415\$00	760\$00	550\$00	1 080\$00
8 dias, c/ viagem 2ª classe	406\$00	740\$00	540\$00	1 010\$00
15 dias, c/ viagem 1ª classe	735\$00	1 350\$00	975\$00	1 830\$00
15 dias, c/ viagem 2ª classe	715\$00	1 305\$00	955\$00	1 785\$00
30 dias, c/ viagem 1ª classe	1 395\$00	2 550\$00	1 845\$00	3 450\$00
30 dias, c/ viagem 2ª classe	1 350\$00	2 460\$00	1 800\$00	3 360\$00

Fonte: *O Estoril*, 27 junho 1937, nº 211, p.5.

Observando a tabela 3, temos os preços do Hotel Palácio e, na tabela 4, os do Hotel Parque, ambos pertencentes à Sociedade Estoril Plage. Os “pacotes de férias” têm vários tipos de actividade incluída e incentiva-se as estadas de uma semana, de duas semanas e de um mês em ambos os hotéis. Comparando os preços praticados com as mesmas modalidades, o Hotel Palácio apresenta preços unitários mais elevados, em média de 74% na modalidade sem banho e de 55% na modalidade com banho, em relação ao Hotel Parque. A oferta destina-se a hóspedes cosmopolitas, mas com posses financeiras diferentes, sendo evidente que o tipo de hóspede Hotel Palácio tem de ter mais dinheiro.

Para relacionarmos os preços praticados pelo Hotel Palácio para incentivo da estadas dos portugueses, mas continuando a ser destino de classes endinheiradas e de elites do País, conforme já mencionei, junto a título de exemplo a tabela de remuneração de oficiais da Marinha, publicada em 1939 na *História de Portugal*<sup>64</sup>, para ajudar a entender a possibilidade de passar férias em hotéis de alta qualidade, de acordo com o campanha do mercado interno.

<sup>64</sup> Serrão, Joaquim Veríssimo (2000), *História de Portugal (1935—1941)*, Volume XIV, Lisboa, Editorial Verbo, p.518.

Tabela 5 - Novos Vencimentos dos Oficiais, Guardas-Marinhas e Cadetes 1939

Postos	Soldo	Vencimentos de exercício			Vencimentos total		
		Engenheiros Construtores Navais	Marinha, Saude Naval Engenheiros Maquinistas Navais, Administração Naval	Quadros extintos e auxiliar	Engenheiros Construtores Navais	Marinha, Saude Naval Engenheiros Maquinistas Navais, Administração Naval	Quadros extintos e auxiliar
Vice-Almirante e Contra-Almirante	3 750,00		750,00			4 500,00	
Comodoro	3 350,00		650,00			4 000,00	
Capitão de mar e guerra	2 500,00	600,00	500,00		3 100,00	3 000,00	
Capitão de fragata	2 100,00	500,00	400,00		2 600,00	2 500,00	
Capitão tenente	1 850,00	500,00	400,00	300,00	2 350,00	2 250,00	
Primeiro tenente	1 500,00	400,00	300,00	200,00	1 900,00	1 800,00	1 700,00
Segundo tenente	1 150,00	350,00	250,00	150,00	1 500,00	1 400,00	1 300,00
Subtenente	950,00	-	150,00	150,00		1 100,00	1 100,00
Guarda marinha	750,00	150,00	150,00		900,00	900,00	

Fonte: Serrão, Joaquim Veríssimo, *Historia de Portugal* (1935-1941) Volume XIV, Editorial Verbo, 2000, p.518.

Escolhendo as duas primeiras categorias de oficiais superiores, Vice-Almirante/Contra-Almirante e Comodoro cujos vencimentos totais são respectivamente de 4 500 escudos e 4 000 escudos c, escolhendo o pacote de 2 semanas no Hotel Palácio para 2 pessoas, com banho, com o preço de 2 790 escudos, mesmo com a promoção, constatamos que só estas duas categorias de oficiais superiores possuem rendimentos suficientes para aí passarem uma quinzena, com agregado familiar de 2 pessoas (e estamos a comparar os vencimentos de 1939, com a promoção do Hotel Palácio de 1937). Não haja dúvida de que o Hotel se destinava a uma elite com grande poder de compra.

A crise do turismo externo é inicialmente consequência da Guerra Civil Espanhola. Depois, quando surge Segunda Guerra Mundial, tudo fazia crer que à semelhança do que acontecera durante a Grande Guerra (1914-1918) em termos de turismo, se iria verificar um abrandamento do movimento turístico e um crescimento de dificuldades económicas para este sector de atividade. Contudo, devido aos regimes políticos que dominavam nos países agressores da Segunda Guerra Mundial, constituiu-se um crescente fluxo de refugiados na zona e no Hotel Palácio. Como o impacto destas duas guerras a Guerra Civil de Espanha e a Segunda Guerra Mundial, irão ser escarpulizadas na vivência dos hóspedes, que deixamos para os capítulos da Parte IV - Os Hóspedes.

A Segunda Guerra Mundial teve um forte impacto no Estoril e no Monte Estoril que pode ser ilustrado pelo movimento de estrangeiros entre 1940 e 1945. Socorremos dos dados apresentados por Arminda Cavaco<sup>65</sup>, que demonstram que durante a Segunda

<sup>65</sup> Cavaco, Arminda (1983), *"A Costa do Estoril- Esboço Geográfico"*, Lisboa, Editorial Progresso Social e Democracia, SARL, p. 183.

Guerra Mundial os hotéis do Estoril atraíam muitos estrangeiros, constituindo o Estoril um importante lugar de passagem de europeus abastados, fugindo aos perigos e às condições de vida dos seus países ameaçados pelo conflito, tornando o Estoril um lugar de prestígio.

Tabela 6 – Diárias de estrangeiros nos Hotéis do Estoril e do Monte Estoril (1940-1945)

Principais países de origem	Estoril		Monte Estoril	
	1940	1945	1940	1945
Alemanha	3.844	1.239	1.077	
Argentina	1.924	6.261	83	
Bélgica	8.013	3.796	3.295	
Brasil	1.626	-	362	
Espanha	9.043	6.842	1.517	2.585
EUA	13.992	12.399	1.569	
França	5.754	1.422	5.173	
Holanda	3.844	2.049	2.123	
Hungria	2.642	5.067	339	
Inglaterra	17.835	4.980	7.102	
Polónia	2.236	-	1.194	
Outros	17.972	7.201	6.298	5.103
Total	88.725	51.256	30.132	7.688

Fonte: citado em Arminda Cavaco (1983), *A Costa do Estoril- Esboço Geográfico*, Lisboa, Editorial Progresso Social e Democracia, SARL, p.184.

Em relação à clientela hoteleira do Estoril, e também do Monte Estoril, verificamos que à antiga colónia inglesa e espanhola se juntam outras nacionalidades europeias e americanas, atingindo o Estoril, no ano de 1940, o número máximo de 88.725 de dormidas. De acordo com esta informação, em relação às nacionalidades dos turistas destacam-se os norte-americanos, ingleses, espanhóis, belgas, franceses, polacos e húngaros. Quando acabou a guerra a maioria destes “turistas” voltaram para os seus países de origem.

A informação sobre as diárias de estrangeiros entre 1940 e 1945 reflete a situação de muitos estrangeiros que estavam no Estoril à espera de um embarque intercontinental. A concretização dessa partida justifica que de 1940 para 1945 se verificasse uma descida nas dormidas de estrangeiros, tanto no Estoril como no Monte Estoril. Contudo, manteve-se uma forte presença no Estoril de norte-americanos em relação às outras nacionalidades, nomeadamente aos ingleses e aos espanhóis. Neste período da Segunda Guerra Mundial não é a função lazer a promodial mas sim a de gerir a fuga a essa guerra, os americanos estão na Europa para ajudar os aliados contra os do eixo, o que explica que a colónia americana se torne preponderante no Hotel Palácio, conforme iremos constatar mais à frente.

Após a análise do impacto do Hotel no mercado nacional e depois de termos verificado a sua valorização com a afluência de uma clientela estrangeira devido às circunstâncias trágicas determinadas pela Segunda Guerra Mundial, vejamos as repercussões que o Hotel teve na urbanização do Estoril, com a publicação em 1935 do Plano de Urbanização da Costa do Sol (PUCS). Consistiu, sem dúvida, uma mais-valia para o prestígio desta zona.

A narrativa construída à volta da divulgação do Hotel Palácio, desde a sua inauguração, passou sempre pela sua inserção nos Estoris da “Costa do Sol”. Esta zona da “Costa do Sol” foi formalizada em 1935, por ocasião da publicação do Plano de Urbanização da Costa do Sol (PUCS), o que permitiu revalorizar e concretizar o projecto inicial de Fausto de Figueiredo, definindo a zona como destino turístico internacional.

Com o Plano de Urbanização da Costa do Sol aprovado, o objectivo era melhorar o embelezamento da área, que se pretendia que fosse cada vez mais atrativa para os turistas estrangeiro. Desta forma, o Hotel Palácio beneficiaria de todas as melhorias concretizadas na zona, sendo procurado cada vez mais por estrangeiros endinheirados, o que de facto aconteceu.

Para além do Plano de Urbanização da Costa do Sol, a arquitectura final da zona do Estoril foi moldada pelos investimentos feitos na ligação ferroviária, através do comboio Sud Express e da Estrada Marginal. Como refere Paulo Pina “este afunilamento dos transportes internacionais em direcção a Lisboa, aliado às dificuldades de circulação pelo restante território, irá ser responsável, mais do que os seus próprios atractivos, pelo confinamento do turismo português da primeira metade do século ao triângulo Lisboa-Estoril-Sintra”<sup>66</sup>.

Em 1935, segundo o parecer da Câmara Corporativa e da proposta de lei nº15 sobre a urbanização da Costa do Sol, esta seria uma mais-valia para todos: “a sua aprovação permitirá a execução da obra e melhoramentos que representam criação de trabalho e aumento de riqueza pública, podendo afirmar-se que as despesas previstas são, em grande parte, de carater reprodutivo”.<sup>67</sup> O impacto económico deste projecto estaria implícito, tanto a nível local, como a nível regional.

A importância desta urbanização teve influência em todos os sectores da vida social, desde a higiene e saneamento das populações, às facilidades de transportes, aos traçados dos arrumamentos, à habitação, à construção de campos desportivos e de ambientes agradáveis. Uma nova profissão emerge, a dos arquitectos paisagistas, que são precisos para implementar e renovar os planos e a fisionomia das cidades.

Esta urbanização, com uma arquitetura residencial, foi executada em função do ambiente que se pretendia para a estância do Estoril, com a traça da cenografia do conjunto. O conjunto da urbanização irá transformar-se no elemento catalisador do Estoril, completando o que já existia à volta do Hotel Palácio. Mas, contudo, todo este conjunto foi-se adaptando à imaginação e traço de novos arquitectos que foram chamadas durante este período e que irão transformar esta urbanização na senda do progresso e da modernidade.<sup>68</sup>

Referindo as duas acções mais relevantes com impacto nos preceitos turísticos e urbanísticos, considera-se que estas foram na área da higiene e do saneamento, nos finais dos anos 30, com a acção de combate às moscas e mosquitos e a cobertura de curso fluvial poluída. Estas acções foram consideradas como primordiais, consistindo num projecto inédito no país e relevante na promoção da Costa do Sol e do PUCS.

---

<sup>66</sup> Pina, Paulo (1988), *Portugal o Turismo no Século XX*, Lisboa, Lucidus, p.55.

<sup>67</sup> *O Estoril*, 23 fevereiro 1935, nº 135, p.4.

<sup>68</sup> Henriques, João Anibal (2011), *Turismo no Estoril, Apontamentos para uma visita ao Estoril*, Cascais, Academia de Letras e Artes, p. 201.

Para ilustrar como a higiene e o saneamento eram problemas prementes que requeriam resolução rápida para deixarem de constituir um aspecto negativo na consolidação da zona como estância de turismo internacional, ilustramos com a notícia publicada em *O Estoril*: “o pânico instalou-se em toda a zona da Costa do Sol, devido ao procedimento insensato de alguns médicos, está sofrendo prejuízos de ordem moral e material”, porque algumas crianças adoeceram e maioria dos banhistas e hóspedes abandonaram a zona, confirmando-se mais tarde que era uma doença importada do Brasil<sup>69</sup>.

Com alarmes deste tipo, torna-se evidente a necessidade urgente de implementação do Plano de Urbanização da Costa do Sol que desencadearia melhorias em toda a zona e, como estava perto da capital, contribuiria ainda para a valorização de Lisboa, facto que constituía também uma primordial preocupação. Este Plano de Urbanização, que constituiu a primeira intervenção do Governo, irá servir de modelo a outras áreas geográficas de natureza semelhante.

Neste caso, o Hotel Palácio foi considerado uma infraestrutura crucial no processo de institucionalização do Estoril como a primeira instância de turismo internacional do país. Não deixa dúvida de que o processo iniciado em 1914 desencadeou no País o desperpetar para novos destinos num progresso crescente. A urbanização da Costa do Sol, em que houve legislação apropriada para este segmento de actividade, na qual estão incluídas as comunicações, a construção da Estrada Marginal, o fácil acesso do Estoril a Lisboa pelo caminho-de-ferro electrificado da Sociedade Estoril, com o Hotel Palácio a ser um elemento chamariz para milhares de estrangeiros que vêm aqui passar férias, pelas comodidades que oferece, é um dos espelhos do progresso. Mas devemos ter em consideração que toda esta obra exigia uma atenção continuada. Segundo *O Estoril* “muito se tem feito [... mas] é preciso fazer mais para atrair os endinheirados.”<sup>70</sup>

Não restam dúvidas, face ao que foi exposto, que o Hotel Palácio contribuiu de diversas formas para a mudança da zona e do País.

De seguida iremos debruçar-nos sobre as infraestruturas que foram criadas para que todo o projecto fosse concretizado, surgindo o Hotel Palácio como o elemento integrador neste processo.

### 3.3- O Hotel e as infraestruturas de apoio

Para que os atrativos e a viabilidade da estância de turismo, no caso particular o Hotel Palácio, se confirmassem, a ligação ferroviária e rodoviária, bem como outras infraestruturas eram determinantes para a arquitectura final do projecto do Estoril.

A política do turismo e os meios ferroviários estão interligados, e a publicidade do Hotel Palácio demonstra esta evidência desde a sua inauguração até ao fim do nosso período de estudo: a promoção do hotel realça os meios ferroviários como um activo que os hóspedes do Hotel têm ao seu dispor.

---

<sup>69</sup> *O Estoril*, 30 setembro 1936, nº 177, p.1.

<sup>70</sup> *O Estoril*, 27 outubro 1935, nº 146, pp.1.

Figura 14- Anúncio do Hotel Palácio e o comboios electricos em 1933



Fonte -*O Estoril* 4 Junho 1933, nº82, pp.3

Figura 15- Anúncio do Hotel Palácio e os comboios electricos em 1934



Fonte -*O Estoril* 28 Março 1934, nº127, pp.3

Apesar do conhecimento de que “a facilidade de comunicação e as boas estradas juntamente com bons hotéis são a base essencial para o turismo”<sup>71</sup>, ao longo deste período constata-se divergências a nível da organização do Estado sobre a responsabilidade da conservação das estradas municipais: “passou da Junta Autónoma das Estradas para as Camaras Municipais, estas sem verbas não tem possibilidades de efectuarem obras e, especialmente, há estradas que servem de ligação entre os centros de turismo e de localidades de arredores, que deveriam permanecer na Junta Autónoma.”<sup>72</sup> Verifica-se que os poderes públicos virados para o turismo externo apresentam deficiências de organização e de políticas integradas.

Mas com a preocupação da melhoria e a integração das políticas, entretanto aprovadas, vamos analisar as infraestruturas que interagem com o Hotel, nomeadamente as ligações ferroviárias e viárias, as telecomunicações e outras infraestruturas de apoio.

### 3.3.1. A linha de comboio...

A 30 de Setembro de 1889 inaugurou-se o Ramal de Cascais, com extensão ferroviária então até Pedrouços, depois complementada com ligação marítima à capital. Esta iniciativa conduziria ao aparecimento de núcleos habitacionais perto dos apeadeiros

<sup>71</sup> *O Estoril*, 22 novembro 1936, nº 184, p. 1.

<sup>72</sup> *O Estoril*, 22 novembro 1936, nº 184, p. 1.

criados, com repercussão no desenvolvimento costeiro. A 29 de Março de 1915 é fundada a Sociedade Estoril (SE) com objectivos turísticos, urbanísticos e promocionais que depois revolucionaria a gestão de ferroviária<sup>73</sup>.

A 7 de Agosto de 1918, a Sociedade Estoril ganha a concessão privada da Linha de Cascais pelo período de 50 anos<sup>74</sup>, com a obrigação de a electrificar. Devido às consequências económicas da Primeira Guerra Mundial, o projecto de modernização da Linha de Cascais sofreu um atraso e as obras só se puderam iniciar na década de 1920. Além da electrificação da via-férrea e da introdução de material circulante eléctrico, a Sociedade Estoril planeava reconstruir totalmente as principais estações da linha, incluindo a do Estoril.

Segundo Pina, a empresa Financière Belge, simultaneamente técnica de electrificação e financiadora da parte ferroviária do projecto, não acreditando na viabilidade económica da estância de turismo do Estoril, exigiu aos seus responsáveis a criação cautelar da Sociedade Estoril, independente da Estoril-Plage, agora direccionada para a estância de turismo<sup>75</sup>. Assim a Sociedade Estoril Plage torna-se a proprietária do Hotel Palácio e a Sociedade de Estoril é a gestora da linha férrea de Lisboa-Estoril.

Em 1 de agosto de 1926, a estação do Estoril já tinha o novo edifício, que utilizava um estilo arquitectónico semelhante ao dos edifícios em redor do Parque do Estoril. Podemos verificar a alteração da antiga estação do Estoril (figura 16), para a nova estação (figura 17), com o novo edifício de estação ferroviária.

Figura 16 - Estação do Estoril antes das obras de electrificação de 1926



Fonte: MARTINS, João; SOUSA, Miguel de; BRION, Madalena *et al.* (1996), *O Caminho de Ferro Revisitado: O Caminho de Ferro em Portugal de 1856 a 1996*. [S.l.]: Caminhos de Ferro Portugueses.

<sup>73</sup> *O Século*, 31Março1915, pp. 6, citado na Anjos, 2012, p. 32)

<sup>74</sup> Anjos, Maria Cristina, (2012) “O TURISMO NO EIXO COSTEIRO ESTORIL-CASCAIS (1929-1939): Equipamentos, Eventos e Promoção do Destino” tese de doutoramento, Lisboa, UL-FL, p.79

<sup>75</sup> Pina, Paulo, (1988) “Portugal o Turismo no Século XX”, Lisboa, Lucidus, p.35

Figura 17 - Estação do Estoril depois das obras de electrificação de 1926



Fonte: A Estação Ferroviária de Estoril, na Linha de Cascais, em Portugal. Esta fotografia foi publicada na *Gazeta dos Caminhos de Ferro* n.º 1285, de 1 de julho de 1941, e digitalizada pela Hemeroteca Municipal de Lisboa

Verificamos que a nova estação em nada se pode comparar com a antiga, o novo edifício da estação segue as linhas arquitetónicas da estância do Estoril e em 1927, a linha Lisboa Cascais torna-se a primeira linha ferroviária electrificada do País<sup>76</sup>.

No Verão de 1929, aquando da chegada de duas das cinco automotoras encomendadas para a então única linha electrificada do país, num período em que existiam carruagens e tarifas para três classes de passageiros, constata-se que estas duas carruagens se destinam aos turistas estrangeiros. A restante população continuaria a ser transportada em carruagens sem conforto.

Estamos numa época em que o fascínio tecnológico inerente à veloz ferrovia está interligado com a forma e rumo às estâncias de sofisticação<sup>77</sup>.

A 1 de Setembro de 1930 é inaugurado o serviço Sud-Express em carruagem directa ao Estoril com despacho aduaneiro das bagagens na Estação do Estoril, ou seja, deixavam-se as carruagens cama na estação do Rossio, que depois entravam na Linha de Cascais através de Alcântara, chegando ao Estoril, estação terminal.

Desta forma, os turistas poderiam vir para o Estoril de comboio desde os seus lugares de origem. Chegavam à estação do Estoril no SUD-EXPRESS que saía de Paris, vinha um carro que os recolhia e os levava até ao Hotel Palácio. Não tinham de andar, nem sequer os cem ou cento e cinquenta metros que vão desde a estação do Estoril até ao Hotel Palácio. O que contribuía para a celebração da Costa do Estoril como destino de

<sup>76</sup> Pina, Paulo (1988), *Portugal o Turismo no Século XX*, Lisboa, Lucidus, p.35.

<sup>77</sup> Anjos, Maria Cristina (2012), *O TURISMO NO EIXO COSTEIRO ESTORIL-CASCAIS (1929-1939): Equipamentos, Eventos e Promoção do Destino*, tese de doutoramento, Lisboa, UL-FL, p.79.

férias internacional de acesso facilitado. Esta ligação Paris-Estoril remete-nos para um mundo de luxo e fantasia.

Figura 18 - «Chegada ao Estoril, no Sud, dos primeiros delegados ao Congresso Internacional do Turismo , acompanhados de algumas senhoras , a quem foram oferecidas ramo de flores »



Fonte: *O Estoril* , 21 maio 1933, nº 80, p. 4.

Devido à Guerra Civil Espanhola, o Sud Expresso foi suspenso entre 20 de julho de 1936 e 1 de agosto de 1939. Foi interrompido novamente em 1 de Novembro de 1940, devido à Segunda Guerra Mundial.

Apesar desta evolução modernizadora da linha ferroviária e do seu sucesso junto do turismo do luxo, com carruagens de 1ª classe, a população residente manifesta um sentimento de desagrado, nomeadamente contra o mau serviço que lhe é prestado pela Sociedade Estoril devido ao equipamento ferroviário estar obsoleto, assim como contra a carestia dos preços dos bilhetes de comboio, conforme é noticiado no *O Estoril* em julho de 1933: “O artigo pede ao ministro das Obras Publicas e Comunicações que revogue o ultimo aumento de 10% e decretar que sejam estudadas novas tarifas na linha do Estoril, impondo-lhe ainda a possível melhoria nos seus serviços..... A exorbitancia de preços das tarifas não tem só afastado muita população com permanência aqui, mas vai reduzindo de ano para ano a afluência desta época.»<sup>78</sup>. A situação de desagrado manter-se-ia durante anos.

Em 1935, *O Estoril* continua abordar o mau serviço prestado pela Sociedade Estoril, como se segue: “Não sabemos como não se teem dado desastres graves na

<sup>78</sup> *O Estoril*, 23 julho 1933, nº84, pp. 1.

composição de certos combóios da linha Cais Sodré-Cascais, porque a maior parte das carruagens está desconjuntar-se.....as carruagens já deveria, ter sido retiradas quando a Estoril tomou a concessão .”<sup>79</sup>

Apesar da linha do Estoril ter sido pensada em função do turismo, também os turistas estrangeiros se lamentam de alguns aspectos do funcionamento da Sociedade do Estoril, como a ausência de funcionários com conhecimentos de inglês e francês: “Alguns estrangeiros pedem-nos que lembremos ...de colocarem nas bilheteiras do Cais do Sodré, Estoril e Monte do Estoril, empregados com conhecimentos de inglês e francês.”<sup>80</sup>

Chegamos a 1937 e assiste-se à melhoria da linha, com a inauguração de cinco carruagens novas da Sociedade do Estoril, organizando um comboio na linha Cais Sodré - Cascais. Estas novas carruagens vieram para substituir as incómodas carruagens de 3.<sup>a</sup> classe tendo sido construídas no Barreiro por pessoal português<sup>81</sup>.

O desenvolvimento da região, a Grande Lisboa, com especialização de mão-de-obra começa a ter peso, sendo esta uma das múltiplas consequências do desenvolvimento do turismo no Estoril.

Contudo, apesar da linha ferroviária ser um fator de desenvolvimento económico, as melhorias registadas não são acompanhadas por uma evolução social da população em termos de qualidade e de benefícios, o que seria expectável, conforme se regista nos jornais da altura.

A política de turismo implementada no Estoril foi incentivada para atrair os estrangeiros, com a ferrovia a ter de estar em consonância com este objetivo. Mas, ficando de fora a implantação de medidas que pudessem estimular o desenvolvimento do turismo interno, nomeadamente as viagens de comboio a preços mais reduzidos que pudessem, desta forma, incentivar os portugueses a utilizar com mais frequência os caminhos-de-ferro, esta infraestrutura manteria uma utilização limitada e os preços continuariam altos.

O transporte ferroviário tinha duas dinâmicas, a que servia o turismo de luxo, que funcionava como complemento dos serviços, nomeadamente para os hóspedes do Hotel Palácio “com comboio eléctrico de meia em meia hora para Lisboa”<sup>82</sup> que seriam carruagens de 1.<sup>a</sup> classe, e uma outra que servia a população, com carruagens antiquadas a preços exorbitantes, o que desincentivava a sua utilização.

O gráfico abaixo é revelador de que só a partir do início da Segunda Guerra Mundial, devido ao contínuo aumento de hóspedes estrangeiros, é que se verificou um acréscimo acentuado do número de passageiros transportados, referente ao período de 1940 a 1945.

---

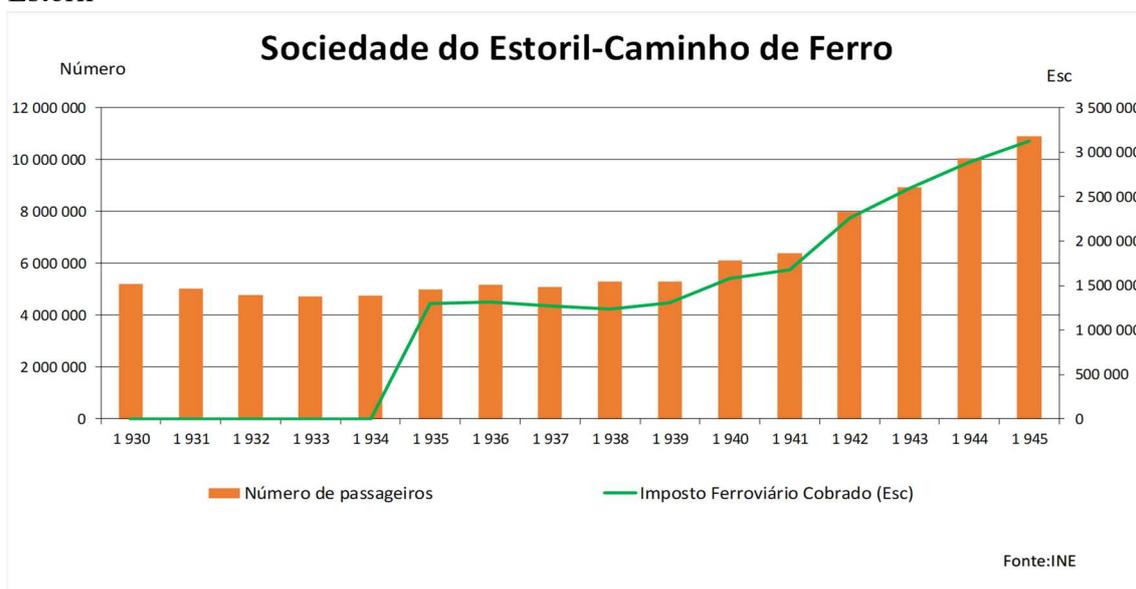
<sup>79</sup> *O Estoril*, 10 março 1935, nº 136, p.2.

<sup>80</sup> *O Estoril* , 17 maio 1936, nº 158, p. 2.

<sup>81</sup> *O Estoril* , 14 fevereiro 1937, nº 195, p. 1.

<sup>82</sup> *O Estoril* , 4 junho 1933, nº 82, p. 3.

Gráfico 2– Evolução de passageiros e Imposto Ferroviário do Caminho de Ferro do Estoril



Fonte: INE *Anuário Estatístico* de 1930 a 1945.

Com base na informação do Instituto Nacional de Estatística, verifica-se que o número de passageiro transportados em 1930 foi cerca de 5,2 milhões. Analisando o período de 1930 a 1933, os números denotam um decréscimo gradual a que não foi alheio a concorrência da via rodoviária e a crescente subida do preço das passagens ferroviárias. Nos anos seguintes mantém-se quase constante, para registar uma ligeira subida do número de passageiros: em 1939 há 5,3 milhões, para em 1945 se atingir o dobro, com cerca de 10,9 milhões de passageiros. A linha ferrea tinha uma extensão de 26 quilómetros,

Em relação ao imposto ferroviário cobrado, o seu registo oficial só começa em 1934, com o valor de 1 300 mil escudos, alcançando os 3 130 mil escudos em 1945.

O período de auge do turismo, que corresponde ao da Segunda Guerra Mundial, reflete-se em vários cenários. Neste caso, o imposto ferroviário destinado aos cofres do Estado manteve sempre uma tendência de subida.

### 3.3.2 Ligação rodoviária

A ligação rodoviária é um meio também muito importante para se aceder ao Hotel e a toda a zona do Estoril, nomeadamente a ligação à capital. Em 1936, o projecto da construção da auto-estrada marginal, entre Lisboa e Cascais, já está concluído. Contudo, a sua inauguração só ocorrerá em 1948. Quando esta obra estiver concluída será mais um meio para fomentar o turismo da zona e reduzir a dependencia dos comboios da linha do Estoril, conforme é notícia: “A linha irá ser dotada com alguns importantes melhoramentos, entre os quais se destaca a construção de um auto-estrada marginal entre Lisboa e Cascais, cujos estudos de campo já estão concluídos. [...] Além de enormes vantagens, [...] a realização dessa bela ideia decerto influirá nos preços dos comboios da

Sociedade do Estoril, pela enorme concorrência dos transportes mecânicos, que a obrigarão a ser mais cómoda.”<sup>83</sup>

A rede viária da zona do Estoril sofreu melhoramentos, mas a falta de manutenção gerou problemas, “não se encontra à altura desta estância, existindo ramais que são um horror e uma vergonha, fazendo-nos regressar à situação arrepiante de alguns anos atrás.”<sup>84</sup> Este problema de manutenção da rede rodoviária é dramático para a qualidade do turismo que se pretende oferecer, mas vem ao de cima a desorganização do Estado sobre a responsabilidade da conservação das estradas municipais, conforme já referenciamos.

### 3.3.3 - As Telecomunicações

Os telefones, no seu conjunto de postos e de assinantes, também representam uma infraestrutura que teve uma forte evolução nesta época. O Estoril, em 1930, tinha 230 postos de assinantes de telefone. Com o começo da Segunda Guerra Mundial atinge os 539; no ano seguinte sobe aos 997, para em 1945 registar 682 telefones.

O acréscimo dos telefones que se regista em 1940 explica-se com a chegada de um grande número de refugiados. No ano seguinte regista-se uma descida para o nível de telefones existentes em 1939, para de seguida se constatar uma considerável subida do número de postos e de assinantes de telefones até 1945. Se relacionarmos com a evolução das zonas de Lisboa e Porto, estas são idênticas à do Estoril até 1938, mas nos anos de 1939 e 1942 estas duas grandes zonas registam um maior acréscimo. Existe sempre um pico em 1940, no Estoril, que é refletida no gráfico 4.

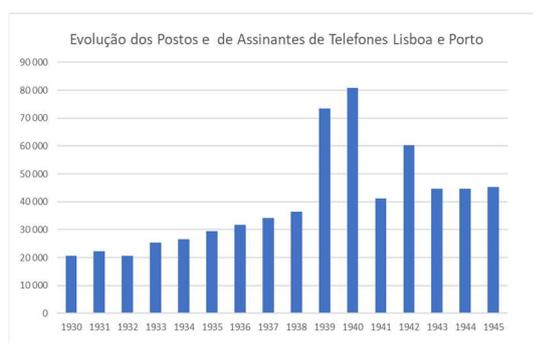
Enquanto a população residente no Estoril estabiliza após o pico de 1940, que se reflete na utilização do telefone, em relação a Lisboa e ao Porto, a evolução da população apresenta um comportamento diferente do Estoril devido à sua composição.

Gráfico 3-Telecomunicações no Estoril



Fonte: Anuário Estatístico do INE de 1930 a 1945

Gráfico 4-TelecomunicaçõesLisboa e Porto



Fonte: Anuário Estatístico do INE de 1930 a 1945

Novamente no período auge do turismo, o da Segunda Guerra Mundial, neste caso as telecomunicações a registaram um forte incremento.

<sup>83</sup> *O Estoril*, 23 julho 1933, nº84, p. 1.

<sup>84</sup> *O Estoril*, 22 novembro 1936, nº 184, p. 1.

### 3.3.4. Outras infraestruturas de Apoio

Para além das infraestruturas viárias e telecomunicações, a Sociedade Estoril Plage, já quase no final da década 30, inaugura em frente da praia do Estoril um Balneário com diferentes valências. Tem 70 cabines e 140 armários, ao centro tem um bar amplo, tendo pavilhões para venda de tabacos, jornais, revistas e artigos regionais.

Apesar de crise que se vive nesta altura, esta infraestrutura valoriza toda a zona do Estoril e contribui para que os hóspedes do Hotel Palácio tenham uma estadia mais agradável.

Para a prática de natação, há a referir a piscina aquecida, única no País, que não sendo só frequentada por turistas estrangeiros, também serve de prática de natação para a população, sendo notícia por ocasião do Festival de Natação, a favor da Misericórdia de Cascais<sup>85</sup>.

Após a análise do impacto das diversas infraestruturas necessárias para que esta estância de turismo pudesse responder às vivências deste tipo de clientela, com a evidência do Hotel Palácio, vamos debruçarmos sobre necessidade de formação e organização hoteleira, outro grave problema que afligia o sector e que contribuía para que este não evoluísse da forma espectacular.

### 3.4. Necessidade de Formação... e o problema da remuneração

O turismo e a necessidade de formação e organização sempre foi uma questão mal resolvida. Começando no início do século e durante longo tempo foi sempre considerado um dos principais condicionalismos no desenvolvimento do turismo em Portugal.

No início do século XX, em relação às más condições hoteleiras, Raul Proença, no seu livro *Guia de Portugal*, faz deles um retrato impiedoso<sup>86</sup>. Não era tanto a falta de hotéis, era principalmente a má qualidade e as más instalações. Para combater este problema, em 1905 há um primeiro projecto de lei para concessão de benefícios fiscais às empresas hoteleiras, mas sem sucesso. Em 1914 é publicado um diploma que estabeleciam grandes vantagens fiscais para a construção de hotéis, que vai manter-se até 1924, com prorrogações posteriores até 1934, mas com fracos resultados<sup>87</sup>.

Quando se questiona a solução para este problema, surge o nome de José de Athaide, autor do livro *Noções de hotelararia*, editado em 1939.

Esta publicação faz uma análise crítica, mas construtiva, sobre a actividade hoteleira, em termos de equipamento e de gestão no sentido de satisfazer os novos requisitos do turismo, mas que tem subjacente a experiência profissional de quase 30 anos do autor, iniciada em 1911, ano em José de Athayde foi nomeado responsável pela

---

<sup>85</sup> *O Estoril*, 24 novembro 1943, nº268, p.3.

<sup>86</sup> *Viajar, Traveling, Viajar- Centenário da 1ª Republica Portuguesa (1910-2010)*, 2010, Lisboa, Turismo de Portugal, p. 135.

<sup>87</sup> *Viajar, Traveling, Viajar- Centenário da 1ª Republica Portuguesa (1910-2010)*, 2010, Lisboa, Turismo de Portugal, p. 135.

Repartição de Turismo, com incumbência de implementar as várias e extensas tarefas no âmbito do turismo português.

Em 1939, em pleno Estado Novo, José de Athayde justifica a publicação *Noções de Hotelaria*, com a finalidade que “pretende dignificar a classe profissional hoteleira devido ao longo contacto que teve com ela e evidenciar a sua experiência do trabalho de trinta anos como dirigente dos serviços de turismo”<sup>88</sup>.

Inicialmente a activade hoteleira recorria a pessoal indiferenciado que geralmente vinha das aldeias e, em determinadas alturas, vinham mesmo de fora do país, da Galiza. Começavam por pequenos trabalhos e depois, com a aprendizagem prática, iam-se especializando e subindo na hierarquia das funções. Com a evolução do turismo este tipo de serviço começou a não conseguir responder às solicitações do novo tipo de clientela.

Até à década 30, os hotéis de 1.ª classe e de luxo existentes em Portugal eram quase todos geridos por pessoal estrangeiros e o setor de restauração tinha também cozinheiros estrangeiros. Paralelamente, havia o problema da qualidade dos serviços prestados nos estabelecimentos hoteleiros, que pressupunha medidas no campo da formação profissional.

Athayde compara o nível de exigência e de formação profissionais da hotelaria existente em Portugal com o que se passa em França. A Escola de Hotelaria de Nice, fundada em 1902, publicou em 1918 um tratado de hotelaria assinado por um de seus professores, Louis Leospo, que ficou conhecido mundialmente. Em 1939, Athayde, com a publicação da sua obra, procura colmatar a lacuna existente no processo de formação existente em Portugal, que refletia o amadorismo desta área tão importante do mundo da hotelaria.

Para o Hotel Palácio, Fausto Figueiredo foi buscar a França profissionais do mundo de hotelaria, o que é explicado pela não existência de profissionais à altura no país. Contudo há registo de histórias mirabolantes com alguns destes franceses que ilustram a forma como “viam” o local que lhes dava emprego.

Segundo Anjos,<sup>89</sup> podemos verificar que pelo menos três franceses foram contratados por Fausto de Figueiredo para o Hotel Palácio para funções importantes.

Uma fonte de 1933 facultou uma visão interna sobre a gestão do Hotel Palácio, na perspectiva dos funcionários: em *O Dever* (jornal da Associação da Classe dos Empregados da Indústria Hoteleira e Profissões Anexas), para lá das queixas laborais relativas ao tratamento dos subordinados, noticiam-se os comportamentos dos primeiros directores.

Nada indicando sobre o Sr. Cambouville, são redigidas frases deliciosas sobre a apoteótica chegada de Gutron, outro francês nomeado para gerir o hotel, que chegara numa comitiva de três luxuosos automóveis, “qual aurífico Rajá... deslumbramento que tornava ainda mais rutilante a já brilhante Costa do Sol”.<sup>90</sup>

---

<sup>88</sup> Athayde, José (1939), *Noções de Hotelaria*, Lisboa, Anuário Oficinas Gráficas, p.4

<sup>89</sup> Anjos, Maria Cristina (2012), *O TURISMO NO EIXO COSTEIRO ESTORIL-CASCAIS (1929-1939): Equipamentos, Eventos e Promoção do Destino*, tese de doutoramento Lisboa, UL-FL, p.77

<sup>90</sup> *O Dever*, 10 de Janeiro de 1933, p.4. citado ANJOS, Maria Cristina (2012), *O TURISMO NO EIXO COSTEIRO ESTORIL-CASCAIS (1929-1939): Equipamentos, Eventos e Promoção do Destino*, tese de doutoramento Lisboa, UL-FL, p.76

Constata-se que o *maître d'hotel* tinha que “Portugal era um país semi-selvagem” e que, ao fim de três meses cederia o lugar a Dervin. Reconhecido pelos modos aristocráticos, era um homem comedido que se perfumava e banhava com regularidade, acabando substituído, pois o hotel “não podia ter sempre água perfumada e tépida para tantos banhos”. As notícias deste jornal continuam a não dar as melhores referências agora também de outros profissionais portugueses que, entretanto, foram contratados para a gestão do Hotel.<sup>91</sup>

Segundo Anjos<sup>92</sup>, Fausto de Figueiredo mandou vir do estrangeiro alguns profissionais para quadros superiores e para dar aulas a todos os empregados, que ensinavam que deveriam ter em conta o cliente e a sua hierarquia no hotel: “que eram ensinados a dar razão ao cliente e a demonstrar capacidade de resolução de problemas ou de conflitos... aconselhamento do responsável máximo, o director”. Fausto Figueiredo também teve em atenção a aprendizagem de línguas, o Português, o Inglês e o Francês tendo sido para tal contratada a professora Georgina Laidley. Para dar incentivo aos seus funcionários, foi feita uma cerimónia de entrega de diplomas aos alunos mais aplicados no Hotel Palácio. No artigo sobre o evento, *O Estoril* alertava que se impunha “que, sem demora, sejam criadas escolas similares nos principais centros do País, mantidas pelas empresas hoteleiras e responsabilizando-as pela regular frequência dos seus empregados.”<sup>93</sup>

Segundo José Athayde, “Mau Pessoal faz maus os bons hotéis”<sup>94</sup>. Esta sua afirmação era justificada pela inexistência de uma escola de formação de Hotelaria em Portugal. Apesar das várias tentativas de criação de cursos para a hotelaria, mas que nunca funcionaram, em 1909 foi criado o primeiro curso de empregados hoteleiros na Casa Pia de Lisboa e, em 1931, foi legislado o curso de Gerentes de Hotéis e um outro de Cozinha e Mesa, na Casa Pia de Lisboa. Foi só em 1958 que foi fundada a primeira Escola de Hotelaria e Turismo do País, em Lisboa.

Por isso, em 1936, no I Congresso Nacional de Turismo, entre os variadíssimos assuntos que foram analisados para aprovação, foi levantado o problema da necessidade de “escolas de aplicação” de hotelaria. A necessidade do estudo de diversos idiomas para os profissionais da indústria hoteleira e artes correlativas foi um dos pontos que o Congresso aprovou. O administrador da Estoril-Plage, proprietária do Hotel Palácio, o sr. Guilherme Cardim, foi um dos oradores que levantou o problema de formação na indústria hoteleira, com ausência de cursos profissionais, exemplificando: “sem hotéis com conforto, comodidades e bem-estar não há turismo .....e o visitante se não tiver no hotel um jantar bem cozinhado e um quarto higiénico, confortável, dará por mal empregado o seu tempo e ficará sendo um agente de descrético da região que visitou.”<sup>95</sup>

A conclusão deste Congresso deu ênfase à necessidade de formação de toda a linha profissional de hoteleira, assim como a necessidade de construir mais hotéis, a

---

<sup>91</sup> Anjos, Maria Cristina (2012), *O TURISMO NO EIXO COSTEIRO ESTORIL-CASCAIS (1929-1939): Equipamentos, Eventos e Promoção do Destino*, tese de doutoramento, Lisboa, UL-FL, p.77.

<sup>92</sup> Anjos, Maria Cristina (2012), *O TURISMO NO EIXO COSTEIRO ESTORIL-CASCAIS (1929-1939): Equipamentos, Eventos e Promoção do Destino*, tese de doutoramento Lisboa, UL-FL, p.183.

<sup>93</sup> *O Estoril*, 12 de maio de 1935, p.2.

<sup>94</sup> Citado no Pina, Paulo, (1988) “*Portugal o Turismo no Século XX*”, Lisboa, Lucidus, p.63

<sup>95</sup> *O Estoril*, 4 abril 1936, nº 154, p.1.

urgência de urbanizar zonas turísticas, a importância de melhorar urgentemente a higiene das infraestruturas turísticas e hoteleiras<sup>96</sup>.

Além das necessidades de formação para a indústria hoteleira, que era um problema grave, havia outro tipo de problemas relacionados com a remuneração dos empregados desta indústria: a gorgeta.

Em Outubro de 1937, o Conselho Nacional de Turismo, por sugestão da União Hoteleira, decretou a abolição da gorgeta e a sua substituição por uma taxa fixa. A Taxa de Serviço era constituída por 10% sobre a conta dos hóspedes. Contudo, deveria ser somente em regime transitório, porque a verdadeira solução residiria na fixação de vencimentos ao pessoal de acordo com as suas tarefas<sup>97</sup>. Demoraria algum tempo para que estes funcionários tivessem o reconhecimento por parte do patronato a terem vencimentos “fixos” ao fim do mês.

Segundo fonte do Sindicato de Hotelaria, os funcionários do Hotel Palácio do Estoril, um dos primeiros a implementar a repartição da taxa do turismo (10%) com partes diferentes para as diversas categorias profissionais e responsabilidades diferentes, propuseram a redução das diferenças existentes entre as categorias. Como efeito dessa acção a distribuição melhorou, servindo de exemplo para o setor da hotelaria<sup>98</sup>.

Longo foi o caminho percorrido, mas neste período, de 1930 a 1945, continuaram por resolver as necessidades de formação, assim como a implementação de uma política de remuneração correcta do pessoal da hotelaria. Apesar de estarem inventariados, os problemas, só foram “resolvidos” em data posterior ao período temporal contemplado neste estudo.

Para concretizar este capítulo subordinado ao Hotel Palácio e as suas interações, surge o grande fator que, sem ele, o Hotel não sobreviveria: a promoção.

### 3.5. -A promoção do Estoril

Uma das formas de divulgação dos destinos turísticos era através da imprensa e de publicações turísticas, para os mercados externos, no sentido de atrair os visitantes estrangeiros, e para o mercado interno, de modo a que os portugueses conhecessem o próprio país.

Desta maneira também foi feita a promoção do Estoril, com o Hotel Palácio a estar incluído e sendo evidenciadas as suas características, através de iniciativas conjuntas de nível nacional e de iniciativas locais de organismos públicos e privados para ambos os mercados, o externo e o interno.

---

<sup>96</sup> Cadavez, Cândida (2017), *As representações turísticas do Estado Novo entre 1933 e 1940*, Lisboa, Edições 70, p. 137.

<sup>97</sup> *O Estoril*, 31 outubro 1937, nº 226, p. 1

<sup>98</sup> “Tomam como exemplo o «Estoril Palácio Hotel» onde se praticava a seguinte tabela de distribuição: 1º Chefe de Mesa 3,2 Partes; 2º Chefe de Mesa.....2 Partes ;Chefe de Turno...1 Partes; Ajudante de Turno.....0,85 Partes.

E promovem um abaixo-assinado nesta unidade de luxo, subscrito por toda a brigada do restaurante, abaixo-assinado que entrega à administração, propondo a redução das diferenças existentes entre as categorias. Fruto desta acção, embora ainda longe da proposta do sindicato, a distribuição melhorou, e os ajudantes viram a diferença que os separava dos Chefes de Turno descer de 40% para 20%”. <http://sindicatos.cgtp.pt/hotelaria-sul/2015/07/31/historia-do-sindicato-de-hotelaria/> (consulta a 15.03.2019).

Iremos de seguida analisar a imprensa e as publicações que funcionaram como forma de divulgação e promoção do turismo, onde está evidenciado o Hotel Palácio.

Figuras 19 e 20- Prospectos turísticos da Sociedade de Propaganda Costa do Sol de 1930



Fonte: BNL. Estoril-Costa do Sol (CT-4574-V)



Fonte:BNL -Estoril-SPCS (ca 1930 (CT39G Cx)

A título de exemplo, no verão de 1930, a Sociedade de Propaganda da Costa do Sol é noticiada sobre a propaganda “que ainda agora está distribuindo cerca de cinquenta mil folhetos de propaganda em diverso idiomas, com um documentário fotográfico completo e muito sugestivo, do melhor que se tem feito entre nós”.<sup>99</sup>

A designação “Sociedade de Propaganda da Costa do Sol”, conforme o próprio nome indica é o órgão oficial destinado a fazer a promoção da zona. Esta começa a dar os primeiros passos no fim dos anos vinte, mas só viria a ser legalmente estabelecida pelo decreto-lei n.º1909, de 22 de maio de 1935<sup>100</sup>.

À década de 30 corresponde uma intensa propaganda numa acção conjunta dos particulares, Fausto de Figueiredo, e de dois organismos vocacionados para este fim, a Comissão de Iniciativa do Concelho de Cascais e da Sociedade de Propaganda da Costa do Sol, para a promoção do Estoril e, em especial, do Hotel Palácio no mercado externo. De acordo com as actas do Fundo de Turismo da Costa do Sol, em 1932 a Comissão deliberou contribuir com uma verba de 1.000 escudos para propaganda da Costa do Sol para ser publicado num jornal.<sup>101</sup>

<sup>99</sup> *O Estoril*, 17 setembro 1933, nº92, p. 1.

<sup>100</sup> Encarnação, Jose (1986), “Para uma história do Turismo no Estoril”, in *III Congresso do Turismo Nacional 75 anos. 1911-1986*, Porto, p. 70.

<sup>101</sup> Actas do “Fundo de Turismo da Costa do Sol”, do Arquivo Historico de Municipio de Cascais (1930-1945)- Acta nº 91 de 4 de novembro de 1932, p. 37A do livro 3.

Edita-se um *Guia-Album da Costa do Sol*, publicado pela Comissão de Iniciativa do Concelho de Cascais, em espanhol, francês, inglês e alemão, anunciando uma estância com bons hotéis, nomeadamente o Hotel Palácio, onde se podia praticar todos os desportos e passeios. Este guia incluía 62 páginas de fotografias.

Em 1935, a Sociedade de Propaganda da Costa do do Sol edita um guia desdobrável, com o Estoril a ser apresentado como uma praia de verão e de inverno, situando-se a 24 Km de Lisboa, com comboios electricos de meia em meia hora e com o clima privilegiado da Europa.

A imprensa publicada na década de 30 constituia um importante elemento para o debate sobre o estado do turismo português, assim como a imprensa da especialidade, a *Automovel Clube de Portugal- Revista Ilustrada de Automobilismo e Turismo*. Esta publicação regular do Automóvel Club de Portugal teve um papel determinante na actividade turística portuguesa na década de 30. A revista destacava em quase todos os seus números, a beleza deslumbrante do nosso país, os seus monumentos e os interessantes costumes do seu povo, evidenciando desta forma o que de melhor havia no país.

Mas recuando no tempo, ainda no século XIX, a partir de publicação de *As Praias de Portugal. Guia de Banhistas e do Viajante*, de Ramalho Ortigão, em 1876, assiste-se à edição de documentos promocionais turísticos variados.

Depois, em 1905, regista-se a primeira carta automobilística portuguesa. Foi feita pela Colonial Oil Company. Dois anos depois surge o *Manual do Viajante em Portugal*, de Leonilde Mendonça e Costa<sup>102</sup>. Em 1924, foi editado o primeiro volume de *Guia de Portugal*, de Raúl Proença, que além de fornecer conselhos aos turistas tinha a pretensão de inventariar o património português e igualmente evocar a zona do Estoril para enaltecer as sua zona balnear e estação de inverno: “constitui a única estância cosmopolita que temos entre nós”<sup>103</sup> “Proença comparava Estoril às estâncias termas existente em Itália e em França.

A nível de curiosidade, em 1925, Fernando Pessoa, publica *What the Tourist Should See*.

A elevada quantidade de edições jornalísticas e de comunicações feitas por oradores relacionadas com o setor turístico devem ser entendidas como uma variante possível de guias turísticos, como se irá verificar de seguida. A comunicação proferida no Rio de Janeiro, por Roque da Fonseca, em 1933, intitulada *Portugal, país de turismo*, editada depois pelo Automóvel Clube de Portugal, incluiu dezassete páginas de texto e era profusamente ilustrada com imagens legendadas de destinos turísticos.

Este documento com vinte e sete fotografias, juntamente com o texto Roque da Fonseca, constrói uma narrativa turística de todo o país, destacando a referência ao Estoril com evidência ao seu cosmopolitismo.

Em 1936, o Automóvel Club Portugal, patrocinou a publicação *As Estradas de Portugal. Arredores de Lisboa*, de Raúl Proença, para ser oferecida aos participantes no

---

<sup>102</sup> Anjos, Maria Cristina (2012), *O TURISMO NO EIXO COSTEIRO ESTORIL-CASCAIS (1929-1939): Equipamentos, Eventos e Promoção do Destino*, tese de doutoramento Lisboa UL-FL, p.133

<sup>103</sup> Citado em Matos, Helena (2000), *Costa do Estoril, Um Século de Turismo*, Cascais, Junta de Turismo da Costa do Sol, p.56.

congresso realizado pela ACP. A edição inclui as habituais imagens de Lisboa e arredores, com evidência da praia e do Hotel Palácio do Estoril.

Em 1936, John Gibbons, investigador no Museu Britânico, publicou o guia turístico *Playtime in Portugal: An Unconventional Guide to the Algarves*, London, Methuen & Co. Ltd, em que abordava a costa de Lisboa, em especial o clima do Estoril e a diversidade sazonal de turistas nas épocas natalícias e de verão, resumindo que o Estoril era marcado por duas estações: a estada de inverno pelos ingleses e a de verão pelos espanhóis.

Falando de outras formas de atrair visitantes estrangeiros, em 1917, a Sociedade Propaganda de Portugal, desencadeou esforços em Lisboa e Paris, para que fosse aberto um *bureau de renseignements* que seria gerido pela Sociedade Propaganda de Portugal e cofinanciado pelo Estado e pela Companhia Portuguesa de Caminho de Ferro<sup>104</sup>. Desta forma inicia-se a criação das Casas de Portugal instaladas em várias cidades importantes na Europa e em Nova Iorque como formas de propaganda do turismo no estrangeiro<sup>105</sup>.

Entre 1917 e 1931, ano da fundação da Casa de Portugal em Paris, assistiu-se à promulgação de variada legislação para a propaganda do turismo no estrangeiro. Fausto de Figueiredo integraria o seu conselho<sup>106</sup>.

Em 1931, o decreto n.º 19.333 criava a Casa de Portugal em Paris, que tinha incumbência de promover o país turístico, que incluía toda a informação de itinerários como também era a sede europeia da Sociedade Propaganda de Portugal.

Nesse mesmo ano, decretou-se a constituição da Casa de Portugal de Londres (decreto 20:104 de 25 de Julho de 1931). Em 1933 criava-se a Casa de Portugal em Antuérpia, com os mesmos instintos que presidiam às outras duas. Em 1939 foi a vez de se abrir a Casa de Portugal em Nova Iorque.

Para o regime vigente em Portugal, havia necessidade de criar um órgão de propaganda, que tutelasse a indústria do turismo. O decreto-lei nº23:054, publicado no número 25 de Setembro de 1933, I Série, criava a Secretariado de Propaganda Nacional<sup>107</sup>. Através desta repartição era concebida propaganda para mercado interno e para os estrangeiros.

Independente da criação do Secretariado de Propaganda Nacional, o Estado Novo incentivou outros meios para a propaganda sobre Portugal com vista ao turismo. Em Janeiro de 1934, iniciou inúmeras palestras e conferências, sobre os mais variados temas: cultura, políticos, económicos e outras, em que alguns dos visitantes conferencistas eram escritores estrangeiros, que de regresso aos seus países de origem, escreviam artigos sobre Portugal.

Em termos de propaganda turística, o director do Secretariado de Propaganda Nacional, António Ferro, propôs para mercado internacional a valorização turística de Portugal assente nos recursos de cariz popular em oposição às atrações eruditas ou cosmopolitas que eram tradicionais na Europa civilizada. Desta forma o Estado Novo

---

<sup>104</sup> Pina, Paulo, (1988), *Portugal o Turismo no Século XX*, Lisboa, Lucidus, p.19

<sup>105</sup> Sobre este assunto ver, Ganhão, Paula (2018), *A Imagem da Nação: as Casas de Portugal no estrangeiro, durante o Estado Novo*, Tese de doutoramento em História Moderna e Contemporânea, Lisboa, ISCTE-IUL.

<sup>106</sup> *Diário do Governo*, II Série, nº 29 de maio de 1931.

<sup>107</sup> Brito, Sergio Palma (2003), *A Notas sobre a Evolução do Viajar e a Formação do Turismo Vol.II* Lisboa, Edições Medialivros, p.637

pretendia criar uma identidade nacional de país humilde, o que contradiz o que se pretendia para o Estoril.

Em 1936, realiza-se em Lisboa o I Congresso Nacional de Turismo, que foi um marco no turismo português, com o envolvimento de altos dirigentes de diversas instituições turísticas e hoteleiras, assim como de importantes políticos do regime salazarista, nomeadamente o Presidente da República.

A cobertura jornalística que acompanhou este congresso, desde que foi anunciado, em meados de 1935, até cerca de quatro meses após a sua conclusão, foi exaustiva.

Este tipo de atitudes esteve na base de afirmar e mostrar Portugal como um destino turístico privilegiado. A preocupação geral dos delegados deste Congresso era a necessidade de atrair mais visitantes estrangeiros, principalmente numa altura em que os países dos potenciais visitantes estavam com problemas de segurança.

Deste Congresso surgiram diversas estratégias para atrair os visitantes do resto da Europa, passavam por eventuais acolhimentos nas fronteiras, cuidados melhorados de higiene em locais particularmente visitados por estrangeiros. Estes planos incluíam ainda um aumento significativo de propaganda nos principais centros europeus através das Casas de Portugal.

Por fim, também *O Estoril* editou vários artigos bilingues (Português-Inglês), oferecendo exemplares aos clientes alojados em hotéis e pensões da Costa do Sol e remetendo-os às Casas em Paris, Londres e Antuérpia<sup>108</sup>.

A promoção foi sempre uma necessidade sentida pelos hoteleiros, neste caso da Costa do Sol. Em plena crise turística de 1937/1938, promove-se uma campanha intensa, em Setembro de 1937, para chamar atenção para esta estância para o inverno que se avizinha, com vista a clientela em estrangeira.<sup>109</sup>

Como se verificou, a promoção turística foi feita por entidades públicas vocacionadas para o turismo e, no caso do Hotel Palácio, em especial no mercado internacional, também foi feita por essas entidades e por Fausto de Figueiredo.

Deu-se ênfase a vários meios de propaganda, prospectos com imagens apelativas de acordo com a evolução do tempo, guias turísticos em várias línguas, palestras e conferências em Portugal e no Estrangeiros, em algumas cidades europeias e também em Nova Iorque.

Devemos concluir que a promoção turística seguia os cânones do que se passava lá fora, mas podendo não ser o suficiente devido sempre à falta de recursos.

A promoção, no caso do Hotel Palácio, tinha em especial atenção o mercado estrangeiro de luxo e endinheirado, posicionando-se sempre neste segmento porque era através dele que o Hotel Palácio poderia trazer clientes que tivessem posses para pagar todas as mordomias e requintes que eram oferecidas, pois para além do serviço de alta qualidade do Hotel de luxo, havia a prática de desporto com infraestruturas modernas, transporte rápido para a capital e outras formas de lazer requintadas, nomeadamente secções culturais e o Casino.

---

<sup>108</sup> *O Estoril*, 18 março 1934, p.2.

<sup>109</sup> *O Estoril*, 19 setembro 1937, p.4.

Por fim, vamos debruçar-nos sobre o financiamento do Hotel Palácio, cujos problemas explicam que demorasse quatorze anos a sua construção. Como já foi referido, a primeira pedra foi lançada em 1916 e só foi inaugurado em 1930.

### 3.6. - O grande financiador do Hotel Palácio e do restante projecto

Desde o início do projecto que o seu financiamento foi problemático. Foi notícia que, em 1916, devido a dificuldades económicas decorrentes da Primeira Guerra Mundial, Fausto de Figueiredo resolveu suspender as obras<sup>110</sup>. As necessidades de financiamento do Hotel Palácio e por arrastamento do Parque de Estoril, condicionaram a sua evolução, mormente a abertura do Hotel Palácio, assim como a construção das infraestruturas que era necessário executar, para que todo este processo resultasse.

Da leitura do preâmbulo do decreto-lei n.º 23:472 de 19 de Janeiro de 1934, fica-se com o conhecimento de que a construção do Hotel Palácio foi financiada pela Caixa Nacional de Crédito: “Foi com a intervenção da Caixa Nacional de Crédito que se construiu o Hotel Palácio e o Casino, que iniciaram exploração efectiva em começos de 1931.”

Para resolver as dificuldades económicas da Sociedade Estoril Plage, de modo a executar as restantes obras, o Estado, através do decreto-lei n.º 23:472 de 19 de Janeiro de 1934, regulamentou toda a operação de financiamento com a emissão de 25 000 000\$00 de obrigações privilegiadas.

Segundo a redação do decreto-lei é demonstrativo a importância do projecto ter continuidade:

“os objectivos de 1930, construção de hotel e casino, precisam de ser completados com o melhoramento de acessórios, como o golf e outros. ....A Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdencia, que elaborou um plano de reorganização financeira e técnica da sociedade Estoril Plage, saneando-a inteiramente e fazendo entrar para o seu activo, valores importantes que, racionalmente, dele deviam fazer parte. Caixa Nacional de Crédito, tendo em atenção o interesse nacional do Estoril, resolveu com o apoio do governo, melhorar-lhe as condições de exploração, e assim autorizar a consolidação dos empréstimos hipotecários em curso, e se prontifica a fornecer mais dinheiro para obras em curso e liquidação de responsabilidades inadiáveis. Fica assim o Estoril Plage em condições de cabalmente desempenhar a sua missão.”

Desta forma, com a consolidação dos vários empréstimos num só e com melhores condições, a concessão de dinheiro “fresco “ para as obras que faltavam foi crucial para que o Parque de Estoril construísse as infraestruturas essenciais para a sobrevivência da Estancia, onde o Hotel Palácio surge como um dos protagonistas principais.

Continua o decreto-lei “Os valores liquidados com acções, além de robustecerem materialmente a posição da sociedade, em cujo capital o Estado por força do decreto 14:643, de 3 de Dezembro de 1927, comparticipa em 10 por cento, facilitam o futuro desenvolvimento do Estoril. São constituídos essencialmente por terrenos, águas, edificios e móveis.

É autorizado a Estoril Plage, a emitir com dispensa de preceituado no art.º 196 do Código Comercial 25 000 000\$00 de obrigações privilegiadas.”

---

<sup>110</sup> *Viajar, Traveling, Viajar- Centenário da 1ª Republica Portuguesa (1910-2010)*, Lisboa, Turismo de Portugal, 2010, p.90

Desta forma, este apoio do Estado através do Banco Publico foi perentório para que este projecto conseguisse singrar, superando os momentos de crise, e posicionar-se como o motor de desenvolvimento da zona e do país.

### 3.7- Conclusão

Em síntese, temos que o Hotel Palácio tem naturalmente um predomínio de clientela estrangeira cosmopolita. Analisámos o Hotel Palácio na sua relação com o mercado interno, surpreendendo a sua grandiosidade, o número de quartos e a qualidade de serviço. Apesar da promoção estar também virada para o mercado interno, é a clientela estrangeira endinheirada o seu cliente tipo. Após a crise da diminuição da procura pela clientela estrangeira devido à Guerra Civil de Espanha, surge com uma nova dinâmica em plena Segunda Guerra Mundial, com um novo tipo de clientela, os refugiados que vieram à procura do Estoril e, neste caso, do Hotel Palácio, para fugirem à tragédia da guerra. Deste modo, o Hotel Palácio emerge como o protagonista de uma nova era.

Por outro lado, a integração do Hotel no plano urbanístico do Estoril desencadeou melhorias na zona envolvente. Tendo em conta as infraestruturas que foram criadas e modernizadas, pois o Hotel só poderia existir num novo contexto, elas estão também em sintonia com o ciclo de desenvolvimento encetado. O Hotel dinamizou o mercado de trabalho, gerando novas exigências a nível de formação profissional e da criação de postos de trabalho, uma dinâmica de necessidades específicas. Para que este obtivesse a rentabilidade necessária, não se podia descurar a sua promoção. Ficou evidenciado os vários factores a que se recorreu para ser conhecido a nível internacional. Por fim, o modo de financiamento deste Hotel que se baseou no recurso a uma engenharia financeira não muito comum na época.

## Parte IV - Os Hóspedes

O prestígio do Hotel Palácio com os seus hóspedes famosos e ricos, representa o tempo aureo do período de 1930 a 1945. O movimento turístico do Hotel Palácio é caracterizado, desde a sua inauguração, por uma clientela cosmopolita e estrangeira, o que está em sintonia com o movimento turístico da zona, mas que a partir de determinada altura vêm de países com problemas de segurança, em antecipação à Guerra Civil Espanhola e à Segunda Guerra Mundial, muitas vezes já na situação de refugiados.

A importância do Estoril reflete-se em grande parte no binómio entre o Hotel Palácio e a tipologia dos seus hóspedes. Além de fatores naturais, foi também o resultado da zona ter sido escolhida por alguns visitantes ilustres que contribui para se tornasse escolhida por esta clientela requintada.

Recuemos a 1867, quando a rainha D. Amélia começa a frequentar a região durante os meses de verão. Em 1870, o rei D. Luis fez da Cidadela de Cascais a sua residência oficial de verão, enquanto a praia de Paço de Arcos era o destino rotineiro de ministros, diplomatas e visitantes espanhóis. Por esta altura, no Estoril já havia um mercado de arrendamento temporário das casas da população residente.

Este movimento social foi propício a uma serie de outros desenvolvimentos locais, culminando com a inauguração do Hotel Palácio, em 1930.

Conforme já referimos, a promoção do Hotel Palácio a nível mundial, feita pelos diferentes organismos, seria premiada dois meses após a abertura, com a estada do Príncipe Takamatsu, irmão do imperador do Japão, Hirohito, e a esposa, princesa Kikuko, que estavam em lua-de-mel e chegaram ao Estoril a 8 de Novembro, vindos de Madrid, no *Sud-Express*. Partiriam no dia 11, mas a sua estada no hotel representou uma mais-valia para a promoção deste. Estes acontecimentos são factores de peso para o prestígio do Hotel, e são os hóspedes estrangeiros, em especial os ingleses, que começam a vir para o Hotel Palácio.

Figura 21 e 22 – 1930 -Takamatsu, irmão de Hirohito, imperador do Japão, em recepção no Hotel Palácio (na figura da direita ao centro está o Marechal Carmona)



#### 4.1-Os ingleses na década de 30

Logo no início da abertura do Hotel, devido à promoção intensa enquanto hotel de luxo, e da estância turística usufruir de clima ameno, são os ingleses que começam a vir passar temporadas ao Hotel Palácio.

Além da promoção feita pelas autoridades nacionais e pelo próprio Fausto de Figueiredo, é a certificação dos benefícios do clima da Costa do Sol por via de boletins meteorológicos emitidos pela Comissão de Iniciativa e Turismo de Cascais, que irá reforçar a modalidade de estância climaterica e de lazer juntos dos ingleses.

As campanhas de promoção do Estoril como detentor do clima mais temperado da Europa, com as várias infraestruturas que são oferecidas aos hóspedes, assim como as práticas desportivas e de lazer disponíveis seduzem os ingleses.

Desta forma, em 1934, hospeda-se no Hotel Palácio o primeiro ministro inglês Lloyd George <sup>111</sup>, o que confirma a inclusão deste destino no restrito grupo de estâncias de luxo frequentadas pela elite europeia. A imprensa relata que a sua distração quotidiana é o Golfe que o ilustre não dispensava.

“Noticia sobre Llyde George- Já os jornais noticiaram a vinda do grande político inglês para o Estoril, que se instalou no Palácio Hotel. Procuremos colher, oportunamente, as suas impressões sobre a Costa do Sol, a que, por certo não se escusará o ilustre visitante.”<sup>112</sup>

Na senda do vigor recuperado no ano anterior, em fevereiro de 1935, o Duque de Connaught e a esposa, a Duquesa de Fife, regressariam ao Estoril para possibilitar nova cura climática a Arthur de Connaught.<sup>113</sup>

A notícia que se segue demonstra bem o prestígio do Estoril em Inglaterra:

“A visita do “Principe de Galles”, dos Principes de Connhaugt, e agora a estadia durante algumas semanas com sua Ex.ma Família, do eminente politico inglez Loyd George, que toda a Inglaterra admira o respeita pela sua notável acção durante a Guerra, bem como de outras figuras de alto relevo internacional, espalhadas pelos hotéis da” Riviera Portuguesa”, dão bem a ideia do valor que em todo o mundo já conquistou esta zona”<sup>114</sup>

A estada dos ingleses era propiciada pelo clima e completada com uma programação muito cuidada de forma a que os clientes endinheirados se sentissem lisonjeados e mimados.

Partidas de golfe, com organização de campeonatos e com a crescente procura para atrair o turismo internacional, Fausto de Figueiredo, em 1935, inaugura um campo de golfe (segundo noticias da época, é considerado um dos melhores campos de golfe do

---

<sup>111</sup> “Líder governamental durante a Primeira Guerra Mundial que chegaria a 9 de Janeiro para descansar e elaborar as memórias sobre o conflito, recolhendo dados sobre a participação portuguesa através de encontros com militares envolvidos na contenda “ citado na Anjos, Maria Cristina, (2012) *TURISMO NO EIXO COSTEIRO ESTORIL-CASCAIS (1929-1939): Equipamentos, Eventos e Promoção do Destino*” tese de doutoramento, Lisboa, UL-FL, pp.165

<sup>112</sup> O Estoril, 14 Janeiro 1934, nº107, pp.1

<sup>113</sup> Anjos, Maria Cristina, (2012) *O TURISMO NO EIXO COSTEIRO ESTORIL-CASCAIS (1929-1939): Equipamentos, Eventos e Promoção do Destino*” tese de doutoramento, Lisboa, UL-FL, pp.160

<sup>114</sup> *O Estoril*, 28 janeiro 1934, nº108, p. 1.

mundo).<sup>115</sup> Em plena crise do turismo, a Estoril-Plage, em 1937, inaugurou outro novo campo de golfe, perfeitamente regulamentar e com todos os atributos indispensáveis, nomeadamente os 18 buracos<sup>116</sup>. Uma década passada, o golfe era já praticado por homens e senhoras nacionais e estrangeiros e, mantendo o porte aristocrático, este era “um dos melhores elementos de atracção para o turista internacional”.

Figura 23 - Partida no Campo de Ténis do Estoril



Fonte - 1930-PT/CMCSC-AHMCSC/AEMP/HPL/A/001/001 LV 001/0670

Figuras 24 e 25 – 1930 - Golfistas e caddie no Campo de Golfe e Golfistas no Campo de Golfe do Estoril



Fonte-PT/CMCSC-AHMCSC/AEMP/HPL/A/001/001 LV 001/0076



Fonte - PT/CMCSC-AHMCSC/AEMP/HPL/A/00

<sup>115</sup> *O Estoril*, 2 outubro 1935, nº144, p. 1.

<sup>116</sup> *O Estoril*, 22 maio 1937, nº 207, p. 6.

A Sociedade de Propaganda da Costa do Sol, para incentivar a estadia dos ingleses, promove vários eventos “ao seu gosto”.

Em fevereiro de 1934 organizou uma “batida às raposas” nas matas da região, com recurso a inscrição dos participantes; em Abril, no Casino, promoveu um jantar de gala para celebrar o dia de São Jorge, santo patrono de Inglaterra; em Novembro festejou o casamento do Príncipe Jorge com Marina da Grécia; em Fevereiro de 1935, no Casino, programou a secção musical, da autoria de Edward Salter de Sousa, pelo Quinteto de Paulo Manso; em Maio de 1935, há a notícia da festa no Casino em homenagem à celebração do jubileu do rei Jorge V;<sup>117</sup> em Janeiro de 1936, um anúncio em jornal nacional, referindo que, devido ao falecimento do Rei de Inglaterra, foram suspensos os jantares de gala no Casino. Nem só de festas viviam os turistas ingleses. A necessidade de um espaço próprio para a celebração religiosa, resultou que, em fevereiro de 1935, se inaugurasse a Igreja de S.Paulo na presença de dignitários religiosos e diplomáticos britânicos.<sup>118</sup>

A estância do Estoril queria que o progresso também se manifestasse nos desportos para que pudesse atrair visitantes. Em 20 de outubro de 1935, realizou-se o 1º Circuito do Estoril, organizado pelo Automóvel Clube de Portugal, com a participação dos melhores “azes do automobilismo português”, conforme noticiado pelo *O Estoril*, que refere: “sob o aspecto mundano, revestiu-se do desusado brilho, tudo o que há de mais selecto na nossa sociedade elegante, ocorreu a esta festa.”<sup>119</sup>

Para cativar hóspedes estrangeiros, dois anos depois, organiza-se o 1º Circuito Internacional do Estoril, com o apoio de várias entidades do Estado nomeadamente a Sociedade de Propaganda da Costa do Sol que contribuiu com 5 000 escudos, e a Sociedade Estoril Plage que alojou gratuitamente os estrangeiros e portugueses residentes fora de Lisboa, nomeadamente no Hotel Palácio.

A parte técnica da prova foi da responsabilidade do Automóvel Clube de Portugal, e o percurso, segundo descrição de *O Estoril* foi:

”O circuito tem um perimetro de 2810 metros e percurso total é de 84,3 Km. A partida efectuar-se-á da Avenida em frente do Casino do Estoril. Os corredores descerão a rua por detras do Palácio Hotel, subirão a Avenida Portugal para atingirem a Estrada de Bicesse até ao ponto onde se encontra com a artéria onde o Casino está instalado”.<sup>120</sup>

É no Estoril que se realiza a prova e é no Hotel Palácio que se alojam os automobilistas estrangeiros e alguns portugueses. Mais um acontecimento desportivo em que o Hotel interaje de forma positiva.

---

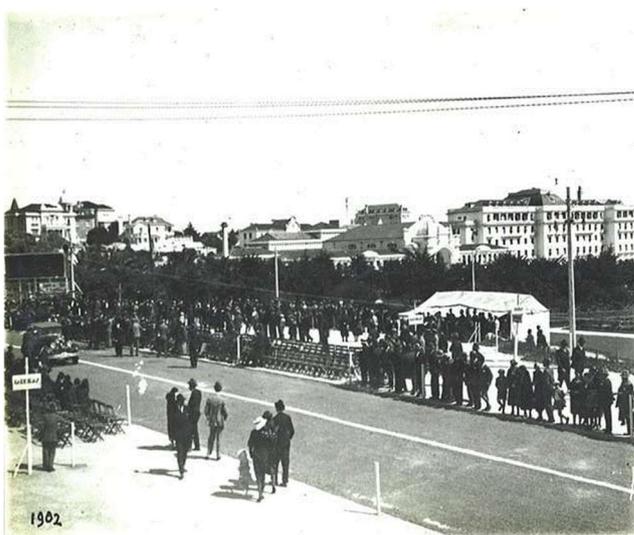
<sup>117</sup> *O Estoril*, 12 maio 1935, nº139, p.1

<sup>118</sup> Citado em Anjos, Maria Cristina (2012), *O TURISMO NO EIXO COSTEIRO ESTORIL-CASCAIS (1929-1939): Equipamentos, Eventos e Promoção do Destino*, tese de doutoramento Lisboa UL-FL, p.163

<sup>119</sup> *O Estoril*, 27 Outubro 1935, nº146, p.1.

<sup>120</sup> *O Estoril*, 15 agosto 1937, nº215, p.8.

Figuras 26 e 27-Prova automobilística, junto ao Casino Estoril. Ao fundo o Hotel Palácio.



Fonte: PT/CMCSC-AHMCSC/AEMP/HPL/A/001/001 LV 001/0394



Fonte: PT/CMCSC-AHMCSC/AEMP/HPL/A/001/001LV 001/0398

São vários os acontecimentos desportivos e sociais, que se promovem para atrair os clientes estrangeiros, em especial os ingleses: torneios de golfe, caça à raposa, provas automobilistas e eventos sociais de celebração de diferentes formas.

#### 4.2- O turismo científico na década de 30

Como é apanágio do Hotel Palácio, além de cosmopolita e rica, pretende-se que a clientela seja diversificada, mas no segmento do turismo científico, que contempla o cultural, o económico e o de entretenimento, também se vai ao encontro de clientela que gosta de requinte. Hospedaram-se no Hotel Palácio, em Setembro de 1931, um contingente de vinte elementos que veio participar no V Congresso Internacional da Crítica Dramática e Musical, que se realizou no Casino, estando incluído nos festejos da sua inauguração. Chegaram ao Hotel Palácio a 18 de Setembro de 1931, via Sud Express, sendo “acolhidos por Figueiredo, Cardim, Virgílio Soares e Pina, em nome da Sociedade do Estoril e da Sociedade Propaganda Costa Sol; encantados com o clima, os delegados dispensaram os automóveis, preferindo caminhar até ao Hotel Palácio”.<sup>121</sup>

Promovido pelo industrial Alfredo da Silva, realizou-se o Congresso dos Superfosfatos no Casino do Estoril, com uma assistência de mais de setenta delegados de diversos países, e todos ficarem hospedados no Hotel Palácio. De notar o cuidado que o anfitrião manifestou na escolha de locais luxuosos, o casino para o Congresso, o hotel de luxo para descansar e na oferta de passeios em autocarros para que os delegados pudessem ver as maravilhas da Costa do Sol<sup>122</sup>.

Em 1935, houve uma reunião importante, o encontro das companhias rodoviárias com interesses no tráfego franco-hispano-português, sob alçada da Sociedade do

<sup>121</sup> Anjos, Maria Cristina (2012), *O TURISMO NO EIXO COSTEIRO ESTORIL-CASCAIS (1929-1939): Equipamentos, Eventos e Promoção do Destino*, tese de doutoramento, Lisboa, UL-FL, p. 117.

<sup>122</sup> *O Estoril*, 6 Maio 1934, n°121, p.2.

Estoril. O Hotel Palácio proporcionou o espaço para as reuniões e a hospedagem para os participantes.

Em 1936, foi realizado no Hotel Palácio, o banquete de encerramento do I Congresso Nacional de Turismo, oferecido pela Sociedade do Estoril Plage e, segundo consta nas actas da referida reunião, “foi uma festa de elegância e bom gosto e uma bela oportunidade para que o Congresso prestasse a merecida homenagem ao grande impulsor do Estoril e do Turismo de Portugal, sr. Fausto de Figueiredo e aos seus ilustres colaboradores”<sup>123</sup>.

Em Abril de 1938, inserido na cerimónia de saudação da colónia portuguesa que vivia no Brasil ao Presidente da República e ao Presidente do Conselho, a Sociedade Estoril Plage ofereceu o almoço no Hotel Palácio a esta embaixada de portugueses, convidando-a para visitar a Costa do Sol <sup>124</sup>. Não esquecer que os brasileiros endinheirados são também hóspedes deste hotel.

Estas ocorrências ilustram como o hotel era central na organização de eventos importantes para o País e na hospedagem dos participantes destes acontecimentos. Para além destes factos de cariz científico e económico, o Hotel Palácio acompanha a organização de acontecimentos de entretenimento, que estão inseridos na política promoção do Hotel Palácio e do Estoril. A Sociedade de Propaganda da Costa do Sol promoveu a visita da Misse Europa e a representação de mais oito nações a toda a zona do Estoril durante uma semana, com o Hotel Palácio a oferecer a estadia. Pretendeu-se que “ o grupo galante de interessantes e alegres rainhas de beleza, classificam o Estoril como os dos melhores das suas viagens”.<sup>125</sup>

Diferentes acontecimentos, científicos, económicos e de entretenimentos, fazem parte da política do Hotel para que a sua clientela seja diversificada e a capacidade de alojamento esteja quase sempre completa. Por outro lado, ilustra como os acontecimentos do Hotel interagem com a dinâmica económica e social na zona e no País.

#### 4.3- O “glamour” na década de 30

Com o “glamour” que se pretendia caracterizar este Hotel, não é de admirar que os vários eventos onde predominam o primor e o requinte fizessem parte da vivência que o Hotel proporcionava aos seus hóspedes estrangeiros e não só.

No seguimento da promoção, o Hotel Palácio oferece um banquete a aviadores franceses, que vieram a Portugal em viagem de turismo, promovida pela Casa de Portugal em Paris e pela Sociedade de Propaganda da Costa do Sol, que fizeram “depois da aterrissagem na Granja do Marquês” segundo notícia *O Estoril*, a 27 de agosto de 1933.

Em sintonia com o bom gosto, não é de admirar que os jantares de gala que se realizavam às quartas-feiras no Hotel Palácio tenham fama de serem largamente concorridos. Acrescenta-se que para os estrangeiros que fossem hóspedes nos hotéis da Sociedade Estoril Plage são concedidas certas facilidades, sem novos encargos para estes jantares de gala<sup>126</sup>.

---

<sup>123</sup> Citado em Cadavez, Cândida (2017), *A Bem da Nação, As representações turísticas no Estado Novo entre 1933 e 1940*, Lisboa, edições 70, p.226.

<sup>124</sup> *O Estoril*, 18 abril 1937, nº203, p.1.

<sup>125</sup> *O Estoril*, 4 junho 1933, nº82, p. 4.

<sup>126</sup> *O Estoril* 28 Janeiro 1934, nº108, p.2.

Em 19 abril de 1934, o Hotel Palácio recebe “rajah” Cooch Behar, família muito importante da Índia. No hotel também se encontram há dias o *rajah* Narpart Singh e seus filhos, a princesa Shova Kanwar Baiji e os príncipes Narenda e Nohar Singh, com uma enorme comitiva, em que os filhos de “radja” usam os seus trajos característicos. Também se noticiou que o *rajah* abreviou a estadia no Buçaco, a fim de poder apreciar os encantos da Costa do Sol.<sup>127</sup>

Notícia sobre o casamento elegante servido no Hotel Palácio é publicada, evidenciando que a restauração deste Hotel, de luxo, serve de referência ao que de melhor há no Estoril: “Casamento elegante realizou-se na igreja de Santo António do Estoril ...no o final do casamento, os noivos acompanhados por um grande número de convidados, dirigiram-se ao Estoril Palacio Hotel, onde foi servido um esplendido cocktail.....”<sup>128</sup>

A promoção no estrangeiro é um factor importante para o Hotel Palácio, como é evidenciado por este grupo de excursionistas de sócios do Automóvel Clube de Holanda, que percorreram os arredores da Costa do Sol e ficaram hospedados no Hotel Palácio. A SPCS ofereceu ao grupo um Porto de honra no Bar do Hotel, a que assistiram o ministro da Holanda e esposa.<sup>129</sup>

Os acontecimentos sociais de foro diplomático marcavam o Hotel Palácio. Em 1938 serviria almoços diplomáticos, como os de fevereiro, pelo ministro da Finlândia, e os de março, pelos representantes da Dinamarca e da União da África do Sul.

Conforme se pode observar das figuras 28 e 31, no Hotel Palácio organizavam-se almoços com requinte, seguidos de bailes. As figuras 29 e 30 mostram o baile de gala.

Figura 28- Refeição no Hotel Palácio



Fonte-1930 :PT/CMCSC-AHMCSC/AEMP/HPL/A/001/001 LV 001/0089

<sup>127</sup> *O Estoril* 19 Abril 1934, nº118, p.1.

<sup>128</sup> *O Estoril*, 5 Julho 1936, nº 166, p. 4.

<sup>129</sup> *O Estoril*, 21 Junho 1936, nº 164, p. 4.

Figura 29 - Baile no Hotel Palácio



1930:PT/CMCSC-AHMCSC/AEMP/HPL/A/001/001 LV 001/0088

Figura 30 - Baile de gala no Hotel Palácio



1930:PT/CMCSC-AHMCSC/AEMP/HPL/A/001/001 LV 001/0100

Figura 31 -Refeição no Hotel Palácio- Almoço temático



Figura31 -1930:PT/CMCSC-AHMCSC/AEMP/HPL/A/001/001 LV 001/0101

Outros acolhimentos de peso foram, em Fevereiro de 1938, o do jornalista norte-americano Edward Lansing Ray, da *Associated Press*, que elogiou o clima e o Hotel Palácio e também o Hotel Avis. Em Agosto de 1939, Lisboa recebeu dois artistas de Hollywoodo muito conhecidos o casal Tyrone Power e Annabella que, terminando a lua-de-mel, iniciada havia três meses, e após o assédio sofrido na Europa, sentiram que em Portugal não seriam perseguidos, ficando no Hotel Palácio do Estoril onde assinaram o «Livro de Ouro» do Hotel<sup>130</sup>.

O “glamour” é aqui representado no seu expoente máximo, com acontecimentos de foro diplomático, do meio artístico americano, de jantares de gala, de almoços temáticos e de outros eventos que primam pela elegância e bom gosto. Todo este encanto faz parte daquilo que os hóspedes deste Hotel esperavam usufruir.

A década de 30, começa com o predomínio dos hóspedes ingleses e lentamente começam a surgir hóspedes espanhóis, segundo a evolução dos acontecimentos em Espanha, que atingem um grande peso por volta de meados dos anos 30, para depois se assistir a um decréscimo, tanto a nível de espanhóis como ingleses, sobretudo devido à Guerra Civil de Espanha. Vejamos agora os hóspedes espanhóis.

#### 4.4- Os espanhóis na década de 30

Mas como já foi referido, em 1936, John Gibbon publicou um guia que menciona que o Estoril era marcado por duas estações: a estada de inverno pelos ingleses e a de verão pelos espanhóis. Também a Associação Comercial e Industrial do Concelho de Cascais em *Boletim* publicado nesse ano e onde se lê que “confinando-se aos Estoris, a indústria hoteleira vive, no inverno, dos ingleses; no verão, de alguns anos para cá, principalmente dos espanhóis.”<sup>131</sup>

Em relação ao turismo espanhol, desde 1931 que a Costa do Sol acolhia “emigrados políticos”, representado um complexo tecido social que se compunha de refugiados residentes e dos seus familiares. No verão os familiares aproveitavam para estar com eles e desta forma começa a assistir-se ao início do incremento do turismo espanhol.

Esta avalanche de hóspedes espanhóis está ligada às ocorrências que aconteceram em Espanha. Em Abril de 1931, foi instaurada a República em Espanha. No ano seguinte uma revolta militar insurge-se contra a jovem república, neste período assiste-se a uma série de greves e tumultos. Em 1932 os aristocratas espanhóis vêm para o Estoril, permanecendo enquanto a situação não se clarifica no país.

Em 1934, o Estoril torna-se um centro de conspiração internacional. A 27 de Abril desse ano chega o general José Sanjurjo, existia já uma grande colónia espanhola exilada que apoiava o general, surgindo o Estoril com o estatuto não oficial de quartel-general da oposição espanhola. Dois anos depois em 1936 começa a Guerra Civil em Espanha.

---

<sup>130</sup> Citado por Anjos, Maria Cristina (2012), *O TURISMO NO EIXO COSTEIRO ESTORIL-CASCAIS (1929-1939): Equipamentos, Eventos e Promoção do Destino*, tese de doutoramento Lisboa, UL-FL, p.273.

<sup>131</sup> Citado em Anjos, Maria Cristina, (2012), “*O TURISMO NO EIXO COSTEIRO ESTORIL-CASCAIS (1929-1939): Equipamentos, Eventos e Promoção do Destino*” tese de doutoramento, Lisboa, UL-FL, pp.167

Voltando ao Estoril, no início funcionou como fator de atracção turístico, mas depois tornou-se um incómodo à medida que a Guerra Civil Espanhola evoluía para um conflito sangrento, duradouro e com forte impacto internacional<sup>132</sup>.

Figuras 32 e 33 - Autocarro da carreira Lisboa-Madrid, nas traseiras e na frente do Hotel Palácio



Figura32-1930-:PT/CMCSC-AHMCS/AEMP/HPL/A/001/001 LV 001/0491

Figura 33 PT/CMCSC-AHMCS/AEMP/HPL/A/001/001 LV 001/0495

O Hotel Palácio e os hóspedes espanhóis são evidenciados conforme o relato do embaixador espanhol em Portugal. Este faz referência, na correspondência que mantém com o seu governo, ao Estoril e nomeadamente ao Hotel Palácio Estoril como local de apoio à direita espanhola, como se pode verificar na sua carta de 5 de Agosto de 1936:

“No dia dois, no Tamariz (restaurante da praia do Estoril) estiveram a tomar aperitivos quatro falangistas (.....), colocando sobre a mesa, para chamar a atenção, quatro cápsulas de bala(...) dois deles estavam feridos e tinham sido tratados no Hotel Palácio Estoril (...). O quartel-general dos revolucionários espanhóis em Portugal, acha-se instalado no palácio que tem no Estoril a marquesa de Arguelles, aí faz-se a recruta dos revolucionários aos quais no momento de partirem para a fronteira, são entregues armas, munições e um punhal, saindo já com o uniforme fascista”.<sup>133</sup>

Repita-se que General Sanjurjo quando chega a Portugal, em 1934, na sequência do indulto da condenação à morte, vai morar para o Estoril onde habitam os conservadores e a direita espanhola. Em Julho de 1936, Sanjurjo emite um comunicado onde agradece a hospitalidade de Portugal e, desta forma, transfere para Portugal as atenções da cena política espanhola, mas que se mantém fiel ao movimento militar que se está a viver em Espanha. Horas depois deste comunicado, Sanjurjo entra num avião numa pista improvisada na Quinta de Marinha, partindo para Espanha. Segundos depois o avião cai

<sup>132</sup> Pacheco, Critina (2014)“ O Mundo no Estoril: Instantes em Tempo de Guerra” nos “Os 100 anos do projeto Estoril 1914-2014 “,Cascais, pp. 86

<sup>133</sup> Matos, Helena (2000), *Costa do Estoril, Um Século de Turismo*, Cascais, Junta de Turismo da Costa do Sol, p. 80.

e incendeiava-se e Sanjurjo morre.<sup>134</sup> O funeral foi para o cemitério do Estoril e o cortejo foi incorporado por muitos fascistas italianos e espanhóis, conforme noticia o jornal da época.

Em *O Estoril* noticiava-se “manifestação de pesar pela morte do General J. Sanjurjo, que desde Abril de 1934 se tinha acolhida a esta bela região”<sup>135</sup>, completando-se que a vinda deste general para o Estoril provocou um aumento significativo de espanhóis para esta zona de turismo.

Como as convulsões em Espanha continuavam e devido à sua agudização, em 1936 assiste-se ao início da Guerra Civil em Espanha, que finda em 1939, com a vitória do franquismo. Antes do início da Guerra Civil, regista-se o incremento do turismo espanhol no Estoril, em particular no Hotel Palácio. Este Hotel, conforme notícias publicada em *O Estoril*, apresentava uma grande clientela de espanhóis. Conforme já foi referenciado, com a estada de Sanjurjo no Estoril começaram a afluir espanhóis de elevada categoria, atraídos uns pelo afecto que lhe dispensavam, e outros trazidos pelo noticiário de jornais de ambos os países a realçar o valor da primeira estância de turismo em Portugal, o que foi altamente benéfica para os interesses turísticos desta zona.

Desta forma, o Estoril para os aristocratas espanhóis era o local privilegiado enquanto a situação no seu país não se clarificava. Reportando-nos a Raul Proença que em 1924 previu “De aqui a dez anos este parque enorme, com os seus 800.000 m.q. de superfície, o seu campo de golfe de 7 Km, o seu hipódromo, os seus arruamentos para peões e veículo, as suas esplanadas sobre o mar, o seu Casino (..), será uma estância da Europa onde mais doce correrá a vida- sob este céu azul e diante deste deste mar azul, no bofejo perfumado e na pompa multiculor dos seus canteiros floridos”.<sup>136</sup>

Com o aumento de espanhóis na zona do Estoril a partir de 1934, à semelhança que acontecia como os turistas ingleses, também se incentiva programas ao gosto dos turistas espanhóis. Organização de programas específicos, como: um chá no pinhal contíguo ao Casino, no Verão de 1935, com danças, cantares e trajos andaluzes, em animação a cargo do grupo «*Sol de España*»; a actuação da Tuna Universitária de Compostela, em Janeiro de 1936, a pedido expresso para uma aparição única; a contratação da Orquestra de Jaime Planas para o Carnaval de 1936) e o Campeonato Portugal-Espanha de dança de bola, em Julho de 1936.<sup>137</sup>

Em *O Estoril* é noticia o II Desafio Portugal-Espanha que se realizou no Campo de jogos do Parque do Estoril. Este jogo foi presenciado por mil pessoas<sup>138</sup>. Está sendo equacionada a falta de campo de futebol, porque se houvesse poder-se-iam realizar desafios internacionais, a avaliar pela enorme afluência que mais uma vez se constatou. Também a realização do Concurso Internacional de Hípismo de Lisboa, onde participaram os melhores elementos do hípismo da Península. A Sociedade de Propaganda da Costa do Sol ofereceu um banquete no Casino do Estoril em honra dos cavaleiros espanhóis que participaram neste concurso e também para as famílias

---

<sup>134</sup>Matos, Helena (2000), *Costa do Estoril, Um Século de Turismo*, Cascais, Junta de Turismo da Costa do Sol, p. 80.

<sup>135</sup> *O Estoril*, 26 Julho 1936, nº69, p.1

<sup>136</sup> Citado em Matos, Helena (2000), *Costa do Estoril, Um Século de Turismo*, Cascais, Junta de Turismo da Costa do Sol, p.80.

<sup>137</sup> Anjos, Maria Cristina (2012), *O TURISMO NO EIXO COSTEIRO ESTORIL-CASCAIS (1929-1939): Equipamentos, Eventos e Promoção do Destino*, tese de doutoramento Lisboa, UL-FL, p.169

<sup>138</sup> *O Estoril*, 31 maio 1936 nº 161, p.4.

portuguesas e espanholas dos cavaleiros<sup>139</sup>. Estes acontecimentos estão em linha com a política de incentivo aos turistas espanhóis.

No final do verão de 1935, *O Estoril* noticiava: “A concorrência espanhola este ano, calculando-se em milhares de veraneantes, juntamente com as colónias inglesa, francesa e alemã num mundanismo conjunto, atestam a internacionalização do Estoril, hoje um centro de turismo europeu, mercê de raras qualidades climatéricas... e dos seus constantes melhoramentos e aperfeiçoamentos urbanos”<sup>140</sup>.

O cosmopolitismo do Estoril internacional cresce após o exílio de espanhóis como Sanjurjo, adquirindo a localidade a aura de sede oficiosa da resistência da direita espanhola. O Estoril torna-se o paraíso dos exilados espanhóis, os grandes de Espanha, os condes, marqueses e duques, apaixonaram-se pelo Estoril. Enchem o casino todas as noites, nas suas elegantes roupas inglesas; sentam-se na esplanada à tarde, apanham banhos de sol, de manhã segundo Ralph Fox<sup>141</sup>.

Contudo, a partir de 1937, os espanhóis começam a regressar a Espanha e devido à insegurança provocada pelo golpe espanhol e à circulação de informações erróneas sobre a estabilidade territorial portuguesa, os britânicos retraem a vinda para o Estoril, ao contrário de épocas anteriores em que para aqui se deslocaram para desfrutar o Inverno. Houve jornais ingleses que noticiaram boatos, como o *News Chronicle* que, em Outubro de 1936, veiculara notícias sobre o bombardeamento de Cascais por rebeldes navais opostos ao regime nacional.

#### 4.5- A “nuvem negra” que pairou sobre o fluxo de turismo estrangeiro

Em Maio de 1937, assiste-se a um abrandamento preocupante de turistas com destaque para os ingleses, conforme já foi mencionado, e para contrariar essa tendência realizam-se no Estoril vários festejos, nomeadamente a Batalha da Flores, à semelhança do que realizava em Monte Carlo, Rio de Janeiro, Viena de Áustria e outras capitais. Esta Batalha de Flores tem tudo para que seja uma “espectáculo de sublimação à vida e uma festa de alegria”, com o cortejo que se realiza nas avenidas largas do Estoril, sendo uma grande festa para portugueses e estrangeiros<sup>142</sup>.

Apesar de programas festivos que se realizaram na época de 1937 a 1939, no período auge da guerra civil espanhola, o turismo no Estoril, e em particular no Hotel Palácio, viveu uma grave crise. Efetivamente, os turistas estrangeiros registaram uma forte descida, ajudada por campanhas caluniosas em Inglaterra sobre Portugal, feitas em grande número. Em Janeiro de 1937, *O Estoril* noticiava a campanha infame feita em Inglaterra que referia que os hotéis do Estoril estavam peçados de comunistas, segundo confirmaram duas turistas inglesas no mês seguinte. O inverno de 1937 regista o cessar de afluência espanhola e a redução da inglesa. Segundo *O Estoril*: “A guerra de Espanha, não só nos afecta pela falta de afluência de espanhóis, mas impediu de outros estrangeiros, especialmente ingleses, de vir para Portugal nesta altura do ano, o que representava entrada de numerário muito importante. [...] O facto de este ano ser muito diminuto a afluência de estrangeiros, não quer dizer que a situação se prolongue, pois é muito

<sup>139</sup> Estoril, 5 julho 1936, nº165, pp.6.

<sup>140</sup> *Estoril*, 15 setembro 1935, nº 142, p1.

<sup>141</sup> Jornalista e comunista inglês que, em 1936, chegara a Lisboa para estudar a organização da resistência espanhola,

<sup>142</sup> *O Estoril*, 2 maio 1937, nº 205, p.1

possível que, após a liquidação da guerra civil de Espanha, o Turismo português entre numa fase de grande incremento”<sup>143</sup>. Com a diminuição de turistas está em causa o investimento no Estoril e no Hotel Palácio. Terá de ser o poder central a fornecer algumas “providências salutares”, para se conseguir ultrapassar esta fase crítica.

A imprensa internacional, através de Joaquim Paço D’Arcos<sup>144</sup>, do Ministério dos Negócios Estrangeiros, referiu as seguintes notícias;

- a 29 de Agosto de 1937, o *Reynold’s News* acusava Portugal de trocar a aliança pela influência alemã;
- a 9 de Setembro, o *Daily Express* referia que o país caminhava para se tornar uma colónia de Espanha que, por si, já o era de Itália; o *Evening Standard* rebaixava Portugal a “cão” de Itália e Alemanha; *The Tribune* acusava o país de fascista pelo apoio a Franco;
- a 18 de Setembro ao invés, a *Saturday Review* defendia Portugal, clamando que nem sempre a Imprensa inglesa fora justa para com a nação aliada, tal como o *G.K.’s Weekly* indicava na edição de dia 16.

Em Fevereiro de 1937 surgiria o *The Anglo-Portuguese News* o jornal inglês publicado em Portugal visando a promoção de Portugal em Inglaterra, o que explica ter o Conselho Nacional de Turismo decidido adquirir milhares de exemplares para distribuição em Londres, logo na Primavera de 1937. Em Fevereiro de 1938, alertava-se para a má publicidade de agências de viagem inglesas sobre a Costa do Sol.

No sentido de promover o país e em especial o Estoril assiste-se à implementação de várias estratégias. No Hotel Palácio, por iniciativa do Secretariado de Propaganda Nacional, foi efectuado uma cerimónia de homenagem ao director da *Revue de France*, Raymond Reonly, muito elogiado por António Ferro, pela amizade revelada por Portugal, num momento em que os seus conterrâneos não o faziam. Reonly agradeceu a honra e defendeu o País. De seguida fez um périplo pelo País para recolher elementos para artigos sobre o “Portugal de Hoje”.

Em pleno Estado Novo, o responsável do Secretariado de Propaganda Nacional é António Ferro, homem de grande prestígio e da confiança de Salazar, que desencadeou vários eventos a nível interno e externo para a promoção turística do País. Na Exposição Internacional de Paris, a 10 de Junho de 1937, as autoridades portuguesas abriram o Pavilhão Portugal, onde se apresentava a modernidade estrutural fundida com a decoração tradicional. Além de cartazes sobre o País foi feita promoção dos equipamentos culturais.

Em Fevereiro de 1939, o Secretariado de Propaganda Nacional, organizaria em Londres a «Quinzena de Portugal». Logo na Primavera a seguir, António Ferro traria a Lisboa Egon Salzer, jornalista do *Sunday Times*, do *Evening Standard* e do *Star* de Londres e do *National Zeitung* de Basileia para promover o País.

Para promoção do Estoril, face ao ambiente que se vivia na Europa, a Sociedade Propaganda da Costa do Sol fomentou também, os festejos do Carnaval de 1939, que facultavam imagens e segurança passíveis de cativar estrangeiros que desejassem esquecer a situação crítica europeia. Também a edição de Fevereiro de 1939 da revista

---

<sup>143</sup> *O Estoril*, 14 fevereiro 1937, nº 195, p.1.

<sup>144</sup> Anjos, Maria Cristina (2012), *O TURISMO NO EIXO COSTEIRO ESTORIL-CASCAIS (1929-1939): Equipamentos, Eventos e Promoção do Destino*, tese de doutoramento, Lisboa, UL-FL, p.232.

*Turismo* noticiava que o eixo costeiro Estoril-Cascais, e em particular o Estoril, eram refúgios saudáveis.

Nova fase nas relações Lisboa-Londres começaria em 1938, com a chegada da Missão Militar Inglesa, com agenda sobre a inexistência de base naval em Lisboa e o ensejo dos militares portugueses em garantir a protecção da fronteira terrestre. Mas os ingleses não tinham interesse no rearmamento do Exército aliado, o que conduziria ao fracasso das negociações. Em honra da Missão Militar Inglesa foi oferecido um jantar pelo ministro da Marinha no Hotel Palácio.<sup>145</sup>

Concursos de pintura também fazem parte da agenda cultural. A inauguração de várias exposições de pintura no Casino do Estoril, organizadas pela Sociedade Propaganda da Costa do Sol e sob o patrocínio da Sociedade das Belas Artes e da Sociedade Estoril Plage, tiveram entre a assistência divesas individualidades, entre elas o Chefe do Estado. Estes programas de realizações de arte pela SPCS e a Sociedade Estoril Plage, estavam empenhadas em auxiliar e animar a actividade dos artistas plasticos portugueses. Estes acontecimentos procuram trazer animação e dar incentivo a artistas para desenvolvimento da sua obra.

O período foi bastante penoso, com a falta de turista estrangeiros no Hotel Palácio. Foi uma travessia de dificuldades, apesar de várias estratégias que se tentou implementar para minimizar esta queda, que iria ser compensada a partir de meados de 1939. Quando o mundo estava em guerra, o Estoril torna-se porto de abrigo e, aproveitando a hotelaria existente, os refugiados procuram esta zona. Os endinheirados são os clientes naturais do Hotel Palácio.

#### 4.6- Os hóspedes refugiados

O Hotel Palácio está intimamente ligada à Guerra Civil de Espanha e à Segunda Guerra Mundial, conforme já foi referido. Durante a Guerra Civil de Espanha, o Hotel viveu momentos complicados e no fim da década de 30 tudo fazia crer que à semelhança da Grande Guerra (1914-1918) se verificasse um abrandamento do movimento turístico e um crescimento das dificuldades económicas para este sector de actividade. Mas, efectivamente, assistiu-se a um fenómeno de aumento exponencial de “clientes”.

Os regimes políticos dos países agressores da Segunda Guerra Mundial fizeram com que se verificasse um crescente fluxo de refugiados, especialmente quando a 2 de Setembro de 1939, um dia depois da declaração de Guerra da Inglaterra e França à Alemanha, devido à invasão da Polónia pela Alemanha, esse fluxo de refugiados aumentou.

Portugal declarou oficialmente a neutralidade do País no conflito, tornando-se lugar de refúgio, especialmente quando em 14 de Junho de 1940, as forças alemãs ocupam Paris. O número de refugiados em Portugal tem grande expressividade, porque Lisboa é a única saída para a América para milhares de refugiados, com a região de Lisboa a registar um aumento extraordinário de população. Com ligação ferroviária, com infraestruturas hoteleiras numa estância balnear perto de Lisboa, o Estoril serve de local de abrigo para os refugiados endinheirados. O Hotel Palácio, pelo seu luxo e dimensão, receberá muitos dos hóspedes famosos.

---

<sup>145</sup> *O Estoril*, 31 março 1938, nº 238, p.4.

Neste contexto, os refugiados com alguns recursos económicos escolhem a zona de Cascais Estoril, pelas suas infraestruturas hoteleiras e proximidade de Lisboa, para esperarem pelo embarque intercontinental. O Hotel Palácio, pela sua dimensão, será das unidades hoteleiras mais conhecidas nesta internacionalização forçada e temporária.

Desde a sua inauguração do Hotel Palácio é lugar de eleição de hóspedes ilustres e endinheirados e na sua grande maioria estrangeiros, e sendo também frequentado por aqueles que se encontravam alojados em residências particulares.

Para o regime político da altura, este tipo de infraestrutura - o Hotel Palácio – era aproveitado para atos públicos oficiais, com o aparecimento de destacadas figuras do Estado Novo, como aconteceu em diversos momentos na última década.

Este tipo de instalações luxuosas servia outros propósitos que iam muito além de proporcionar alojamento àqueles que os visitavam. Nesta época, os hóspedes e não hóspedes sabiam quem eram os frequentadores dos hotéis mais emblemáticos do Estoril. Os simpatizantes dos alemães frequentavam o Hotel Atlantico e o Hotel do Parque, os apoiantes dos aliados frequentavam o Palácio Hotel do Estoril, também o Grande Hotel do Monte Estoril e o Grande Hotel de Itália, também no Monte Estoril.

Para ajudar a compreender que tipo de clientela usufruía do Hotel Palácio em plena guerra, vamos recorrer aos Boletins de Alojamento de Estrangeiros e dos Boletins Individuais, que todos os Hotéis eram obrigados a preencher, os quais possuem informação individual de cada cliente.

Havia a necessidade de controlar os estrangeiros, neste caso em plena Segunda Guerra Mundial, o que era feito através Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE). Para percebermos esta função, iniciamos com a criação desta Polícia e a evolução deste controlo de estrangeiros, que só a partir de 1939 é que está disponível.

O regulamento de permanência de estrangeiros em Portugal era importante. Este processo iniciou-se em 1929 com regras para o seu controlo regular. Em 1931, com a implantação da República em Espanha, era primordial o combate à espionagem, repressão do comunismo e vigilância de fronteiras, tendo sido criada a Polícia Internacional Portuguesa para estas funções.

Em 1933, com a institucionalização do Estado Novo, surge a 29 de Agosto desse ano a Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE). No entanto foi percebido pelas autoridades a incapacidade desta polícia para todas as funções. Desta forma foram delegadas certas competências nos administradores dos concelhos e nos comissários de polícia local, tentando apertar a rede de vigilância.

Neste molde de identificação e enquadramento de estrangeiros, foi pedido aos proprietários de hotéis, de pensões e estabelecimentos congêneres o contributo para este efeito. Tinham de fazer a comunicação de residência de estrangeiros nas respectivas unidades à agora denominada PVDE, tinham de preencher um impresso, contendo de um lado o Boletim de Alojamento de Estrangeiros e de outro lado o Boletim Individual.

Para o regime, estes hotéis eram um precioso auxiliar da polícia do Estado, porque todas as unidades hoteleiras tinham obrigatoriamente de fornecer às autoridades locais toda a informação inserida nos formulários de registo de cada hóspede.

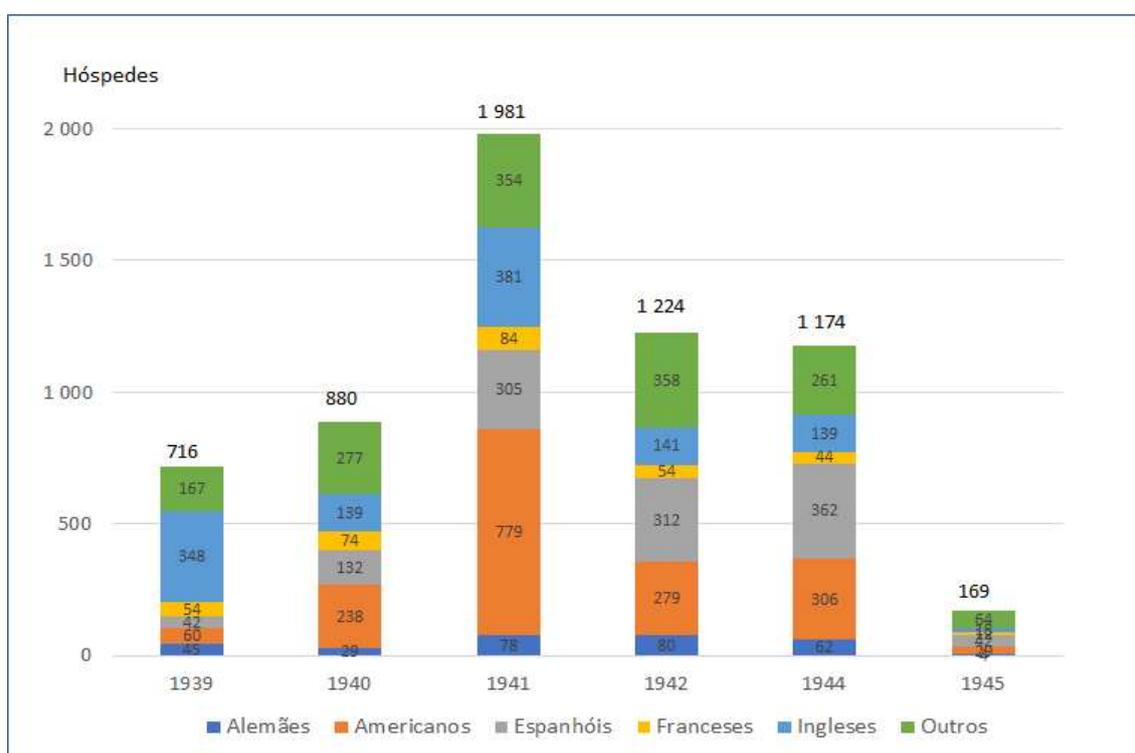
Conforme foi já mencionado, quando em 1940 os alemães tomam Paris, o número de refugiados em Portugal sofre um aumento significativo, com o Estoril e o Hotel Palácio na mesma sintonia.

Desta forma, a zona do Estoril perto da Capital, serve de complemento a Lisboa sobretudo para quem tem posses financeiras. O Hotel Palácio, pela sua dimensão, será uma unidade hoteleira envolvida nesta internacionalização forçada e temporária. Mesmo já antes do início oficial da Guerra, a partir do fim da década de trinta, Portugal é o porto de escala de exilados que ambicionando a América do Norte, acolhendo o Estoril muitos que “abandonam a Alemanha e os países limítrofes”, em nome da sobrevivência.

De acordo com a informação dos Boletins, existe a possibilidade de se verificarem incorrecções no preenchimento, mas este tipo de falhas não é o suficiente para influenciar de forma relevante os totais apresentados.

Da análise dos registos, verifica-se uma elevada percentagem de naturalidade anglo-americana, que supera todas as outras nacionalidades. Debruçando sobre o ano de 1941, com 1981 boletins – o ano recorde de estrangeiros no Hotel Palácio – (Gráfico 5), apresenta um conjunto bastante completo de registo de estrangeiros, que representa o ano em que a Alemanha dominava Europa Ocidental e alastrava ao Sul da Europa, Mediterrâneo e o Norte de África. O conjunto de 1981 registos representam 770 americanos, 381 ingleses, 305 espanhóis e 525 de 39 outras nacionalidades.

Gráfico 5 -Hóspedes inscritos nos Boletins de Alojamento do Hotel Palácio



Fonte: Pacheco, Cristina, *Hotel Palácio Estoril, Boletins de Alojamento de Estrangeiros Boletins Individuais 1939.1945*, 2004, CMC

Segundo Pacheco<sup>146</sup>, em relação às categorias profissionais destes hóspedes, o destaque vai para as funções ligadas à diplomacia, logo a seguir se excluirmos a categoria outras, para a actividade comercial, funções de direcção de empresas e engenharia. De notar que há muitos registos que não têm o campo da profissão preenchido. Da leitura destes resultados, embora que superficial, parece confirmar a ideia de que estes milhares de estrangeiros eram provenientes, na sua maioria, de camadas burguesas com meios económicos. De referir que se registara já a presença, de uma forma alargada, da comunidade espanhola em Cascais por ocasião da Guerra Civil naquele país, sobretudo afecta à causa nacionalista, mais tarde liderada por general Franco, conforme já foi mencionado.

Verificámos também que o período de estadia varia entre um máximo de sete meses e o mínimo de uma noite. Sendo mais frequente os registos de estadias com uma duração compreendida entre uma a duas semanas. A zona do Estoril é caracterizada essencialmente por um movimento contínuo e transitório de estrangeiros em contexto de Guerra, afastando-se, radicalmente, do conceito de zonas de residencia fixa (Gráfico 7).

Querendo confrontar com outra fonte o número de estrangeiros que nesta altura estavam no Hotel Palácio e no Estoril, socorremo-nos da informação oficial, mas um pouco dispersa, do *Anuário Estatístico*, onde consta só o ano de 1939 e referente ao Estoril, mas não consta informação em relação ao Hotel Palácio conforme abaixo se pode observar.

Desta forma, verificamos que o número de turistas estrangeiros de Estoril em 1939, o total de 3065 hóspedes estrangeiros, representa cerca de 10% dos estrangeiros em Portugal (considerando a média de 1933 e 1939) na tabela 8.

Tabela 7- Hóspedes estrangeiros por nacionalidades no Estoril em 1939

<b>País de origem</b>	<b>Total de frequências (hóspedes)</b>	<b>Permanência (diária)</b>
Alemanha	201	2.433
Argentina	108	1.348
Brasil	85	1.344
Espanha	199	3.178
Estados Unidos da América	560	3.999
França	202	2.791
Inglaterra	1 569	19.626
Itália	89	1.826
Venezuela	52	1.109
<b>Total</b>	<b>3 065</b>	

Fonte: INE *Anuário Estatístico de 1939*

<sup>146</sup> Pacheco, Cristina (2004), *Hotel Palácio Estoril, Boletins de Alojamento de Estrangeiros Boletins Individuais 1939.1945*, Cascais, CMC, p.28.

Neste ano de 1939, entre os turistas europeus que frequentaram e permaneceram no Estoril há um maior peso de ingleses. De fora da Europa foram os norte-americanos que vieram em maior número, num total de 560 turistas.

Neste ano descontrolado para a Europa, verifica-se que no Estoril os turistas europeus, os ingleses, os franceses, os alemães e os espanhóis, são os mais frequentes nesta estância. Mas também aparecem hóspedes de países sul-americanos, da Argentina, do Brasil e da Venezuela, com visitantes em menor número, mas que registam as estadias mais prolongadas, aproveitando a proximidade linguística e cultural e a distância entre continentes para prolongar a estada.

Analisando agora os estrangeiros por nacionalidades em Portugal, apesar do *Anuário Estatístico* oficial apresentar, no período de 1930 a 1945, a lista de estrangeiros que viviam no país, os números mantêm-se de 1930 a 1932, de 1933 a 1939 e de 1940 a 1945. Por este facto, só apresentamos os 3 anos: dos 17162 estrangeiros que viviam em Portugal em 1930, passou para 30 463 em 1933, para atingirem os 32 172 em 1940. São os espanhóis, os brasileiros e os ingleses que estão em maior número.

Tabela 8 – Estrangeiros por nacionalidades em Portugal

<b>Nacionalidade</b>	<b>1930-2</b>	<b>1933-9</b>	<b>1940-5</b>
Alemães	853	1 151	2 009
Americanos	142	1 702	1 320
Belgas	186	284	1 042
<b>Brasileiros</b>	<b>3 484</b>	<b>8 632</b>	<b>4 825</b>
Chineses	0	0	127
<b>Espanhois</b>	<b>8 955</b>	<b>13 092</b>	<b>12 043</b>
Franceses	1 109	1 616	1 703
Holandeses	0	0	417
<b>Ingleses</b>	<b>1 148</b>	<b>2 219</b>	<b>3 908</b>
Italianos	324	495	765
Polacos	0	0	1 120
Diversos	961	1 272	2 848
<b>Total</b>	<b>17 162</b>	<b>30 463</b>	<b>32 127</b>

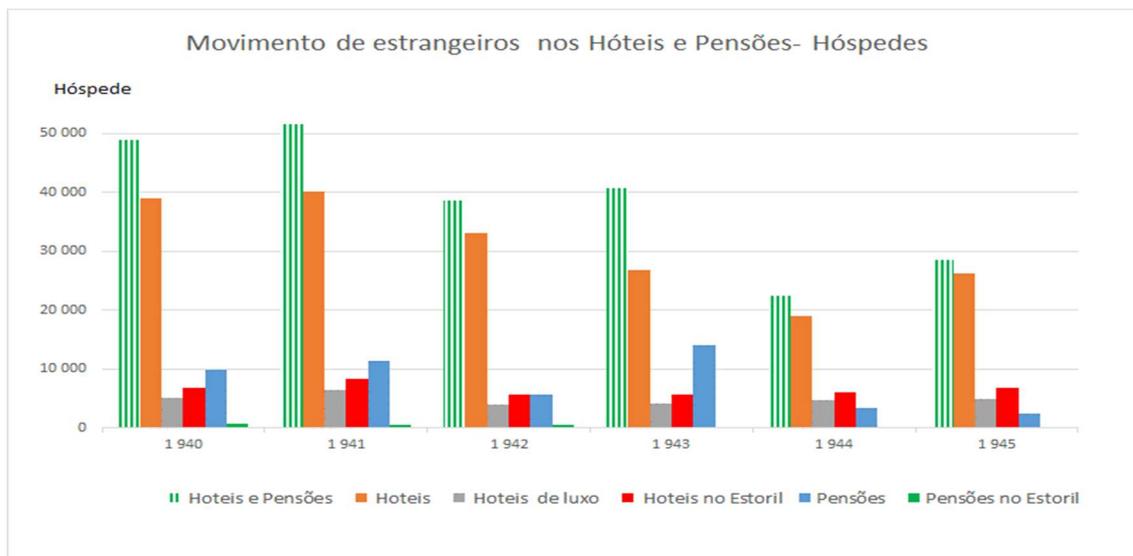
Fonte: INE Anuário Estatístico de 1930 a 1945

Apesar do Estoril e do País, ter registado um decréscimo no número de estrangeiros durante Guerra Civil de Espanha, conforme foi mencionado, na informação apresentada não se pode concluir tal, porque o número mantêm-se constante de 1933 a 1939, fruto de contigência da Estatísticas nesta altura.

Reportando-nos à informação disponibilizada pelo Anuário Estatístico sobre o movimento de estrangeiros em Hóteis e Pensões, que só começou a ser disponibilizada a partir de 1940, publicado pelo Instituto Nacional de Estatística, ajuda a caracterizar a permanência dos estrangeiros no País e no Estoril, no período da Segunda Guerra Mundial (gráfico 6). O movimento de estrangeiros a nível Nacional, em Hóteis e Pensões, em 1940 está em alta, alcançando o pico em 1941, para seguir uma tendência de descida até 1945. Em relação ao Estoril o movimento de hóspedes estrangeiros neste período regista também um ligeiro pico em 1941, mas os restantes anos têm um número de hóspedes

mais contínuo, ou seja, apresentam maior estabilidade quando comparados com a situação do País.

Gráfico 6- Hóspedes estrangeiros nos Hóteis e nas Pensões no País

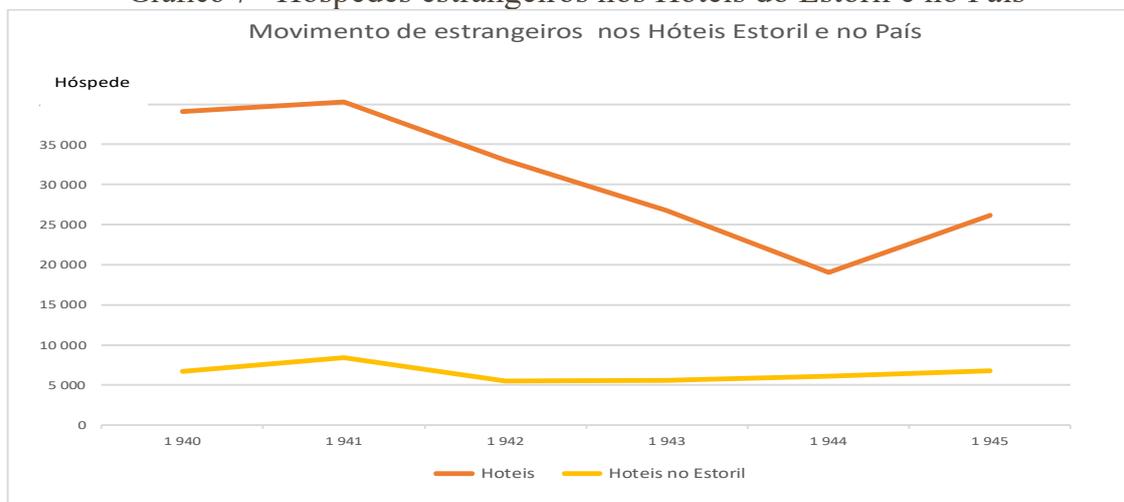


Fonte: INE- Anuário Estatístico de 1940,1941,1942,1943,1944,1945

A nível nacional, em relação aos Hóteis e Pensões, o ano de 1941 regista 51 543 hóspedes, para em 1945 apresentar 28 601, uma descida de cerca de 45%. Os Hóteis justificam esta descida, com menos 35% dos 40 240 anteriores atingem os 26 187. Contudo, os Hóteis de Luxo só decrescem 23%, dos 6 320 decresce para 4 840, enquanto as Pensões apresentam a maior descida, cerca de 78%, dos 11 380 descem para os 2 414 hóspedes.

Desta análise, a nível Nacional, são as Pensões que têm maior peso na descida do movimento hóspedes dos Hóteis e Pensões, ou seja, são os hóspedes com poucas posses que mais rapidamente saem de Portugal.

Gráfico 7 - Hóspedes estrangeiros nos Hóteis do Estoril e no País



Fonte INE- Anuário Estatístico de 1940, 1941, 1942, 1943,1944, 1945

Em relação ao Estoril, como as pensões têm um valor residual e quase não aparecem no gráfico, debruçamo-nos sobre a evolução dos clientes estrangeiros nos Hotéis, onde de 8 384 hóspedes (1941) descem para 6 778 (1945) o que significa uma diminuição de 19%.

A evolução dos hóspedes estrangeiros nos Hoteis do Estoril apresenta uma certa estabilidade; com um ligeiro pico em 1941, para em 1942 registar uma descida. Contudo, os anos seguintes apresentam uma tendência de consolidação, diferente da evolução dos Hotéis a nível nacional (ver gráfico 7).

O Estoril apresenta uma fixação de estrangeiros bastante mais estável do que no restante país, não fosse o único complexo turístico existente em Portugal e perto da capital.

De acordo com os resultados obtidos, no período de 1938 a 1941, a facturação da região duplicou, justifica-se que os resultados financeiros são consolidados por um *glamour* cada vez mais relevante e visível, que ia ganhando mais peso à medida que grandes personagens da política, da moda, do cinema, da literatura, da poesia, da diplomacia, da música e do cinema iam chegando e trazendo consigo uma aura de prestígio que se tornou fundamental para consolidar o sucesso de todo o empreendimento e em particular o Hotel Palácio.<sup>147</sup>

São tantos os estrangeiros que permanecem no Estoril, e os mais endinheirados e com vivências mais cosmopolitas no Hotel Palácio, que vêm com hábitos mais ousados, muitas vezes contrariando o conservadorismo do regime vigente em Portugal, que o Estado Novo publica o decreto-lei nº31:247, de 5 de Maio de 1941, onde se definem medidas e locais para uso do fato-de-banho. Mas as autoridades no Estoril fecham os olhos a esta lei devido ao crescente número de refugiados que vem para a estância.

Apesar desta directiva que também pretendia normalizar o modelo de fato de banho e o seu uso expressamente proibido fora das praias, piscinas e outros locais dedicados à prática de natação<sup>148</sup>, conforme o espírito conservador do regime e do elitismo da classe conservadora que caracterizava algumas localidades da Costa do Sol, já não eram aceites pela população que vivia e frequentava esta zona.

Neste período com uma crescente procura turística, juntam-se nomes que emanam muito prestígio como os duques de Windsor, pela dimensão da fortuna o Barão de Rothilde, o escritor Stefan Zweig, o realizador cinematográfico Herbert Wilcox.

Nesta época, é quando o Hotel Palácio se torna muito famoso devido aos seus hóspedes estrangeiros, com histórias conhecidas a nível mundial. As histórias de alguns hóspedes do Hotel Palácio nesta época são notáveis, como por exemplo Ian Fleming, o famoso espião inglês que criou a personagem James Bond, o espião de ficção, que foi concebido em Portugal, onde o seu criador, Ian Fleming, se inspirou nos segredos de espionagem durante a Segunda Guerra Mundial. Podemos ver o seu registo no Boletim Individual e Boletim de alojamento de estrangeiros, com entrada a 20 de Maio de 1941 (Figura 34).

---

<sup>147</sup> Henriques, João Anibal (2011), *Turismo no Estoril, Apontamentos para uma visita ao Estoril*, Cascais, Academia de Letras e Artes, p. 207

<sup>148</sup> Pacheco, Cristina (2007), *Memórias de Verão, A Costa do Sol e o Estoril nos Anos 30*, Cascais, CMC, p.29.

O espião que marcou Fleming foi Dusko Popov, célebre agente duplo jugoslavo que trabalhava tanto para o serviço secreto britânicos do MI-6, como para a inteligência nazista do Abwehr. Dusko Popov era considerado "bon vivant" e "playboy" e Fleming, no seu James Bond, adotou vários traços do iugoslavo. Popov, cliente do Hotel Palácio, era "muito profissional, com muito boa aparência e com muito sucesso entre as mulheres", segundo “reza” a história.

“Uma das histórias mais típicas é a que relata a vinda de um espião inglês para o Hotel Parque onde se tentou fazer passar por um Alemão. Depois de se hospedar e de beber um copo no bar do hotel estava confiante, falava fluentemente alemão e ninguém parecia dele duvidar. Voltou para o quarto e, ao deitar-se, descobriu debaixo da almofada uma bandeira inglesa e uma velha gravata de Eton. Fora descoberto e alvo de uma brincadeira...”<sup>149</sup>. Esta é uma pequena história de espionagem que ajuda a compreender o clima de caos social que se viva nesta estância de luxo.

Também outra personagem muito conhecida foi Antoine de Saint Exupery, conhecido escritor, conforme o seu Boletim de alojamento de estrangeiros (figura 35).

Figura 34 -Boletim Individual e de Alojamento de Estrangeiros, de Ian Fleming, Hotel Palácio 1941

**BOLETIM DE ALOJAMENTO DE ESTRANGEIRO**  
 Para os efeitos do Art.º 6.º do Decreto N.º 15.884 de 24 de Agosto de 1928, declaro que forneço alojamento ao estrangeiro cuja identidade consta do verso deste boletim.

**PALACIO HOTEL**  
**ESTORIL**

data 20 de Maio de 1941

*Note: O nome e endereço podem ser substituídos pelo carimbo aposto nesse lugar.*

Este espaço só será preenchido na policia.

E \_\_\_\_\_ em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 19 \_\_\_\_  
 S \_\_\_\_\_ em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 19 \_\_\_\_

---

**BOLETIM INDIVIDUAL**  
 Para os efeitos do art.º 1.º do Decreto N.º 16.386 de 18 de Janeiro de 1929

Nome completo / Nom et prénom: Ian Lancaster Fleming  
 Nacionalidade / Nationalité: Inglesa  
 Nascimento / Naissance: local: Estoril, data: 28 de Junho de 1908  
 Profissão / Profession: Governemente Officiel  
 Domicilio habitual / Domicile habituel: England  
 Documento de viagem / Documents de voyage: Passaporte / Passport: N.º 193543  
 Expedido em / Délivré à: Foreign Office  
 Data / Date: 20 de Fevereiro de 1941  
 Auto. N.º: \_\_\_\_\_  
 Data - Date: 20 / 5 / 1941  
 Assinatura - Signature: [Handwritten Signature]

Fonte: Boletim Individual e Boletim de alojamento de estrangeiros de Ian Fleming do Arquivo Municipal de Cascais

<sup>149</sup> Henriques, João Anibal (2011), *Turismo no Estoril, Apontamentos para uma visita ao Estoril*, Cascais, Academia de Letras e Artes, p. 208.

Figura 35 -Boletim Alojamento de Estrangeiros Antoine de Saint Exupery no Hotel Palácio 1940

**BOLETIM INDIVIDUAL** 89

*Para os efeitos do art.º 1.º do Decreto N.º 16.386 de 18 de Janeiro de 1929*  
(Aprovado pelo Decreto Lei N.º 20.327)

Nome completo Nom et prénom		Antoine de Saint Exupery	
Nacionalidade Nationalité		Francesa	
Nascimento Naissance	local lieu	Lyon	
	data date	29 de Junho de 1900	
Profissão Profession		Escritor	
Domicílio habitual Domicile habituel		52 rue Maistre Arg. Paris	
Documentos de viagem Documents de voyage	Passaporte Passeport (a)	Passaport N.º 006	
	Expedido em Delivré à	Charmont-Ferrand	
	Data Date	10 de 10 de 1940	
Auto.		N.º	
(a) Data Date		28 / XI / 1940	
		Assinatura - Signature	
Recebi a declaração de alojamento do estrangeiro: Antoine de Saint Exupery 28 / XI / 1940 (a)			
N.º IB.º		Este talão deve ser devolvido à Repartição que o passou, quando o estrangeiro deixar esse alo- jamento, com a data da saída.	
		Assinatura do funcionário Data da saída do estrangeiro 20 / XI / 1940	

Fonte: Boletim de alojamento de estrangeiros de Antoine de Saint Exupery do Arquivo Municipal de Cascais

São estes refugiados ilustres, assim considerados pelo regime de Salazar, porque tinham posses e estavam instalados em Hotéis de acordo com a sua condição, que dão aurea ao Hotel Palácio e contribuem o *glamour* em toda a zona da Costa do Sol.

Mas, apesar destes refugiados famosos que vinham para o Estoril, destacamos que em plena Segunda Guerra Mundial, em 1941, o Hotel Palácio proporcionou a crianças refugiadas um programa inserido no convite da Sociedade Estoril Plage. Este grupo de crianças ficaria alojado na Colónia Infantil “O Século”.<sup>150</sup>

Em pleno período aureo (1941) de hóspedes do Hotel Palácio, é notícia em *O Estoril*, um jantar íntimo que a sra D. Margot de Topete, hóspede do Hotel, ofereceu a várias pessoas das suas relações e que decorreu no Estoril Palácio Hotel.<sup>151</sup>

Chegando a 1945, com o fim da Segunda Guerra Mundial e olhando para trás, o Hotel, após o pico de hóspedes de 1939 a 1941, também fruto da promoção externa de que foi sempre feita desde o início da inauguração do Hotel, conseguiu atrair desde sempre um número saliente de hóspedes cosmopolitas e ricos que, de acordo com as notícias de *O Estoril*, que publicava com certa regularidade notícias sobre “movimentos de hóspedes” do Hotel Palácio, os hóspedes estrangeiros predominavam em relação aos nacionais.

<sup>150</sup> *O Estoril*, 15 junho 1941, nº260, p.5.

<sup>151</sup> *O Estoril*, 24 janeiro 1941, nº255, p.3.

Os hóspedes ingleses são uma referência, com uma descida entre fins de 1936 a 1939 devido à Guerra Civil Espanhola, mas a partir de 1940 voltam. Os hóspedes espanhóis começam a chegar em 1931, com a implantação da República em Espanha, com uma súbida em 1934, onde predominam os espanhóis pró falangistas, para descer em 1936/37. Mas, entretanto, estrangeiros que habitualmente passam férias em estâncias famosas também vêm descansar no Hotel Palácio, como é notícia as estrelas de Hollywood. Por fim, com o início da Segunda Guerra Mundial em que um número considerável de europeus foge do nazismo e Lisboa é o porto seguro para os Estados Unidos, o Estoril recebe os europeus cosmopolitas e ricos, sendo considerado os anos de ouro deste Hotel, onde o imaginário dos espões das duas facções de Guerra se encontra.

#### 4.7 - Os Hóspedes estrangeiros, novos comportamentos e as novas vivências

Retomando o tema do lazer, para nos determos na moda da pela bronzeada divulgada nos anos 20, pelas estrelas de Hollywood, verifica-se que o tom corporal bronzeado das classes afortunadas tornar-se-ia agora motivo de orgulho e a moda da praia se sobrepõe ao termalismo. Desta forma valoriza-se os corpos bronzeados desnudados que começam a causar espanto e depois vulgariza-se, assim como os desportos náuticos e outras actividades desportivas. Mas não foi só nas actividades ligadas ao lazer que se deram alterações na população. Também as actividades de foro alimentar, de serviços, se foram adaptando às necessidades que os hóspedes estrangeiros evidenciavam e que a população foi absorvendo.

Ao consultarmos as fotografias da época, podemos observar na praia do Tamariz, o tradicional e o vanguardista, pessoas vestidas usando chapéu de chuva para fazer sombra, grupos de homens e mulheres com indumentária de cidade a conversarem na praia, em contraste com as aulas de ginástica ao ar livre. No mar, verifica-se a mesma dualidade, prática de natação, usufruir o mar, pranchas para prática do desafio do mar e nessa mesma zona estão os barcos com pescadores.

Em 1934, é notícia os comportamentos saudáveis das atrizes Frances Day e Heather Thatcher, usufruindo de infraestrua de apoio do Hotel Palácio. A novas maneiras de usufruir o sol, evidenciam novas maneiras de estar. Frances Day, motivada pela procura de repouso, cumpriria uma rigorosa agenda de banhos de sol matinais, exercícios físicos vespertinos, seguidos de aulas de canto. Em entrevista, Day aconselharia as portuguesas a cuidarem-se mais, usufruindo da luz natural, pois o sol era o “melhor modelador de estética” possível. Quanto a Thatcher, após ano e meio a rodar o filme *Conversation Piece*, deslocar-se-ia ao Estoril para recuperar o bem-estar. “Mas a avidez de banhos de sol para bronzeado acabaria por obriga-la a guardar-se no quarto no Hotel Palácio,”<sup>152</sup>

---

<sup>152</sup> Citado no Anjos, Maria Cristina (2012), *O TURISMO NO EIXO COSTEIRO ESTORIL-CASCAIS (1929-1939): Equipamentos, Eventos e Promoção do Destino*, tese de doutoramento Lisboa, UL-FL, p.190

Figuras 36 e 37-Aula de ginástica na Praia do Tamariz e Banhistas na Praia do Tamariz



Fonte 1930:PT/CMCSC-AHMCSC/AEMP/HPL/A/001/001LV001/0449



Fonte-HMCSC/AEMP/HPL/A/001/001 001/0448

Figuras 38 e 39 -Aula de ginástica na Praia do Tamariz e Banhistas na Praia do Tamariz



Fonte 1930:PT/CMCSCAHMCSC/AEMP/HPL/A/001/00V001/04



Fonte:AHMCSC/AEMP/HPL/A/001/001L001/0278

Figuras 40 e 41-Banhistas na Praia Tamariz e Banhistas e os barcos na Praia Tamariz



Fonte: PT/CMCSC-AHMCSC/AEMP/HPL/A/001/001 LV 001/0281



Fonte AHMCSC/AEMP/HPL/A/001/001 LV 01/0282

Como já referimos, os estrangeiros frequentavam a praia, no caso do Estoril, com fatos de banho que para o uso interno representavam excesso de nudismo. Saliente-se que estamos em 1933 e devido às varias peripécias das autoridades junto dos estrangeiros para cumprirem os regulamento sobre uso de roupa para este recintos, é notícia no *O Estoril*, que o regulamento deverá ser impresso em francês e inglês para elucidar os estrangeiros. Passados sete anos, em pleno Estado Novo, para controlar a vivência dos turistas estrangeiros com a população, o decreto-lei nº31:247, de 5 de Maio de 1941, onde se definem as medidas e locais para uso do fato-de-banho.

O desporto é a grande descoberta para ocupação dos tempos livres. A par da ginástica surge a dança e vem para o Casino do Estoril instrutor de dança inglês Wernwe Sundmake<sup>153</sup>, para ensinar o standarizado para o novo estilo inglês que requer dançar num sítio elegante, ao ritmo carinhoso dum bom “Jazz-band”, com uma linda e esbelta senhora, vestir bem à noite. Tal era visto como uma maneira distinta de divertimento com gosto. A uniformização de estilos de dança com a colaboração de os professores de ginástica, levou a que a dança fosse vista como um desporto. Começando por ser uma ocupação elitista, dos hóspedes do Palácio Hotel a serem os praticantes naturais, lentamente este desporto começou a ser praticado nas associações locais.

As aulas de ginásticas ao ar livre e o modo como o professor se equipa tem o efeito de surpresa na população local, contribuindo para um incremento das modalidades, mas ao mesmo tempo que traz novidades sobre o modo de vestir e a moral da altura:

“o curso funciona à beira mar, o aludido professor, que dizem ser estrangeiro, apresenta-se a dar aulas em fato de banho, tão ajustado e tão minguado de pano, que parece ter sido feito de encomenda para lhe realçar as formas de atleta profissional. Como as lições não são feitas debaixo de água, talvez que o professor não percebesse muito em eficiência didactica vestindo ao menos umas calças. Não se lhe viam tão cruamente as formas e talvez que a moral não se desse por ofendida”.<sup>154</sup>

Estamos ainda no incio da década de 30, e assiste-se lentamente à mudança do modo de estar com supresa, mas depois a população vai interiorizá-la, não tão depressa, pois o Regime do Estado Novo vai criar várias leis para que “o mundo dos estrangeiros” permaneça à parte da população em geral.

A prática do desporto fazendo parte do dia-a-dia da grande maioria dos estrangeiros influencia a população local que vive à sua volta. Deste modo surge o organismo para a prática de desporto, fundado pelos funcionários da Estoril Plage. Parte deles trabalha no Hotel Palácio que, em 1939, formam o Grupo Desportivo do Estoril Plage, que pela sua continuidade vai ter um grande impacto na zona e no País (ainda hoje existe este Grupo).

Vai ser o mais notável clube surgido do entusiasmo das práticas físicas na zona do Estoril, o Grupo Desportivo Estoril-Plage (GDEP), fundado a 17 de Maio de 1939 como “Associação de Desporto e Recreio” é composto, sobretudo, por funcionários da SEP. O clube tinha como sede provisória o antigo pavilhão de Golfe defronte do campo de jogos<sup>155</sup>, onde estavam funcionários do Hotel Palácio, conforme já foi mencionado.

---

<sup>153</sup> *O Estoril*, 10 setembro 1933, nº 91, p. 4.

<sup>154</sup> *O Estoril*, 10 setembro 1933, nº 91, p. 4.

<sup>155</sup> Anjos, Maria Cristina (2012), *O TURISMO NO EIXO COSTEIRO ESTORIL-CASCAIS (1929-1939): Equipamentos, Eventos e Promoção do Destino*, tese de doutoramento Lisboa, UL-FL, p.250

O primeiro encontro foi de futebol, entre uma equipa do Hotel Palácio e outra do Hotel Parque e foi logo no mês seguinte à fundação do GDEP. Os seus 400 associados, número superior às colectividades congéneres desta zona, foram o “fermento” do início deste clube que veio trazer prestígio ao desporto nacional<sup>156</sup>.

Seguiram-se depois outros tipos de atividades desportivas, corridas de bicicletas no percurso de 40 Km, em que o Clube Estoril Plage ganha o 1º lugar, ficando em 2º o Clube Atlético de Campo de Ourique. Depois o torneio de ping-pong organizado pelo Clube Estoril Plage, onde a equipa da casa ganhou a uma equipa de 1ª categoria, o CIF.<sup>157</sup>

Na comemoração do segundo aniversário do Grupo Desportivo do Estoril Plage, menciona-se que a fundação do Grupo está dentro de uma empresa de meio milhar de empregados, que além das actividades que já vinham acontecer, também foi introduzida a modalidade da ginástica, prevendo-se a inauguração de uma escola primária para os filhos associados<sup>158</sup>.

Para ilustrar as diferentes actividades desportivas que o Grupo realizava, neste caso a realização do torneio de natação levado a efeito durante o mês de Dezembro de 1943, é notícia que o Fundo de Turismo ofereceu as taças no valor de 13 mil escudos para os vários premiados.<sup>159</sup>

Por fim chegamos à designação do Grupo como hoje, em 2019, é conhecida- Grupo Desportivo Estoril Praia. Para melhorar as condições desportivas do Grupo, é inaugurado o campo de jogos em Maio de 1944, com a nova designação do Grupo-Grupo Desportivo Estoril Praia, estando no acto da inauguração, entre outros, os elementos mais representativos do Futebol Nacional.

No campo da melhoria alimentar, inserido já numa vertente económica, registando a necessidade de abastecimento de produtos de qualidade ao Hotel Palácio, no caso particular do leite pasteurizado “Pensal”, e para comprovar a sua qualidade, os seus laboratórios funcionam sob a fiscalização directa e permanente do Estado, possuindo as que se afirmam como as melhores e mais modernas instalações que existem no País. Iniciando-se de seguida a sua “distribuição ao domicílio em frascos de um, meio e um quarto de litro, ermeticamente fechados, ao preço respectivo de 1\$60, \$80 e \$50.”<sup>160</sup> Este é um caso ilustrativo com uma necessidade que é sentida por este Hotel influencia a zona. A necessidade de controlo de qualidade dos produtos alimentares para este turismo de luxo, mexeu com a melhoria dos bens fornecida à população.

Em 1936, reuniram-se no Casino de Estoril os melhores cabeleireiros do País, para o Grande Concurso Nacional de Penteados<sup>161</sup>, sob o patrocínio da SPCS e do Instituto Nacional de Trabalho, do Sindicato de Cabeleireiros e pelo Grémio dos Industriais de Cabeleireiro. Este acontecimento faz realçar ainda mais esta famosa estância no conceito de nacionais e estrangeiros e também contribuiu para que estes profissionais de cabeleireiro estejam inseridos num percurso ascendente.

---

<sup>156</sup> *O Estoril*, 17 junho 1939, nº246, p.2.

<sup>157</sup> *O Estoril*, 22 setembro 1937, nº249, p.2.

<sup>158</sup> *O Estoril*, 22 setembro 1937, nº249, p.2.

<sup>159</sup> Actas do “Fundo de Turismo da Costa do Sol”, do Arquivo Historico de Municipio de Cascais (1930-1945)-Acta nº51- 31 de maio de 1944.

<sup>160</sup> *O Estoril*, 10 setembro 1933, nº161, p. 2.

<sup>161</sup> *O Estoril*, 31 maio 1936, nº 161, p. 4.

Em *O Estoril*, a notícia de que a Estrada Marginal, entre Oeiras e Cascais, a cargo da empresa “Italo-Portuguesas”, que já iniciou as suas obras, com cerca de mil operários, atenuando bastante a crise de trabalho que se sentia nesta altura, especialmente neste concelho. Sendo adjudicada à firma Waldemar de Orey Lda, o troço entre a praia de Oeiras e a Avenida da Índia, já iniciou os seus trabalhos, prosseguindo com muita actividade.<sup>162</sup> Desta forma mais uma obra de grande envergadura com o objectivo de melhorar a circulação entre Lisboa e o Estoril, em que a chegada de turistas estrangeiros é crucial, mas também serve de melhoria ao desenvolvimento de toda a região, tornando a circulação de bens e pessoas independente da ferrovia.

Deste modo, torna-se evidente o impacto de novas maneiras de usufruir o mar, com a evolução do vestuário do fato de banho e o surgimento de novos desportos, o que desencadeou a prática de desporto nas diferentes camadas da população, sendo a representação máxima o Grupo Desportivo Estoril Praia, assim como o surgimento de outras actividades, na melhoria da indústria alimentar, na sofisticação serviços de beleza e nas infraestruturas. Todas estas grandes alterações e adaptação foram desencadeadas pela necessidades das clientela estrangeira e, por consequência, com melhoria para a população local.

#### 4.8- As duas realidades: hóspedes cosmopolitas e a população local humilde

Está subjacente a este estudo como é que um local que não tinha quase nada no principio do século e com o surgimento deste complexo de turismo, neste caso o Hotel Palácio que durante estes 15 anos foi o mais luxuoso e importante do país e excluindo os impactos estruturais que já escrutinamos, verificamos que novas necessidades surgiram na população local apesar de não terem impacto directo do turismo de luxo da zona.

Constata-se que a população local foi aumentando e foi necessário implementar novas infraestruturas. Mas houve sempre o desajustamento entre as necessidades e os apoios efectivos. Regista-se nesta época a falta de equipamento escolar; problemas nos transportes ferroviários que não estão em função da população local, como já foi referenciado, apesar de ao longo do tempo se terem implementado políticas de apoio a essa mesma população, conforme menciono mais abaixo. A mendicidade era outro problema que persistia na zona. Mas a população também registou os efeitos positivos com criação de postos de trabalho directos e indirectos, estes em vários tipos de actividade económica que gerava riqueza na população.

Em relação ao problema escolar, registou-se que já tinham passado três anos em relação à inauguração do Hotel Palácio, e na zona de mais movimentos não havia escolas, conforme notícia *O Estoril* “constatarmos que a maioria da população escolar está privada do ensino elementar, que é ministrado nos poucos colégios particulares que aqui existem, só acessível alguns meios para pagar as respectivas mensalidades”<sup>163</sup>. Os filhos do povo não tinham direito a essa regalia e só alguns frequentam por caridade os poucos estabelecimentos de beneficência, como era “sentimento” da população de baixos recursos.

Na política de transporte, apesar de durante largos anos ter sido deficitária para a população conforme já explanamos anteriormente, há a registar o anúncio de duas

---

<sup>162</sup> *O Estoril*, 17junho1939, nº 246, p. 7.

<sup>163</sup> *O Estoril*, 8 outubro1933, nº 95, p.1.

medidas, em anos diferentes, mas com efeitos positivos. Em 1935, a Sociedade do Estoril, resolve melhorar a sua imagem junto dos mais desfavorecidos. Estabelece para as crianças a redução de 50% nas assinaturas para todas com menos de 16 anos, cujos pais não podem sair de Lisboa para que possam colher o benefício da frequência das praias de linha de Cascais.<sup>164</sup> Esta forma também irá influenciar a alteração da ocupação dos tempos livres, o gosto pela praia e o que está associado, a prática de natação. A outra medida positiva foi em 1938, a Sociedade Estoril, com vista a aumentar o número de passageiros inaugurou as novas assinaturas sem limite de viagem, com uma redução de preços relativamente importante. Facilitou também a aquisição de senhas para as famílias e pessoal doméstico dos possuidores das assinaturas de 52 viagens mensais, a utilizar durante o ano, o que muito vem beneficiar as pessoas que residem na linha.<sup>165</sup>

Um dos problemas mais graves e com dificuldades de resolução era a mendicidade, que a sociedade considerava como algo que poderia ajudar a resolver. Desta forma o problema era assim exposto: “*comecemos pelas questões da Mendicidade e da Assistência, o primeiro auxílio era a caridade cristã. Com a criação da casa dos pobres de Cascais em 1937. Preocupações com sobrevivência económica, à inauguração da Casas dos Pescadores de Cascais, a 2 de Outubro de 1938*”. Contudo, os problemas da mendicidade já persistiam em 1932, conforme acta do Fundo de Turismo da Costa do Sol, que equacionava medidas para travar ou resolver, mas sem sucesso.<sup>166</sup>

Em 1943, de acordo com o decreto-lei nº19687, de 4 de Maio de 1931, sobre a mendicidade, a policia da Junta de Turismo efectuou a captura de 25 individuos do sexo masculino, 7 do sexo feminino e 6 menores.<sup>167</sup>

A mendicidade era um ponto fraco para o “habitat” do turismo do luxo. Quando os hóspedes eram confrontados com os pedintes, neste caso no meio envolvente do Hotel Palácio, originavam-se situações de desconforto. Para travar este “flagelo”, como se considerava na época, recorria-se ao policiamento para repressão à mendicidade, para além da criação de instituições de cariz social de apoio a esta população desenraizada, cujo único meio de sobrevivência é a mendicidade. E, por outro lado, era sentimento da época que não competia ao Turismo a solução deste tipo de problemas, quando tem por objectivo “conseguir um aspecto geral do país digno de provocar a mais agradável impressão nos... que nos visita“, segundo o *Século Ilustrado* de Fevereiro de 1938.

Em relação aos postos de trabalho na área hoteleira que foram criados, de acordo com o noticiado no *O Estoril*, em 1937, são contabilizados, além dos hotéis do Estoril e da zona envolvente, da seguinte forma:

“Monte de Estoril com 4 hotéis e 5 pensões, totalizando 330 quartos; Estoril com 5 hotéis, sendo 1 de luxo e 6 pensões, totaliza 487 quartos; Cascais com 2 pequenas pensões muito modestas; S.João do Estoril tem 1 pensão com 9 quartos; Parede tem 3 pensões com 30 quartos; A região tem 860 quartos. Daqui se conclui que os Estoris contem toda a capacidade hoteleira do concelho ou

<sup>164</sup> *O Estoril*, 15 junh 1941, nº260, p.6.

<sup>165</sup> *O Estoril*, 26 junho 1938, nº 241, p. 1.

<sup>166</sup>Actas do” Fundo de Turismo da Costa do Sol” do Arquivo Historico de Municipio de Cascais (1930-1945) - “Acta nº13 de 10 de Janeiro de 1932 desta Junta de Turismo refere incidentes sobre a mendicidade. A forma para tentar resolver este flagelo deverá passar por instalação de Cozinha Económica com os Amigos do Monte Estoril a serem contribuir, e por maior policiamento para repressão à mendicidade”

<sup>167</sup> Actas do” Fundo de Turismo da Costa do Sol” do Arquivo Historico de Municipio de Cascais (1930-1945) - Acta nº41 -26 de outubro de 1943.

sejam 820 quartos. Além da indústria hoteleira existente nos Estoris e que dos visitantes apenas vive, existe um estabelecimento termal devidamente equipado, ténis, casino e um campo de golf pitoresco e bem delineado, com 18 buracos.”<sup>168</sup>

Estes números evidenciam o desenvolvimento da zona, com repercussão em várias actividades económicas.

Pocurou-se evidenciar que no ambiente de luxo e cosmopolita há outra realidade oposta. Com este tipo de indústria há criação de postos de trabalhos, com remuneração mensal, cujos trabalhadores e famílias têm estabilidade e, lentamente, criaram-se novos hábitos de vida. Mas, em simultâneo surge a população miserável, atraída pelo ambiente de dinheiro, que desenvolve a mendicidade. Este fenómeno reflete a ausência de políticas públicas para a inserção desta população em actividades económicas. O ambiente de luxo dos Hóspedes deste Hotel vive enconstado ao ambiente humilde e cheio de dificuldades de alguma parte da população.

#### 4.9. Conclusão

A síntese deste capítulo ressalta como a tipologia dos hóspedes foi marcando a política de turismo que o hotel praticava. Tendo sempre presente as dinâmicas sociais e políticas, tanto a nível internacional, como a nível interno, que iam acontecendo.

Como foi evidenciado, os turistas ingleses, espanhóis e também de outras nacionalidades, vieram para esta estância, de clima ameno com hotel de luxo, usufruindo as actividades que gostavam, do golfe, de desportos, do casino e outros tipos de lazer, que proporcionavam uma vivência de luxo e cosmopolita.

Todos estes hóspedes de diferentes nacionalidades trouxeram a novidade de costumes que não eram usuais no País. Não deixa dúvida que foram novas mentalidades e, particularmente, a prática de desporto, que este turismo de luxo trouxe. O golfe, os desportos náuticos, os desportos motorizados, foram os mais marcantes. Foi nesta região que se realizaram as primeiras provas nacionais e internacionais das várias modalidades.

O requinte e as novas vivências que este turismo cosmopolita desencadeou na população portuguesa em especial nas elites, foram marcantes, mas também a população se apercebeu da mudança que a sociedade estava a registar.

---

<sup>168</sup> *O Estoril*, 27 fevereiro 1937, nº197, p.1.

## Parte V - Conclusão

Tendo em atenção o trabalho desenvolvido com o objectivo de refletir sobre a importância do Hotel Palácio do Estoril no período de 1930 a 1945, enquanto agente mudança, nas novas vivências, nos novos comportamentos e nas alterações económicas, dividiu-se a dissertação em três partes.

Na primeira parte, abordamos o início do desenvolvimento do Estoril, nos primeiros trinta anos do século XX, considerando de grande impacto a inauguração do Hotel Palácio do Estoril, em 1930, um facto muito importante no oásis do Estoril de clima ameno. A sua inauguração decorreu numa cerimónia oficial com a presença do Chefe do Estado, com o regime do Estado Novo a aproveitar para dar para o exterior uma imagem de um País moderno.

Retomando o início do século XX, o Estoril era conhecido por zona de pinhal pelo Convento de Santo António e pelas Termas do Viana, quando em 1913, Fausto de Figueiredo e o seu cunhado adquirem as várias quintas do Estoril e a apresentam no ano seguinte o projecto “Estoril: Estação marítima, climatérica, thermal e sportiva”, onde está definido o Hotel Palácio. Durante este período, assiste-se à primeira eletrificação de uma linha ferroviária do País, com partida de Lisboa e com paragem no Estoril, perto do Hotel Palácio. Cria-se na Estoril, no ano de 1927, uma zona de jogo permanente, em que a empresa concessionária é a mesma do Hotel Palácio, datando do mesmo ano a publicação da lei sobre a legalização e concessão de jogo.

O Hotel Palácio está ligado às diferentes etapas do lazer, inicia-se com a necessidade da natureza terapêutica para chegarmos às diferentes maneiras do “bem-estar”. Outro factor importante é o clima ameno, cuja divulgação internacional, desde o início do século, e o cuidado de higiene e salubridade contribuíram para a construção da identidade do Estoril. Neste capítulo debruçamo-nos sobre o grande empreendedor Fausto Figueiredo, que contra tudo e contra todos conseguiu que o projecto inicial de 1914, depois com várias reformulações, fosse concretizado, em que o Hotel Palácio é o espelho dessa vontade.

Na segunda parte, tratámos do Hotel, tendo presente a problemática sobre a importância do Hotel no contexto local e o seu impacto na dinâmica económica e social na zona e na região. No universo de 118 hotéis existentes em Portugal, média entre 1936 e 1944, existiam só 3 hotéis de luxo, no total de 352 quartos. O Hotel Palácio, com 200 quartos, constitui o marco diferenciador da nova hotelaria, comparada com hotelaria de luxo do mundo rico, em Portugal. A localização do Hotel, junto à estação de comboio, num Parque urbanizado com infraestruturas de apoio, casino, termas, jardins e criando condições, para em 1935 se assistir à integração do Hotel no primeiro plano de urbanização do País. O Pano de Urbanização da Costa do Sol surge como elemento estruturante na consolidação de zona de turismo e cosmopolita.

A nível político, o Hotel Palácio inserido no prestígio do Estoril, assumiu um papel de relevo na década de 30. Com o surgimento do Estado Novo, o Governo utilizava muitas vezes este para os seus eventos, ao mesmo tempo com uma propaganda estruturada, que recriava uma nova forma de ser e estar em Portugal virada para a

promoção turístico no estrangeiro e também para consolidação de novos valores nacionais.

Em relação às diferentes infraestruturas que foi necessário implementar para que todo este projecto resultasse, com o Hotel Palácio em evidência, destaca-se o ramal ferroviário, já electrificado aquando da inauguração do Hotel, que em Setembro de 1930 realizou a inauguração do serviço SUD EXPRESS, que ligava Paris à estação do Estoril. Os turistas vinham directamente de Paris e um carro do Hotel Palácio ia recolhê-los. De acordo com o estudo, só a partir da Segunda Guerra Mundial é que se assiste a um forte incremento da utilização deste caminho-de-ferro, explicado pelos refugiados que estavam nesta zona e iam à capital frequentemente.

O Hotel Palácio e as necessidades de formação foram alvo de análise de forma exhaustiva, permitindo evidenciar as suas lacunas. A nível do nacional, e apesar de estar diagnosticado, a formação hoteleira não foi resolvida. Fausto de Figueiredo teve de recorrer à contratação profissionais em França para quadros superiores e para dar aulas a todos os empregados do Hotel, para que o serviço oferecido por este Hotel de luxo correspondesse ao que era expetavel. Também a remuneração do pessoal foi um problema que se arrastou, mas o Hotel Palácio chegou a um acordo remuneratório que serviu de base de negociação para o sector.

Outro fator muito importante, sem o qual o Hotel não sobreviveria, foi a promoção. Assistiu-se a várias formas de divulgação deste destino paradisíaco, o Estoril e com o Hotel a estar incluído em iniciativas conjuntas a nível nacional, iniciativas locais de organismos públicos e privados, essencialmente para o mercado externo, mas também para o mercado interno.

Para que todo este empreendimento fosse executado, e em particular o Hotel Palácio, além da iniciativa privada, foi importante o apoio financeiro do Estado. Como as necessidades financeiras persistiam, em 1934, e através decreto-lei nº23:472 de 19 de Janeiro desse ano, regulamentou-se toda a operação de financiamento para que se completasse o projecto.

De forma sucinta, foram estes fatores mencionados que evidenciam a importância do Hotel no contexto local e na dinâmica económica e social na zona e na região.

A terceira parte refere-se aos Hóspedes deste Hotel, sendo o período da Segunda Guerra Mundial o mais profíquo, o que teve um grande impacto, não só ao nível do turismo, como das mentalidades. Um dos episódios conhecidos, que retrata os novos hábitos do turismo, foi o escândalo em torno dos fatos-de-banho das “refugiadas”, a maior exposição dos corpos em público, e nas esplanadas, o facto de as mulheres fumarem em público, são exemplos de hábitos ainda pouco implantados na sociedade portuguesa, relacionada com as transmutações impostas ao fenómeno «Turismo».

Neste período de quinze anos, os hóspedes ingleses são os que descobrem o Estoril e perduram como uma referência, apresentando uma descida entre fins de 1936 a 1939 devido à Guerra Civil Espanhola, para voltar a subir no início de 1940.

Os hóspedes espanhóis começam a chegar em 1931, com a implantação da República em Espanha, registando uma súbida em 1934, predominando a elite conservadora, os espanhóis pró-falangistas, para descer em 1936/37.

Mas, entretanto, as estrangeiras que habitualmente passavam férias em estâncias famosas também vêm descansar no Hotel Palácio, como é notícia. As estrelas de

Hollywood, com a imagem bronzeada como um sinal de beleza e de “estar na moda”. Simultaneamente, a indústria dos cosméticos lançava no mercado os primeiros cremes solares, verdadeiro pretexto para que o usufruto dos banhos de sol se tornasse algo de *fashionable* e de luxuoso.

A partir de 1939, conforme já foi referido, assiste-se a um novo paradigma, os turistas refugiados, cidadãos europeus que fogem do nazismo, acorrem a Lisboa que é um lugar de passagem para os Estados Unidos.

Com o Estoril perto da capital, os europeus fugidos, mas cosmopolitas e ricos, escolhem o Hotel Palácio para permanecerem. Este período é considerado o dos anos de ouro deste Hotel, onde o imaginário dos espiões das duas facções em Guerra se encontra.

Nesta parte do trabalho, ficou em evidência que os acontecimentos externos, Guerra Civil Espanhola e a Segunda Guerra Mundial, influenciaram o percurso e a actividade do Hotel. Também se procurou escarpulizar as novas práticas sociais que emergiram com a chegada dos turistas, as actividades eram oferecidas pelo Hotel para o bem-estar dos hóspedes e como o modo de vida dos hóspedes estrangeiros influenciou a população local.

Devido à pouca de documentação histórica do próprio hotel, só predominando o acervo fotográfico do hotel no Arquivo Histórico Municipal de Cascais, foi com recurso a alguns documentos de organismos ligados ao turismo e bibliografia histórica que efectuei a minha pesquisa. Também me debrucei sobre a bibliografia de diferentes assuntos para convergir para o Hotel Palácio, para interpretar e contextualizar o trabalho histórico que me propôs.

## Fontes e Bibliografia

### 1. Fontes

#### 1.1 Arquivos e outros sistemas de informação.

ANTT – Arquivo Nacional Torre do Tombo

Arquivo António Oliveira Salazar

Arquivo Histórico Municipal de Cascais

*Actas do Fundo da Junta de Turismo da Costa do Sol* - Arquivo Histórico de Município de Cascais (1930-1945). As atas estão em 2 caixas, CX 1 e 2. Sobre as datas pesquisadas há 5 livros e uma pasta.

Albuns de fotografias produzidas na época do Palácio Hotel, do Arquivo Histórico de Município de Cascais (1930-1945).

Instituto Nacional de Estatística

Turismo de Portugal – Centro de Documentação de Lisboa

#### 1.2 Publicações

*Anuários Estatísticos de Portugal*, Anos 1930 a 1945, Lisboa, INE.

*O Estoril*, publicação periódica, Estoril: 1933-1944.

*Estoril: Estação Marítima, Climaterica, Thermal e Sportiva* (1914), Lisboa, Typographia A Editora Limitada

ORTIGÃO, Ramalho ([1876] 2001), *As praias de Portugal. Guia do banhista e do viajante*, Lisboa, Frenesi.

PACHECO, Cristina (2004), *Hotel Palácio Estoril, Boletins de Alojamento de Estrangeiros Boletins Individuais 1939-1945*, Cascais, CMC.

*Revista do Turismo*, Lisboa: 1936-1945.

#### 1.3 Entrevistas

Entrevista à Dra. Patricia Domingues, secretária de direcção do Hotel Palácio do Estoril, realizada em fevereiro de 2017.

Entrevista à Dra. Maria João Gomes, técnica superior do Centro de Documentação do Turismo de Portugal sobre Enquadramento Político do Hotel Palácio do Estoril 1930 a 1945, realizada em outubro de 2017.

## 2. Bibliografia

ANJOS, Maria Cristina de Carvalho (2012). *O Turismo no eixo costeiro O Estoril-Cascais (1929-1939): Equipamentos, Eventos e Promoção do Destino*, Tese de doutoramento, Lisboa, FLUL.

BRIZ, Maria da Graça Gonzalez (1989), *A Arquitectura de veraneio. Os Estoris 1880-1930*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Tese de Mestrado em História de Arte.

Brito, Sergio Palma (2003), *A Notas sobre a Evolução do Viajar e a Formação do Turismo Vol.II*, Lisboa, Edições Medialivros,

CARVALHO, Cristina (2014), “O Mercado Britânico os Deleites Turísticos no Estoril dos anos 30”, in *Os 100 anos do projeto Estoril 1914-2014*, Cascais, CMC.

CAVACO, Carminda (1979), *O Turismo em Portugal: aspectos evolutivos espaciais*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos., Universidade de Lisboa, I.N.I.C.

CADAVEZ, Cândida (2017) *A Bem da Nação. As representações turísticas no Estado Novo entre 1933 e 1940*, Lisboa, edições 70.

COLAÇO, Branca GONTA e Maria ARCHER, (1943), *Memórias da Linha de Cascais*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira

ENCARNAÇÃO, José (1986), “Para uma história do Turismo no Estoril“, in *III Congresso do Turismo Nacional 75 anos. 1911-1986*, Porto

GANHÃO, Paula (2018), *A Imagem da Nação: as Casas de Portugal no estrangeiro, durante o Estado Novo*, Tese de doutoramento em História Moderna e Contemporânea, Lisboa, ISCTE-IUL.

GUIMARÃES Manuel e VALDEMAR, António (2001), *Grandes Hotéis de Portugal*, Lisboa, Edições Inapa.

HENRIQUES, João Miguel (2011), *Da Riviera Portuguesa à Costa do Sol (Cascais 1850-1930)* – CMC e Edições Colibri.

HENRIQUES, João Miguel (2014) “Breve História do (Vilegia) Turismo no Eixo de Cascais-Estoril (1867-1931)“, in *Os 100 anos do projeto Estoril 1914-2014*, Cascais, CMC.

HENRIQUES, João Miguel e CARVALHO, António (2011), *O Estoril e as origens do Turismo em Portugal (1911-1950)*, Centenário do Turismo em Portugal, Cascais, CMC.

HENRIQUES, João Aníbal (2011), *Turismo no Estoril, Apontamentos para uma visita ao Estoril*, Cascais, Academia de Letras e Artes.

- MARTINS, Maria Luísa Afonso (1996), *A vilegiatura marítima no século XIX de Belém a Cascais*, dissertação de mestrado em História Social e Contemporânea, Lisboa, ISCTE.
- MATOS, Helena (2000), *Costa do Estoril, Um Século de Turismo*, Cascais, Junta de Turismo da Costa do Sol.
- MATOSO, José, (1994), *História de Portugal*, Volume VII, Lisboa, Circulo dos Leitores
- PACHECO, Cristina (2007),” *Memórias de Verão, A Costa do Sol e o Estoril nos Anos 30*”, Cascais, CMC.
- PIMENTEL, Irene Flunser (2001), *História das Organizações Femininas do Estado Novo*, Lisboa, Temas&Debates.
- PIMENTEL, Irene Flunser (1996), “Refugiados”, in *Dicionário do Estado Novo*, dir. Fernando Rosas, J. M. Brandão de Brito, Bertrand Editora.
- PINA, Paulo (1988), *Portugal, O Turismo no século XX*, Lisboa, Lucidus.
- RAUCH, André (2001), “As Férias e a Natureza revisitada (1830-1939)” in *História dos Tempos Livres*, (coord.) Alain Corbin, Lisboa, Editorial Teorema.
- RAMALHO, Margarida de Magalhães (2010), *Estoril, a vanguarda do Turismo*- Empresa Turismo Estoril, edição By The BOOK.
- ROSAS, Fernando (1996), *O Estado Novo nos anos Trinta (1928-1938)*, Lisboa, Editorial Estampa.
- SAUERWEIN, Julio (1955), *Exilados régios no Estoril: quem são, como vivem e pensam, o que esperam*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira.
- SEREM, Ruben (2015), “PORTUGAL E A GUERRA CIVIL DE ESPANHA (1936-1939)”, *Revista Esboços*, Florianópolis, v. 21, n. 32, pp. 204-223.
- SERRÃO, Joaquim Verisssimo (2000), *História de Portugal (1935-1941)* Volume XIV, Lisboa, Editorial Verbo,
- SEVERO, Carlos Manuel de Oliveira (2011), *A cultura balnear na Costa do Sol: para um museu da praia*, dissertação de mestrado em Museologia e Museografia Contemporânea, Lisboa, ISCTE.
- Viajar, Traveling, Viajar- Centenário da 1ª Republica Portuguesa (1910-2010)*, (2010), Lisboa, Turismo de Portugal.